

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

VINICIUS CABRAL

**“ESPAÇO E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS FEMININAS”**

PONTA GROSSA

2015

VINICIUS CABRAL

**“ESPAÇO E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS FEMININAS”**

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora. Prof^ª.Dr^ª. Joseli Maria Silva

PONTA GROSSA

2015

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Cabral, Vinicius
C117 "Espaço e morte nas representações
 sociais das travestis e transexuais
 femininas"/ Vinicius Cabral. Ponta Grossa,
 2015.
 101f.

 Dissertação (Mestrado em Gestão do
 Território - Área de Concentração: Gestão
 do Território: Sociedade e Natureza),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Prof^a Dr^a Joseli Maria
 Silva.

 1.Espaço. 2.Morte. 3.Representações
 sociais. 4.Travestis. 5.Transexuais
 femininas. I.Silva, Joseli Maria. II.
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Mestrado em Gestão do Território. III. T.

CDD: 306.768

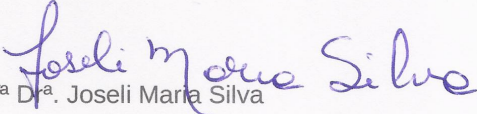
TERMO DE APROVAÇÃO

VINICIUS CABRAL

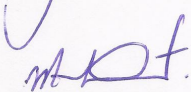
“ESPAÇO E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS FEMININAS”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Profª Drª. Joseli Maria Silva
UEPG


Profª. Drª. Adriana Terezinha Mello Cançado
CESCAGE


Prof. Dr. Marcio Jose Ornat
UEPG

Ponta Grossa, 25 de março de 2015.

Dedico este trabalho à todas as travestis vítimas de violência e morte.

Que suas mortes não tenham sido em vão...

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Estudos Territoriais, por 'salvar vidas' desde de 2003, e isto inclui a minha.

À professora Joseli Maria Silva, pela amizade, pela oportunidade, pelo incentivo e pela paciência tida em meus momentos de gafes, bem como todo o auxílio científico.

Ao professor Marcio Jose Ornat, pela amizade, por sempre estar me incentivando e auxiliando, além das grandes discussões científicas presentes nas caronas.

Ao Grupo Renascer, ao Coletivo ElityTrans, ao Transgrupo Marcela Prado, ao Grupo Diginidade, ao Projeto Renascer.

Agradeço às entrevistadas Azaleia, Iris, Jasmim, Lirio, Margarida, Rosa, Tulipa, Violeta que me auxiliaram nesta pesquisa. Sem suas participações este trabalho não existiria.

Agradeço à Adelaine, Alides, Dryca, Fernando, Caio, Hank, Jéssica, Juliana, Luciane, Lucélia Rodrigues, Mayã, Rodrigo, Vagner e Tamires pela amizade e por todos os momentos de discussão geográfica, bem como as tardes em que partilhamos o café.

Agradeço aos meus familiares em especial a minha avó Evertina, minha mãe Elaine e meu pai Carlos.

Agradeço a minha namorada Fernanda Israel, pelas discussões científicas, pela companhia, dedicação e paciência neste período de escrita da dissertação.

Agradeço ao CAPES e a UEPG pela oportunidade.

Por fim agradeço a tod@s que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

A pesquisa compreende como os espaços de morte são representados pelas travestis e transexuais femininas residentes no estado do Paraná. O espaço é parte integrante da heteronormatividade. Por sua vez, ela constitui a ideia geral que estrutura a pretensa linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Pessoas como travestis e transexuais femininas transgridem as normas estabelecidas socialmente e sofrem uma série de sanções que dificultam sua existência. Este grupo é o mais vulnerável à violência e morte da população LGBT. Sua vulnerabilidade à morte constitui também a forma como as travestis e transexuais femininas constituem suas representações sociais sobre a cidade, notadamente àquelas que elas reconhecem como sendo espaços de morte. As representações sociais são compreendidas como discursos do senso comum que instituem um conjunto de significações em torno do espaço, trazendo para este trabalho a noção do espaço enquanto um texto a ser lido e interpretado por grupos sociais específicos. No caso desta pesquisa, das travestis e transexuais femininas que possuem vulnerabilidade à violência e morte. Para a construção da presente dissertação foram realizadas oito entrevistas em profundidade com travestis e transexuais femininas que, naquele momento, residiam no estado do Paraná. A estimulação do discurso sobre espaço e morte foi realizada por meio da utilização de notícias sobre este tema, veiculadas em jornais *on line*. As entrevistas foram analisadas por meio de análise de conteúdo que possibilitou reconhecer os significados instituidores de representações sociais criadas por travestis e transexuais sobre a relação entre espaço e morte. As representações sociais instituídas pelo grupo trazem a ideia de violência crescente, culpabilizando o próprio grupo pela sua condição de marginalidade e, além disso, traz o território da prostituição como possibilidade de vida e simultaneamente o risco de morte.

Palavras-chave: Espaço; Morte; Representações Sociais; Travestis; Transexuais Femininas.

ABSTRACT

The research comprises as the spaces of death are represented by travestis and female transsexuals who actually lives in the State of Paraná. Space is part of heteronormativity. In turn, it is the general idea that structures the alleged linearity between sex, gender, desire e practice sexual. People like transvestites and transsexuals female transgress the rules established socially and suffer a range of sanctions that make it difficult their existence. This group is the most vulnerable to violence and death of LGBT people. Vulnerability to death also establishes how travestisand transsexuals female are their social representations of the city, especially those they recognize as spaces of death. Social representations are understood as common sense speeches establishing a set of significations around the space, bringing this paper to the concept of space as a text to be read and interpreted by specific social groups. In the case of this research, travestis and transsexuals who have female vulnerability to violence and death. For the construction of this dissertation we performed eight in-depth interviews with transvestites and female transsexuals who at that time resided in the state of Paraná. The stimulation of discourse about space and death was accomplished through the use of news on this topic, conveyed in newspapers online. The interviews were analyzed using content analysis which enabled founders recognize the meanings of social representations created by travestisand transsexuals on the relationship between space and death. Social representations imposed by the group bring the idea of increasing violence, blaming the group for their own condition of marginality and also brings the territory of prostitution as a possibility for life and simultaneously the risk of death.

Keywords: Space; Death; Social Representations; Travestis; Transgender Female.

Lista de Quadros

QUADRO 1

Quadro Comparativo do Assassinatos de Homossexuais no Sul do Brasil entre 2008 e 2013	44
--	----

QUADRO 2

Distribuição geral das categorias discursivas que compõem as representações sociais do grupo.	48
---	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1

Homossexuais Assassinados no Brasil entre 1963 à 2012 39

Gráfico 2

Ocupação das travestis assassinadas entre 2007 à 2011 no Brasil 40

Gráfico 3

Espacialidade das mortes de travestis no Brasil entre 2007 e 2011 42

Gráfico 4

Causa mortis das travestis entre os anos de 2007 e 2011 no Brasil 43

Gráfico 5

Evocações sobre a razão de haver assassinatos de travestis (T) e transexuais femininas (TF) na sociedade brasileira 52

Gráfico 6

Percepção das notícias de morte de travestis/transexuais femininas veiculadas nos jornais..... 55

Gráfico 7

Relação entre cotidiano e morte de travestis e transexuais femininas..... 58

Gráfico 8

Elemento das notícias que menos agradam às travestis e transexuais femininas..... 61

Gráfico 9

Casos de grave violência e risco de morte lembradas pelas entrevistadas 62

Gráfico 10

Experiências diretas de Travestis e Transexuais Femininas com casos de morte 63

Gráfico 11

Experiências pessoais de preconceito e discriminação sofridas por travestis e transexuais femininas	67
---	----

Gráfico12

Formas de violência retratadas por travestis e transexuais femininas.....	70
---	----

Gráfico 13

Avaliação sobre a violência na vida das travestis e transexuais femininas.....	71
--	----

Gráfico 14

Imagem da sociedade sobre morte de travestis e transexuais femininas	72
--	----

Gráfico 15

Temor de formas de violência por parte de travestis e transexuais femininas	74
---	----

Gráfico 16

Espaços de vulnerabilidade à morte na interpretação de travestis e transexuais femininas	75
--	----

Gráfico 17

Tipos de experiências de atendimento em instituições de saúde	76
---	----

Gráfico 18

Projeção do envelhecimento por parte de travestis e transexuais femininas	79
---	----

Questão 19

Expectativas de futuro relatadas por travestis e transexuais femininas	82
--	----

Gráfico 20

Ideia de morte de si	84
----------------------------	----

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO 1- ESPAÇO E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS FEMININAS.....	17
1 - Vivência travesti/transsexual feminina, espaço e representações sociais.....	17
2 - Vulnerabilidade, violência e morte de travestis/transsexuais femininas.....	30
3 - A visibilidade da morte de travestis/transsexuais femininas no Brasil e Paraná.....	37
CAPÍTULO 2 – VIDA COTIDIANA E PERCEPÇÃO DA VULNERABILIDADE À VIOLÊNCIA DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS FEMININAS.....	45
4 - A percepção da vulnerabilidade social de travestis/transsexuais femininas à morte.....	45
5 - A morte como elemento cotidiano da vida das travestis/transsexuais femininas.....	54
CAPÍTULO 3 - ESPACIALIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS SOBRE O RISCO DE MORTE.....	66
6 - A morte de travestis e transsexuais femininas: o ponto final da trajetória de preconceito, discriminação e violência em suas experiências espaciais concretas.....	66
7 - A morte como elemento da vida cotidiana e as representações sociais sobre futuro: a luta pelo direito de envelhecer.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFÊRENCIAS.....	90
Apêndice.....	95
Apêndice 01 - Roteiro de Entrevista com as Travestis e as Transsexuais Femininas.....	95
Anexos.....	96
Notícia 1 - Travesti de 40 anos é encontrado morto em apartamento de Curitiba.....	96
Notícia 2 - Travesti de 38 anos é encontrada morta com golpe na cabeça em Porto Alegre.....	97
Notícia 3 - “Chacina” contra travestis aterroriza Indaial e região.....	98
Notícia 4 - Três travestis mortos em dez dias em Curitiba.....	99
Notícia 5 - Segundo travesti é encontrado morto em Indaial em menos de um mês	100
Notícia 6 - Outro travesti é assassinado em Curitiba.....	101

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa desenvolvida tem como questão central: Como os espaços de morte são representados pelas travestis e transexuais femininas? Esta questão deu origem a outras sub-questões: 1- Qual é a relação entre a vida travesti/transexual feminina e a sua vulnerabilidade à violência? 2- Como as travestis/transexuais femininas representam a morte em sua existência? 3- De que forma as espacialidades constituem as representações sociais de travestis/transexuais femininas em torno do risco de morte?

Estes questionamentos sofreram alterações ao longo da trajetória de campo, notadamente pelo próprio trânsito identitário que os sujeitos colaboradores da pesquisa apresentam. Toda a investigação, baseada nas experiências de espaços de morte de travestis, sofreu uma mudança quando algumas pessoas passaram a se identificar como transexuais. Embora não haja uma diferença aparente entre elas e nem mesmo fatos concretos que as possibilitem estabelecer diferenças entre os termos travesti e transexual, algumas delas adotaram o termo transexual para se auto-identificar. Então, a pesquisa entrou em um impasse. O primeiro era desconsiderar aquelas pessoas que se auto-identificavam como transexuais, mesmo que durante um tempo de sua vida se identificassem como travestis. O segundo, era continuar a pesquisa, sem se preocupar em estabelecer diferenças e classificações a partir de outros critérios que não fossem a auto-declaração.

Durante o processo de pesquisa, ficou claro que não há diferença entre níveis de discriminação e violência sofridos por elas; apesar das diferenças nas identidades de travestis e transexuais femininas, elas transgridem a linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual.

As identidades são transitórias e, no caso desta pesquisa, pode-se afirmar que foi o acesso das travestis ao discurso médico, bem como às políticas de saúde – implementadas no Brasil em 2008 – que se passou a permitir que as cirurgias de transgenitalização fossem realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, a fala de Boulevard (2013) permite observar a transitoriedade da identidade das travestis e transexuais femininas.

Mas uma travesti tem isso. Nós mudamos o tempo todo, a forma como olhamos o mundo, nossos corpos e a relação de nossos corpos com este

mundo. Antes eu não queria fazer uma operação de transgenitalização. Não tinha cabeça para isto, pois achava que seria uma mutilação. [...] Hoje eu gosto do meu corpo, se eu escolhi esta opção, eu tenho que gostar. Gosto tanto do meu corpo agora que eu faço tratamento psicológico para poder fazer minha cirurgia de mudança de sexo. (BOULEVARD, 2013, p.73-74)

O fato é que travestis e transexuais são alvos da mesma 'transfobia', e nesse sentido, optou-se por respeitar a auto-identificação expressa pelas pessoas no momento de sua entrevista e evitar classificações arbitrárias. Esta pesquisa não tem a pretensão de compreender as diferenças entre travestis e transexuais e os trânsitos entre estas classificações. Apenas se considera que tanto transexuais femininas como travestis apresentam nítida transgressão da linearidade sexo e gênero e, nesse sentido, são alvo de preconceito, discriminação e violência.

A trajetória enquanto pesquisador e a forma como o objeto de pesquisa foi sendo construído se relacionam aos vínculos de amizade e militância LGBT desenvolvidos nos últimos 5 anos, tanto a partir do Grupo de Estudos Territoriais (GETE), como pela instituição não governamental Grupo Renascer. Nestes 5 anos, de convivi-o com o Grupo das travestis e transexuais femininas, inúmeras vezes se teve conhecimento de violências que as travestis e transexuais femininas sofriam, e até mesmo relatos de história em que travestis perderam a vida. Em todo este cenário, foi constado que embora o risco de violência, e até mesmo de morte seja bem mais elevado do que para muitos heterossexuais, o grupo não deixa de viver.

As questões estabelecidas levaram à tomadas de posições conceituais e metodológicas que devem ser aqui explicitadas. Do ponto de vista conceitual, foi necessário considerar o espaço para além de sua materialidade e objetividade. Souza (1997), por exemplo, argumenta que a dimensão material do espaço social, formulada pelos autores marxistas, é um ponto de partida válido. Todavia, segundo o autor, não é um ponto de chegada de uma conceituação exigente. Neste sentido, o autor argumenta que o espaço não é uma instância apenas objetiva, pois o espaço em sua objetividade é constituído pela intersubjetividade, ou seja, sua materialidade é repleta de significações exclusivas de cada indivíduo. A este processo, o autor define como subjetividade. Por outro lado, quando esta subjetividade é compartilhada por vários indivíduos, ela se torna intersubjetiva.

A partir das reflexões que desenvolveram as Geografias Feministas e Queer, fortemente aliadas com a perspectiva cultural, pensamos que há possibilidade de que a

materialidade e objetividade não sejam o ponto de chegada sobre as conceituações de espaço, mas talvez um ponto de partida válido. As propostas de algumas geografias feministas e *queer*, como a de Massey (1999), entendem o espaço como um sistema de inter-relações, múltiplo e sempre em construção, o qual a autora intitula de espacialidade. O espaço ou espacialidade, nestas perspectivas não é algo que está dado, mas algo que se faz e desfaz constantemente, a partir das ações e relações de poder que são permanentemente negociadas socialmente entre sujeitos e/ou grupos sociais. As pessoas, por sua vez, possuem uma existência que é permeada pelas relações sociais e espaciais partilhadas socialmente.

Portanto, as pessoas não são entes isolados, mas se fazem na experiência social e espacial. As interpretações sociais sobre as pessoas geram classificações com as quais todos os seres humanos têm que negociar constantemente, como é o caso das significações em torno dos corpos.

Para dar conta das questões propostas nesta pesquisa, diversos procedimentos metodológicos foram realizados. A escolha do estado do Paraná como recorte espacial está relacionado ao fato de que as estatísticas de morte de travestis no Sul do Brasil de 2008 a 2013, apresentaram o Paraná como sendo aquele que tem os maiores índices de violência e morte no sul do Brasil. Inicialmente, foi tomado como recorte espacial as travestis e transexuais femininas moradoras do estado do Paraná. Contudo, pelo fato de que esta pesquisa tratar das representações sociais do espaço, a idéia de realizar um recorte espacial sobre a posição física atual enquanto moradoras do Paraná não cobria a complexidade do fenômeno. Assim, embora os sujeitos entrevistados estejam atualmente residindo no Paraná, temos a consciência que suas representações são criadas por experiências acumuladas a partir de uma multiplicidade de espacialidades. Optou-se, então, por não explicitar a condição de moradoras do Paraná no título do trabalho por entender que as representações sociais de travestis e transexuais femininas extrapolam o recorte espacial físico.

Conforme Sá (1998), a partir do critério de saturação, podemos observar que a medida em que o número de entrevistas ocorrem, elas convergem a um ponto que o conteúdo das falas passa a se repetir, não importando se são feitas muitas entrevistas ou poucas.

A busca do contato das Organizações Não - Governamentais (Ongs) do Paraná, a partir da rede de Ongs filiadas à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e

Travestis e Transexuais¹ (ABGLT), e a participação no XX Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta contra AIDS (ENTLAIDS), possibilitou que se desenvolvesse uma rede de contatos com as Ongs ativas, que atuam no movimento LGBT no estado do Paraná. São elas: Transgrupo Marcela Prado, Grupo Dignidade, Grupo Renascer, Projeto Renascer, e o Coletivo ElityTrans. Após o contato com as presidentas de Ongs com o auxílio do pesquisador Dr. Marcio Jose Ornat, via telefone, a pesquisa foi explicada e pedido para marcar entrevistas, tanto com as presidentas das Ongs, como que elas convidassem travestis e transexuais femininas, para participar da pesquisa. Após o agendamento das entrevistas, os pesquisadores foram realizar suas respectivas entrevistas.

Houve um total de 8 entrevistadas que participam de alguma Ong LGBT e residem no estado do Paraná. Embora, elas sejam moradoras do estado do Paraná (em eterno trânsito) os trabalhos de Ornat e Silva (2010) e Ornat (2011) mostram que elas possuem fluxos espaciais intensos e, portanto, elas apresentam a condição de moradoras no estado do Paraná no período do trabalho de campo (2013 à 2014). No entanto, devido a suas vivências, suas representações são multi-escalares.

Para proteger as 8 entrevistadas, optamos em renomear aleatoriamente seus respectivos nomes por de flores. Desta forma, apresento aqui as entrevistadas, que possibilitaram esta pesquisa:

Rosa, é uma travesti de 50 anos, que participa do Transgrupo Marcela Prado, do APADDI e do do Dom da Terra, atualmente reside em Colombo, é Diarista/Governanta e nunca atuou na atividade da prostituição.

Iris, é uma travesti de 42 anos, que reside em Ponta Grossa, atualmente é Agente de Ação Social da Ong Grupo Renascer e já atuou na atividade da prostituição.

Azaleia, é uma transexual feminina de 40 anos, atualmente é Presidenta do Trans Grupo Marcela Prado, reside em Curitiba e já atuou na atividade da Prostituição.

Margarida tem 37 anos, é uma transexual, que atualmente reside em Londrina, é Presidenta do Coletivo ElityTrans e Cabeleireira e já atuou na atividade da prostituição.

Violeta tem 35 anos, é uma travesti que reside atualmente em Apucarana, é Secretária do movimento LGBT da Ong Projeto Renascer e já atuou na atividade da Prostituição.

Tulipa tem 34 anos, é uma travesti que reside atualmente em Londrina,

¹ Disponível em <http://www.abglt.org.br/port/resultadoafil.php?pesquisa=sul&submit=Buscar>

participa do Coletivo ElityTrans e, atualmente, é Profissional do Sexo.

Jasmim é uma transexual, tem 22 anos, participa do Coletivo ElityTrans, atualmente mora em Londrina, é Estudante e já atuou na atividade da prostituição.

Lirio é uma Travesti, tem 21 anos, participa do Coletivo ElityTrans, atualmente mora em Londrina, é Estudante e nunca atuou na atividade da prostituição.

Para a realização destas 8 entrevistas foram utilizadas 6 notícias de jornais *on-line*, as quais foram retiradas na íntegra e padronizadas em um modelo de *layout* conforme o anexo 1, notícia 1 – 6. Estas notícias eram apresentadas antes da aplicação dos roteiros de entrevistas, visando sensibilizar as entrevistadas sobre a temática do preconceito, violência e morte na vivência das travestis e das transexuais feminina.

O roteiro de entrevista (apêndice 1²) foi aplicado a todas as entrevistadas, sendo elas presidentas de Ong ou apenas participantes. As 8 entrevistas foram gravadas por intermédio de um gravador de voz digital Sony ICD-PX312 e totalizou aproximadamente 9 horas de entrevistas. Estas 9 horas de fala foram transcritas posteriormente de forma manual, com o auxílio do *software Digital Voice Editor 3.0*, preservando a forma informal do diálogo durante o ato da entrevista. Posteriormente estas entrevistas foram analisadas através da proposta de Bardin (1977) sobre a análise de discurso, produzindo 622 evocações.

Para Bardin (1977), o discurso é determinado a partir de dois elementos, sendo eles 'suas condições de produção' e o 'sistema linguístico'. Para a autora, após ter conhecimento sobre estes dois elementos, pode-se descobrir a estrutura organizadora ou o processo de produção, através das análises da superfície semântica e sintática desse discurso. Ou seja, as condições de produção servem como uma forma de seleção/valorização de determinados elementos na fala/no discurso. É por meio destes elementos que a fala se torna um domínio semântico, ou em outras palavras, uma rede semântica, em que os elementos que compõe a fala/discurso dependem uns dos outros.

As 8 entrevistas são o elemento-chave na compreensão dos relatos sobre a relação entre a vivência travesti e o risco de morte. No entanto, para ajudar a compreender o discurso das travestis, realizamos uma sistematização nos relatórios anuais do Grupo Gay da Bahia dos anos de 2007 à 2011, através das tabelas temáticas de 'ocupação das travestis assassinadas', 'espacialidade dos crimes' e 'causa mortis dos assassinatos das travestis'. Esta sistematização produziu os gráficos referentes aos anos

² O roteiro se encontra na página 93.

de 2007 até 2011 sobre cada um destas temáticas.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda os conceitos fundantes da questão central estabelecida, como espaço, morte e representações sociais e, além disso, traz o cenário de visibilidade da morte de travestis no Brasil e, especificamente, no estado do Paraná. O segundo capítulo traz as representações de morte criadas pelas pessoas foco desta pesquisa, como travestis e transexuais femininas, procurando conhecer sua aproximação e os significados em torno da experiência da morte, notadamente pela vulnerabilidade social do grupo a sofrer ações de discriminação, violência e morte. O terceiro capítulo examina a vinculação estreita entre as representações sociais da morte instituídas pelo grupo e o espaço que se institui por meio destas representações.

CAPÍTULO 1- ESPAÇO E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS FEMININAS

Este capítulo tem por objetivo trazer os conceitos que sustentam a dissertação de mestrado, cujo eixo norteador é a seguinte questão central: Como os espaços de morte são representados pelas travestis e transexuais femininas moradoras do Paraná? Esta questão levou a uma exploração conceitual capaz de constituir a inteligibilidade do fenômeno em tela. O capítulo está estruturado em três partes complementares. Na primeira parte abordamos os posicionamentos teóricos sobre o fenômeno, evidenciando que nem todas as perspectivas de espaço são capazes de produzir visibilidade à existência de pessoas que transgridem a ordem hegemônica da linearidade entre sexo, gênero e desejo. Na segunda seção exploramos a paulatina construção da vulnerabilidade de travestis e transexuais femininas ao processo de violência e a morte e na última parte deste capítulo evidenciamos as formas com que a sociedade tem criado uma política de marginalização constante dos sujeitos foco da pesquisa.

1 - Vivência travesti/transexual feminina, espaço e representações sociais

A forma como se instituem pessoas que se auto-identificam travestis ou transexuais está diretamente associado às formas de classificação social. As classificações são construções sociais que paulatinamente acabam forjando as existências que são ao mesmo tempo individuais e coletivas. A classificação ocidental hegemônica dos corpos humanos, conforme Laqueur (2001), tem um forte fundamento na modernidade e no crescimento do discurso científico ocidental.

O autor (2001) evidencia, a partir de relatos médicos, que, ao longo da história da humanidade, houve uma transformação na maneira de se pensar as diferenças anatômicas de homens e mulheres. Antes da modernidade as diferenças anatômicas eram compreendidas como sendo graus de perfeição dentro de um mesmo sexo. Esta teoria de 'um só sexo' é entendida como isomorfismo, e a escala de perfeição variava da perfeição correspondida pelos corpos masculinos em que o pênis era externalizado, fruto de uma maior quantidade de calor no desenvolvimento embrionário; em contrapartida os corpos femininos eram menos desenvolvidos, pois apresentavam um 'pênis' internalizado, fruto de uma menor quantidade de calor no desenvolvimento embrionário.

Já na era moderna, com a vasta gama de avanços científicos-tecnológicos, o modelo antigo passa a ser superado, e assim a atual divisão de sexos é nomeada como dimorfismo (dois sexos), em que homens e mulheres possuem genitálias próprias. Laquer (2001, p.190) ainda defende que “os dois sexos, em outras palavras, foram inventados como um novo fundamento para o gênero”, desta forma sexo e gênero acabam sendo adotados pela civilização ocidental enquanto sinônimos, e consequentemente aqueles que não se enquadram a um dos pólos pênis/masculino e vagina/feminino sofre diversas consequências como é o caso das travesti e transexuais femininas.

A partir da consideração de pessoas que são inteligíveis à linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, há aquelas pessoas que escapam a matriz heteronormativa, assim como argumenta Butler (2005, 2006 e 2007). O modelo normativo que compreende a estrutura binária dos gêneros, servindo para manter o estabelecimento da ordem heterossexual, é proposto pela autora como 'heteronormatividade'. A heteronormatividade se efetiva pelas instituições, pelas estruturas e modelos de pensamento e comportamento que colocam a heterossexualidade como o padrão natural das relações humanas e serve para desqualificar aquelas que não seguem o padrão hegemônico.

Butler (2003) considera o gênero como

a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER. 2003, p. 59)

Assim, o gênero é uma ficção reguladora que mantêm o poder de organizar e hierarquizar pessoas em uma dada matriz de inteligibilidade social. É neste processo que determinadas identidades, que atendem a linearidade compulsória entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, se tornam inteligíveis; em contrapartida, aquelas em que, segundo Butler (2003, p.39), “o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não 'decorrem' nem do 'sexo' nem do 'gênero’” não devem existir, para poder legitimar a heterossexualidade compulsória da sociedade heteronormativa.

É nesse ponto que a vivência travesti e transexual feminina dialoga com as reflexões de Butler (2003), pois elas não correspondem a linearidade que a heterossexualidade compulsória deseja, uma vez que o sexo biológico, corresponde ao sexo biológico macho, no entanto as travestis e transexuais femininas se projetam para o

mundo a partir de suas identidade de gênero femininas, desta forma, elas sofrem diversas punições.

A formulação de identidades hegemônicas torna possível a existência do processo de abjeção, o qual foi explorado por Butler. Em entrevista concedida à Prins e Meijer (1998, p.161), Butler argumenta que os corpos abjetos “não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cuja vida não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante”. Embora Butler quando tenha cunhado o termo da abjeção não tenha pensado diretamente na sexualidade, este termo acaba que por abarcar todos os grupos que não se enquadram na lógica heterossexual vigente, inclusive o grupo das travestis e transexuais femininas.

A tendência da linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual relacionada ao processo de abjeção cria uma norma heterossexual, a qual é entendida por Butler (2003), como heteronormatividade. Este processo legitima um grupo a partir de suas sexualidades, em detrimento de outros grupos. Desta forma, a vivência travesti e transexual feminina é observada pela sociedade heteronormativa, como despreendida de importância, e conseqüentemente, sem direito à cidadania.

De um lado temos que a visão da sociedade heteronormativa em reação às travestis e transexuais femininas é que a vida delas não tem importância. De outro, podemos entender a vivência do grupo a partir da problemática apresentada por Mbembe (2003). Este autor tem como ponto de partida as discussões de Foucault sobre biopoder, que entende a divisão daqueles que devem viver e morrer, a partir de uma relação biológica, e cita como uma das ferramenta do biopoder o racismo. No entanto, o autor vai além desta relação biológica, trazendo interesses culturais defendendo a idéia da necropolítica, a qual ele entende como sendo a soberania do Estado moderno, em subjugar à vida ao poder da morte, definindo aqueles que devem viver e os que devem morrer.

Desta forma, se o Estado reflete os anseios heterossexuais, e a vivência travesti e transexual feminina já não dota de importância, a morte destas é assegurada mediante uma política da morte do grupo. Esta política é feita quando o Estado heteronormativo negligencia a situação de vulnerabilidade do grupo. Assim, permite a partir da omissão, que existam casos de transfobia, discriminação, violência e, conseqüentemente, a morte.

Podemos visualizar a possível relação entre o processo de abjeção e a necropolítica, de maneira subjetiva em outra literatura. Valentine (1993), ao trabalhar com

o grupo de mulheres lésbicas, demonstra que elas evitam expressar sua sexualidade publicamente nas diversas espacialidades, pois, quando elas têm sua sexualidade exposta, acabam que por sofrer hostilidades. Quando a fronteira heterossexual de uma espacialidade é transgredida, o sujeito considerado transgressor acaba por sofrer diversas consequências. Desta forma, a autora defende que a heterossexualidade é algo poderoso expresso no espaço, tanto por intermédio do espaço físico como pela organização social. Assim, a heterossexualidade exclui as pessoas que não se enquadram na heteronormatividade vigente e acaba por reproduzir a hegemonia espacial heterossexual, uma vez que os diversos grupos não correspondentes a esta norma vigente, ao expressarem suas sexualidades, sofrem diversas hostilidades até a morte, como é o caso das travestis e transexuais femininas.

Conforme Silva e Ornat (2013) o mundo acadêmico brasileiro buscou incorporar o termo '*transgender*' para se falar de travestis e transexuais femininas, no entanto os autores argumentam que o próprio grupo não sente contemplado pela utilização deste termo. Já a descrição exposta nos dicionários sobre o significado de travestis enquanto "pessoas que se disfarça com adereços do sexo oposto" também não representação a realidade do grupo, pois elas se colocam como pessoas que possuem sexo masculino e uma identificação feminina durante vinte e quatro horas por dia.

Esta definição trazida pelas próprios travestis, poderia ser entendido enquanto a de transexual femininas, se considerássemos as definições da classificação internacional de doenças (Cid). A Cid – 10³ de 2007, no capítulo V – Transtornos Mentais e Comportamentais, na seção Distorções da personalidade e do comportamento adulto (F.60-F-69), em que entende-se a transexual enquanto portadora de transexualismo que é um 'transtorno da identidade sexual' (F.64), entendido enquanto

[...] um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado. (CID 10, F64.0 Transexualismo⁴)

O fato é que várias pessoas, inclusive do mundo acadêmico, já procuraram construir interpretações para corpos transgressores da linearidade sexo, gênero e desejo

³ Disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm> Acesso em 1 de setembro de 2014.

⁴ <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>

como por exemplo Santos (1997⁵), Stryker (2006⁶), D. Valentine (2007⁷), Doan (2010⁸). Entretanto, as interpretações geradas por tais autores, baseados na realidade anglófona, tendem a ser limitadas para compreensão das travestis e transexuais femininas brasileiras, conforme já argumentado por Silva e Ornat (2013).

Desta forma, para esta pesquisa optamos em não estabelecer classificações a partir das definições contidas em dicionários, na Cid, de outras realidades e de definições científicas, mas adotar sua auto-identificação e considerar o elemento que as coloca em situação de abjeção que é a não linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. E é justamente este elemento que constitui sua existência espacial complexa e contraditória, já que o espaço, enquanto uma dimensão social, possui fortes características heteronormativas, como argumentam vários geógrafos das sexualidades como Valentine (1993), Namaste (2000), Ornat (2013) e Silva (2013).

O espaço é um conceito chave da ciência geográfica. Segundo Corrêa (2000) no clássico livro brasileiro 'Geografia, conceitos e temas' argumenta que o conceito adquire relevância com a expansão e fortalecimento da Geografia crítica, com bases marxistas. O aprofundamento da Geografia marxista no Brasil após os anos 80 tem importante impacto sobre a definição de espaço e sua legitimação junto à comunidade geográfica brasileira. O espaço, para esta corrente, pode ser entendido na proposta de Santos (1986⁹),

o espaço, como as outras instâncias sociais, tende a reproduzir-se, uma reprodução aplicada que acentua os seus traços já dominantes. A estrutura espacial, isto é, o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias o espaço embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias, específicas de sua própria evolução (SANTOS, 1986, p.145)

Embora a Geografia brasileira tenha sido fortemente marcada pela perspectiva marxista, reduzindo a perspectiva espacial à análise das lutas de classe e da produção e reprodução, bem como das relações capitalistas de produção, ao final dos anos 90, já se

⁵ SANTOS, Jocélia Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": Idumentária e travestismo na Bahia do Século XIX. **Revista de Antropologia** – USP. v.40, n.2, p.145-182, 1997.

⁶ STRYKER, Susan. (De)Subjugated Knowledges: An introduction to transgender studies. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Orgs.) **The transgender studies reader**. London: Routledge, 2006, p.1-17.

⁷ VALENTINE, David. **Imagining Transgender** – an ethonography of a category. London: Duke University Press, 2007.

⁸ Doan, Petra L. The tyranny of gendered spaces - reflections from beyond the gender dichotomy **Gender, Place and Culture** 17 n. 5, p. 635-654, 2010.

⁹ A primeira edição do livro 'Por uma Geografia Nova' foi pública em 1978.

pode observar a agregação de elementos que envolvem as subjetividades.

Souza (1997), por exemplo, argumenta que a dimensão material do espaço social, formulada pelos autores marxistas, é um ponto de partida válido. Todavia, segundo o autor, não é um ponto de chegada de uma conceituação exigente. Neste sentido, o autor argumenta que o espaço não é uma instância apenas objetiva, pois o espaço em sua objetividade é constituído pela intersubjetividade, ou seja, sua materialidade é repleta de significações exclusivas de cada indivíduo. A este processo, o autor define como subjetividade. Por outro lado, quando esta subjetividade é compartilhada por vários indivíduos, ela torna-se intersubjetiva.

Como visto anteriormente, a consideração da relação entre o espaço e a sociedade tem muitas vertentes. Pode-se dizer, então, que se considerarmos a idéia da organização social a partir da linearidade entre sexo, gênero e desejo, o espaço é a parte componente de tal organização. Duncan (1990), estabelece a proposição de que o espaço não é universal, mas depende da interpretação que os diferentes grupos sociais fazem da paisagem urbana. A proposta de Duncan (1990) pode ser observada no trecho a seguir

[...] é uma nova emocionante interdisciplinaridade que aproxima a cultura e a produção cultural que vê estes não apenas como um sistema de significação, mas como textos que se prestam a múltiplas leituras. Alguma desta literatura também reconhece que certas leituras são mais hegemônica do que outras e que sempre haverá uma política de interpretação. (DUNCAN, 1990, p. 15-16)¹⁰

A proposta de Duncan (1990, p.17), entendendo o texto urbano enquanto um sistema social, o qual é “comunicado, reproduzido, experienciado e explorado¹¹” pelos diversos grupos sociais. No entanto, estes grupos proferem seus próprios discursos de acordo com suas leituras. O autor argumenta que os discursos podem ser definidos como

[...] O quadro social da inteligibilidade dentro do qual todas as práticas são comunicadas, negociada, ou contestada. Estes discursos permitem tanto recursos bem como bem como restrições ou limites dentro dos quais certas maneiras de pensar e de agir parece natural e além do qual a maioria aprenda a pensar que o discurso não pode ser facilmente

¹⁰ Tradução do autor, no original consta “[...] is an exciting new interdisciplinary approach to cultural and cultural production which views these not only as a signifying system, but as texts which lend themselves to multiple readings. Some of this literature also acknowledges that certain readings are more hegemonic than others and that there will always be a politics of interpretation. “

¹¹ Tradução do autor, no original consta “communicated, reproduced, experienced and explored”

desviado. (DUNCAN, 1990, p.16)¹²

É neste contexto que os discursos de cada grupo social irão compor seus respectivos textos acerca da paisagem urbana. O conjunto deste textos irá compor uma intertextualidade. A intertextualidade é observada nas idéias de Duncan (1990), pois defende que os diferentes grupos possuem várias leituras/discurso sobre a cidade.

Estes discursos podem ser comunicados, negociados ou contestados, sendo que esta visualização também refere-se a vivência cotidiana travesti, frente a outros grupos. As travestis e transexuais femininas experienciam a cidade de uma forma diferente dos outros grupos, sendo que é neste sentido que a experiência espacial também é associada ao preconceito, discriminação, a violência e com a sua possível consequência, a morte.

Assim, é possível afirmar que as travestis e transexuais femininas, a partir de sua não linearidade entre sexo e gênero, possuem vivências espaciais que são próprias de suas identificações de gênero e sexualidades.

O espaço pode, assim, estar associado às representações sociais que são frutos de experiências próprias de grupos de sujeitos. No caso das travestis e transexuais femininas, suas experiências como sujeitos dissidentes da heteronormatividade podem constituir espaços que são próprios. As representações sociais, são entendidas por Moscovici (2003) enquanto

[...] o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal. Ao criá-los, porém estamos sempre mais ou menos conscientes de nossas intenções, pois as imagens e idéias com as quais nos compreendemos o não-usual (incomum) apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o que nós já estávamos familiarizados há tempo e que, or isso, nos dá uma impressão segura de algo “já visto” (déjà vu) e já conhecido (déjà connu). Bartlett escreve: “Como já foi apontado antes, sempre que o material mostrado visualmente pretende ser representativo de algum objeto comum, mas contém características que são incomuns (não-familiares) à comunidade a que o material é apresentado, essas características invariavelmente sofrem transformações em direção ao que é familiar” (Bartlett, 1961:178).

¹² Tradução do autor, no original consta “[...] the social framework of intelligibility within which all practices are communicated, negotiated, or challenged. These discourses are both enabling resources as well as constraints or limits within which certain ways of thinking and acting seem natural and beyond which most who have learned to think within the discourse can not easily stray”

(MOSCOVICI, 2003, p.58-59)

O processo das Representações Sociais, para Moscovici (2003) é realizado por dois processos sendo eles a ancoragem e a objetivação. Segundo o autor:

O primeiro mecanismo tenta *ancorar* idéias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. Assim por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria, ou comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores. O Objetivo do segundo mecanismo é *objetivá-los*, isto é, transformar o que está na mente em algo que exista no mundo físico. As coisas que o olho da mente percebe parecem estar diante de nossos olhos físicos e um ente imaginário começa a assumir a realidade de algo visto, algo tangível. Esses mecanismos transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar. (MOSCOVICI, 2003, p.60-61)

Ao longo da transformação das travesti e transexuais, elas questionam e resignificam muitos dos elementos que compõem sua vida, como as relações familiares, a interdição que advém das espacialidades heterossexuais, a vulnerabilidade à morte, entre outros acontecimentos da vida cotidiana e estes elementos são comunicados entre elas, criando assim as representações sociais do grupo. As representações do grupo ocorrem em diversas espacialidades da cidade. No entanto, as representações sociais em torno do risco de morte são mais significativas a partir das espacialidade interditas em sua relação com o território da prostituição travesti.

Algumas proposições sobre as interpretações espaciais das vivências de seres humanos que se auto-identificaram como travestis foram elaboradas por Silva (2013), que trabalhou a idéia do espaço interdito e Ornat (2013), que elaborou a idéia do território paradoxal.

O território paradoxal como proposição teórica para compreender a existência espacial das travestis e transexuais femininas incorporam o espaço interdito. É da exclusão, marginalização e interdição espacial que se constituem as condições fundamentais para a instituição do território. As histórias de exclusão de várias escalas como a casa, a vizinhança e a cidade constituem elementos de compartilhamento do grupo que acaba tendo como possibilidade de existência espacial a prostituição que se apropria de pedaços da cidade.

O poder heteronormativo está inscrito no espaço urbano. No entanto, as

travestis e transexuais femininas subvertem este poder, e desta forma sofrem diversas consequências ao longo de suas vidas como constrangimentos espaciais, violências e até mesmo a morte. Podemos visualizar o constrangimento espacial que o grupo sofre, através de Silva (2013) a qual considera que esses espaços são resultados das práticas regulatórias, e este conjunto é lido pelas travestis, como sendo espaços que elas não podem fazer parte. Este processo é denominado de espaços interditos, e para a autora (2013)

o espaço interdito é concebido como o efeito da ordem discursiva espacial em que práticas regulatórias são desempenhadas por aqueles que se julgam dentro da ordem e possuem o poder de exercê-la bem como o de estabelecer as formas com que determinados sujeitos devem ser excluídos. (SILVA, 2013, p.158-159)

Entre as inúmeras espacialidades interditas à vivência travesti, Silva (2013) elenca entre os hospitais, as igrejas, as escolas, os clubes, as danceterias, os restaurantes, as penitenciárias, as delegacias de polícias, as igrejas e o exército. Contudo, para a autora, a escola além de ser uma das espacialidades interditas mais representativas da vivência travesti, é também responsável na contribuição da marginalidade social que as travestis quando adultas irão viver. A autora ainda argumenta que a escola, enquanto espaço de solidariedade, igualdade, saber e inclusão é negada nas versões do grupo de travestis, pois como ela infere (p.149) “a escola produziu dor, desrespeito e colaborou decisivamente para produção de representações sociais negativas que apenas reforçam a violência e hostilidade que as envolvem”. A realidade exposta por Silva (2013) foi evidenciada em diálogos com as entrevistadas, como podemos observar,

Ah escola é uma coisa que eu não pretendo... era pra mim ter continuado, mas eu só não continuei porque tinha um muleque eu tava no corredor do colégio, tava indo pro intervalo, e tinha um muleque na outra sala, nunca vi esse muleque na minha vida e ele começou a me zuar com o colega dele, daí eu parei na frente do corredor e fiquei encarando dele, aí eu peguei e fui lá conversar com a diretora, e ela pegou e chamou ele, e ele pegou e negou por que a ... a policia tava no colégio, daí ela chamou ele, na frente do policial, mas ele não assumiu, daí eu falei, falei só que não deu em nada, daí a diretora falou que eu tava ouvindo muito mal, aí eu peguei falei tá bom, peguei minhas coisas e nunca mais voltei pro colégio, [...] isso foi ano passado, eu tava com 20 (Entrevista realizada com Lirio em Outubro de 2013 na casa da Margarida)

eu comecei sofrendo preconceito discriminação quando meu professor

queria que eu jogasse futebol, e eu não conseguia jogar futebol, porque eu era delicada, tinha aparência feminina, e eu não gostava de jogar futebol, porque os meninos, aproveitavam naquele tempo para me bater, para me espancar, pra me bater, pra me dar murros, pra me dar chutes, e eu não gostava mesmo de futebol, daí ele olhou na minha cara e disse "vai jogar vôlei porque você é uma menininha mesmo" e eu fui jogar vôlei mesmo, (professor de educação física?) Exatamente, o macho, né... e aí a partir desse momento toda a escola começou a me chamar de viadinho de menininha, de não sei o que... disso daquilo outro...porque? porque nós não somos respeitadas dentro das escolas (Entrevista realizada com Margarida em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

A vulnerabilidade das travestis e das transexuais femininas é potencializada quando, após este processo de interdição espacial – o momento em a escola lhes é tirada – faz com que a baixa escolaridade se alie às pequenas chances de inserção no mercado de trabalho formal. Desta forma as travestis e transexuais femininas necessitam realizar atividades informais e até mesmo desempenharem trabalhos sexuais para poderem sobreviver.

A instituição do território da prostituição, foi observada por Ornat (2013). Para o autor, após todo o processo de exclusão da casa, escola e trabalho é no território da prostituição que a sociedade heteronormativa permite as travestis e transexuais manifestarem suas feminilidades e também de serem desejadas. No entanto, o autor ainda relembra que a sociedade cria como forma de punição à existência deste grupo o banimento do sentimento de desejo e admiração em outras espacialidades que são considerados indevidos à vivência travesti e transexual.

A proposta de Ornat (2013) vai muito além da instituição do território da prostituição travesti. Ele observou, uma complexa relação neste território, a qual não poderia ser contemplada com as análises clássicas de território que entendem a existência de um poder unidirecional presentes na relação entre *insider* - *outsider*. O autor, embasado nas idéias sobre espaço paradoxal, de Rose¹³ (1993), entende o território da prostituição também na idéia de poder pluridirecional e passa a observá-lo como o território paradoxal da prostituição travesti, e argumenta que

O território paradoxal é constituído por múltiplas e variadas dimensões e espacialidades da vivência travesti, posicionando sujeitos ora no centro, ora na margem de relações de poder, dependendo das marcas que esses corpos carreguem e das relações sociais realizadas. (ORNAT, 2013, p.203-204)

¹³ Rose (1993) entende os indivíduos como multifacetados, assim estes podem experienciar simultaneamente em diversas espacialidades, inúmeras relações de poder, ora ocupando uma posição central, ora uma posição periférica, demonstrando que o poder é pluridirecional.

A partir da proposta de Ornat (2013) sobre o território paradoxal da prostituição travesti é possível concluir que quando o cliente contata a travesti, no território, em busca de serviços sexuais, ela está no centro das relações de poder, podendo estipular o valor financeiro e as condições do programa. Já o cliente se encontra numa posição de margem, podendo apenas aceitar caso realmente deseje os serviços sexuais daquela travesti. No entanto, quando ocorre um acordo na contratação do programa e a travesti vai a outra espacialidade para realizá-lo com o cliente, a situação é inversa, e a travesti fica à margem das relações de poder, enquanto o cliente assume o papel de centralidade. Assim, a travesti fica suscetível ao não pagamento do programa, a realização forçada das condições além das contratadas no território da prostituição travesti, bem como fica vulnerável à violência e a morte.

A relação entre espacialidade interdita e a prostituição pode ser observada no trabalho 'Dos Espaços Interditos à Instituição dos Territórios Travesti: uma contribuição às Geografias Feministas e *Queer*' de Silva e Ornat (2010). Quando os autores, ao trabalharem com a cidade de Ponta Grossa, tomam como ponto de partida a fala de uma travesti que diz “os mesmos homens que fecham as portas para nós durante o dia, abrem as pernas para nós durante à noite”. Desta forma, elas trazem a idéia de interdição espacial relacionada ao sentido das “portas que se fecham durante o dia” e da prostituição travesti em “as pernas que se abrem à noite”. A vivência espacial das travestis e transexuais femininas nesta relação demonstra como este grupo é vulnerável à violência e à morte.

As vivências espaciais do grupo entrevistado trazem a morte como tema presente. A morte para o grupo está associada à sua vivência espacial interdita e ao território paradoxal da prostituição. Tanto Ornat (2013) como Silva (2013) trazem a morte como elemento presente na vida do grupo.

Além da violência que permeia a vivência travesti e transexual, a morte também permeia o sentimento espacial delas através de sentimentos fóbicos, de experiências de morte de amigas e também da vulnerabilidade. Esta realidade subverte a lógica do pensamento sobre a morte, como podemos visualizar em Ariés (1975, p.168) “nos últimos trinta anos produziu-se um fenômeno imenso de que mal nos começamos a perceber: a morte, essa companheira familiar, desapareceu da linguagem e o seu nome tornou-se interdito”. Este cenário exposto aqui por Ariés não é uma realidade das travestis e transexuais femininas, pois elas expõem seus corpos aos riscos de morte, que não é

interdita, pois elas possuem a morte enquanto um dos elementos que compõem suas vidas.

Para Elias (2001, p.55), em sociedades menos desenvolvidas, em que a expectativa de vida não é tão prolongada, “a ameaça de morte é trazida mais insistentemente à consciência, a ideia da morte é mais presente, e práticas mágicas para lidar com essa angústia maior, embora oculta pela integridade da vida e do corpo, práticas que andam de mãos dadas com a maior insegurança, são amplamente difundidas”.

O fenômeno mencionado por Elias (2001) é recorrente à vivência das travestis e transexuais femininas pois, o sentimento de insegurança em especial sobre os territórios da prostituição é muito grande, pois quando uma travesti ou transexual feminina sofre violência e até mesmo morre, as demais travestis e transexuais femininas compartilham essas experiências e ressignificam suas vidas, inclusive a própria percepção espacial sobre a espacialidade do crime, tornando o sentimento de insegurança frente a morte como um elemento que caminha junto a suas trajetórias. O sentimento de insegurança nos territórios da prostituição travesti podem ser observados nas falas das entrevistadas,

porque ela tá ali do mesmo jeito que pode chegar uma pessoa boa, levar ela, fazer tudo com ela e pagar ela bonitinha, pode chegar uma pessoa obrigar ela, levar ela pro meio do mato e fazer como que tá aqui porque ela não tem nem o direito de morrer dignamente, ela é um lixo, nem um lixo ela é porque um lixo é definido, ela não é, eu acho que assim é a pior coisa (Entrevista realizada com Jasmim em Outubro de 2013 na casa da Margarida)

quando eu tô exposta, quando eu to trabalhando, que lá assim que você vê, que é aquilo que eu te falei do mesmo jeito que pode parar uma pessoa boa, pode parar 10 ruim então lá eu se que é assim, a cada carro que eu entro, eu rezo, mas eu não se se eu volto, eu tenho uma fé tremenda no meu deus, mas se sabe que agente tá disposto a passar por tudo, outro não passa pela gente, tudo que agente tem que passar agente passa, então assim eu tenho bastante medo, (Entrevista realizada com Jasmim em Outubro de 2013 na casa da Margarida)

eu acho que é o momento de trabalho, dessas, nossas quando precisamos estar nas ruas, correndo atrás do nosso ganha pão, da nossa sobrevivência é o momento mais crítico, e mais vulnerável para seremos violentadas e assassinadas (Entrevista realizada com Azaleia em Agosto de 2013 no Transgrupo Marcela Prado.)

Muito embora haja um sentimento do risco de morte por parte das travestis e transexuais femininas, elas podem facilmente questionar os argumentos de Kovács

(2010). Esta autora (2010, p.2), defende que “as defesas¹⁴ ao mesmo temo que nos protegem do medo da morte, podem nos restringir. Há momentos em que o sujeito fica tao acuado que parece não viver. E esse não-viver, pode ser equivalente a morrer.” As travestis e transexuais femininas, embora interditas às diversas espacialidades, possuem como uma das poucas espacialidades que lhe foram atribuídas a sua existência, o território da prostituição travesti, e mesmo sendo nele que ocorre a maior insegurança à morte, o grupo foco desta pesquisa não deixa de vivenciá-lo. Margarida¹⁵ recorda que já morou em uma residência com diversas profissionais do sexo travestis e transexuais femininas e elas sempre tinham uma reza antes de sair “Deus me proteja, porque eu vou mas eu não sei se eu volto” ou seja mesmo sabendo do perigo, o grupo necessita seguir suas vidas.

Esta seção evidenciou o quadro de vulnerabilidade a qual as travestis e transexuais femininas estão suscetíveis. Após um longo processo de interdição em várias espacialidades, como na casa, na escola e no trabalho, elas acabam tendo poucas chances de obter uma renda. A sociedade heteronormativa constrange-as à trabalhos informais, e em sua maioria à trabalhos sexuais. Desta forma, este grupo quando está na atividade da prostituição está vulnerável à diversas violências e até mesmo à morte.

¹⁴ Kovács (2010, p.2) exemplifica que entre os mecanismos de defesa estão “negação, repressão, intelectualização, deslocamento.”

¹⁵ Entrevista realizada em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS

2 - Vulnerabilidade, violência e morte de travestis/transexuais femininas

A seção anterior explorou os conceitos capazes de construir a visibilidade das experiências espaciais de travestis e transexuais femininas e evidenciou que a sua nítida marca de transgressão à heteronormatividade coloca estes grupos em situação de alvos de agressão e violência.

A vulnerabilidade é sempre contextual porque está associada às relações entre a exposição e fragilidade de certos seres humanos a determinados riscos de diversas naturezas. Assim, a própria condição da pessoa vulnerável é por si mesma uma construção social. Butler (2006, p.46) lembra que é preciso reconhecer o que as sociedades consideram como 'humano' ou “las vidas que cuentan como vidas y, finalmente, lo que hace que una vida valga la pena”. Argumenta ainda que

además del hecho de que las mujeres y las minorías sexuales, están, como comunidad, sujetas a la violencia, expostas a su posibilidad o a su realización. Esto significa que em parte cada uno de nosotros se constituye políticamente em virtud de la vulnerabilidad social de nuestros cuerpos – como lugar de deseo y de vulnerabilidad física, como lugar público de afirmación y de exposición – La pérdida y la vulnerabilidad parecen ser la consecuencia de nuestros cuerpos socialmente constituidos, sujetos a otros, amenazados por la pérdida, expuestos a otros y susceptibles de violencia a causa de esta exposición. (BUTLER, 2006, p. 46)

Alguns grupos sociais, ao longo do século XX, produziram inúmeras problematizações sobre as várias formas de violência que eles sofriam. Como podemos visualizar na obra de Rios (2009), o caso do racismo sofrido pelos negros, o sexismo pelas mulheres e a homofobia pelo grupo não se enquadra na heteronormatividade vigente. Estas violências são consequências do *status* atribuído a estes grupos como desprovidos de importância, os quais não podem fazer pleno uso dos direitos atribuídos a aqueles tipos desejáveis de subjetividade, que se configura como branca, masculina e heterossexual a qual o Estado pretende governar.

O termo 'homofobia', segundo Rios (2009) foi cunhado no final da década de 60, através da pesquisa do psicólogo George Weinberg, que tinha por objetivo identificar os traços das personalidades homofóbicas, empregando assim o termo de '*homosexualphobia*'. Desde então a 'homofobia' foi estudada e aprofundada por diversos autores.

Para Welzer-Lang (2004, p.465) a homofobia pode ser entendida como sendo

“a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades(ou defeitos) atribuídos ao outro gênero”. Rios (2009) argumenta que a homofobia pode ser entendida como uma modalidade de preconceito¹⁶ e discriminação¹⁷ direcionada contra os homossexuais, baseada nas experiências individuais e presentes em suas socializações.

A homofobia, segundo Herek (2004), tem servido como uma modelo de conceitualização de uma variação de atitudes negativas baseadas na sexualidade e no gênero. Diversos rótulos sobre esta hostilidade surgiram, como lésbofobia, bifobia, transfobia, entre outros. Herek (2004), ainda argumenta que a hostilidade baseada na orientação sexual deveria ser estudada sobre três viés, sendo eles o 'estigma sexual', o 'heterossexismo' e o 'preconceito sexual'.

Para este autor, 'estigma sexual' se refere ao compartilhamento de conhecimentos negativos sobre qualquer comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade não heterossexual. As conseqüências do 'estigma sexual' se expressam e perpetuam um conjunto de relações hierárquicas. Nestas relações a homossexualidade, passa a ser considerada como sendo de menor importância que a heterossexualidade. Como consequência a este processo Herek (2004. p.15) argumenta que “pessoas homossexuais, suas relações e suas comunidades são todas consideradas doentes, imorais, criminosas, ou no melhor, abaixo do ideal em comparação com aquele que é heterossexual¹⁸”.

Já o 'heterossexismo' para Herek (2004, p.15) corresponderia a um “sistema que inclui crenças sobre o gênero, a moralidade, e o perigo que homossexuais e minorias definidas como desviantes, pecaminoso, e ameaçador.¹⁹” Entre os principais resultados do 'heterossexismo' estão a produção da invisibilidade das minorias sexuais. No entanto, a hostilidade, a discriminação e a violência ainda são apropriadas e necessárias quando estes grupos passam a se tornam visíveis.

O heterossexismo também foi um tema explorado por Rios (2009) e Welzer-

¹⁶ “Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções” (RIOS, 2009, p.54)

¹⁷ “Discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos.” (RIOS, 2009, p.54).

¹⁸ Tradução do autor. No original consta “Homosexual people, their relationships, and their communities are all considered sick, immoral, criminal or, at best, less than optimal in comparison to that which is heterosexual.”

¹⁹ Tradução do autor. No original consta “These systems include beliefs about gender, morality, and danger by which homosexuality and sexual minorities are defined as deviant, sinful, and threatening.”

Lang (2001). Rios (2009, p.62) argumenta que o heterossexismo pode ser entendido enquanto “um sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importa se de modo explícito ou implícito”. Para Welzer-Lang (2001, p.467-468) “O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação *simulada da homossexualidade*.” O autor, ainda chama atenção de que o heterossexismo não exclui apenas a homossexualidade, e sim todas as formas que a sexualidade são diferentes da heterossexualidade acaba sendo desprovida de valor, como é o caso das travestis e transexuais femininas.

O 'preconceito sexual', para Herek (2004) estaria relacionado ao 'estigma sexual' e ao 'heterossexismo', pois os indivíduos internalizam estas ideologias e através de atitudes negativas desqualificam os homossexuais, o que inclui o grupo de travestis e transexuais femininas.

A proposta de Butler (1998, 2003) a respeito da abjeção e da heteronormatividade, a proposta de Herek (2004) acerca da tríade preconceito sexual, estigma sexual e do heterossexismo, aliadas as propostas sobre heterossexismo de Welzer-Lang (2001) e Rios (2009) enquanto um conjunto de ações das sociais, políticas e jurídicas, bem como a proposta de Mbembe (2003), sobre a política de quem deve ou não viver, convergem à proposta de Valentine (1993) sobre as espacialidades heterossexuais, criando um contexto em que as travestis e transexuais femininas podem ser extinguidas, pelo simples fato assumires suas identidades nas diversas espacialidades, ao mesmo tempo que por não dotarem de significância para a sociedade, suas mortes serão abafadas pelo conjunto jurídico, a serviço do Estado Heteronormativo.

A vulnerabilidade já foi alvo de estudos de diferentes pesquisadores, como por exemplo Namaste (2000), Browne (2004), Doan (2007, 2010). As pessoas cujos corpos são dissonantes a sua expressão de gênero sofrem uma série de constrangimentos, como visto por Browne (2004), Doan (2010), Rooke (2010) e Silva (2009, 2013).

A violência contra homossexuais, decorrente da abjeção destes corpos, é um tema explorado por Namaste (2000). A autora aponta que lésbicas e gays são atacados diferentemente de acordo com o espaço público e suas ocupações. Já para o grupo de *transgender*²⁰ a autora aponta que este grupo necessita de uma atenção maior devido à relação estreita entre suas identidades de gênero e a violência sofrida por este grupo. Corroborando ao proposto por Namaster (2000), a argumentação de Silva (2009, p. 142)

²⁰ Termo genérico do contexto Anglófono, para se designar às 'travestis' e transexuais

aponta que as travestis e transexuais femininas “sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica”.

Como visto anteriormente, a partir da homofobia, diversas problematizações pautadas nas especificidades de cada grupo, que transgrediam a norma heterossexual surgiram. No caso da desumanização das travestis e transexuais femininas se faz a transfobia, esta é uma forma específica de discriminação e preconceito.

Diversas conceituações do que seria a transfobia foram produzidas no mundo acadêmico, no entanto nos atemos aqui a definição de transfobia entendida pelos próprios movimentos sociais, que buscam minimizar a vulnerabilidade de travestis e transexuais femininas. A transfobia conforme a cartilha 'Direito Humanos: Brasil sem transfobia' do Grupo Esperança, define que

A transfobia é, basicamente, o medo, o ódio, a discriminação e a intolerância pela travesti, A Transfobia é manifestada pelo desagrado, ameaça à segurança, repugnância, ridículo, restrição à liberdade de ir-e-vir, restrição ao acesso a recursos (moradia, emprego, serviços, etc.) e violência. (GRUPO ESPERANÇA, s./d., p.30). .

Já o relatório europeu do grupo “Transrespect versus Transphobia Worldwide” (2012, p.18) entende que a

“transfobia denota formas de violência, discriminação, ódio, desgosto, comportamento agressivo e atitudes negativas direcionadas a indivíduos ou grupos que transgridem ou que não estão em conforme com as expectativas e normas sociais entorno do gênero. Isto inclui formas institucionalizadas de discriminação, criminalização, patologização e estigmatização e a manifestação em vários caminhos, variando de violência física, discurso de ódio, insulto e meios de comunicação hostis para formas de opressão e exclusão social. Transfobia afeta particularmente gênero variante e pessoas trans”²¹. (2012, p.18)

A violência é um fenômeno cotidiano na vivência de travestis e transexuais femininas, estas violência baseadas na identidade da vítima, são uma forma de manifestação da transfobia. A violência para a Organização Mundial da Saúde (OMS)

²¹ Tradução do autor. No original consta “Transphobia to denote forms of violence, discrimination, hatred, disgust, aggressive behaviour and negative attitudes directed at individuals or groups who transgress or do not conform to social expectations and norms around gender. It includes institutionalised forms of discrimination, criminalisation, pathologisation and stigmatisation and manifests in various ways, ranging from physical violence, hate speech, insults and hostile media coverage to forms of oppression and social exclusion. Transphobia particularly affects gender-variant/trans people”.

(2002) , pode ser entendida como o sendo qualquer força física ou poder simbólico, contra si mesmo ou grupo que culmine, ou tenha alta probabilidade de lesão, morte, dano psicológico ou privação. A violência para a OMS ainda pode ser vista sobre quatro maneiras, a violência física, psicológica, sexual e a negligência, e todas estas formas de violência já foram experienciadas de maneira direta, ou indireta pelo grupo entrevistado.

Segundo a OMS (2002) a violência física corresponde a toda manifestação com o objetivo de ferir. Esta violência é experienciada geralmente no território da prostituição, a violência física que o grupo recebe é tão brutal que geralmente deixa marcas nos corpos das vítimas. As falas de Rosa e Iris apresentam este cenário.

passa o pessoal e dá tiro, agride, leva pra fazer programa e daí a travesti some [...] Agressão foram muitas delas tarem num bar, saírem desse bar, 4, 5 rapazes chamarem ela, um chamo pro programa e tá quatro escondido no lugar onde ela foi fazer programa e agredirem nela, baterem, deformarem, esfaquearem ela e ela ir para o hospital e se recuperar, e deformar menino! (Entrevista realizada com Rosa em Setembro de 2013 no XX ENLAIDS)

as violências físicas que eu sofri até não foi .. muito na minha terra, mas foi no Rio Grande do Sul, né que lá eu levei tiro e levei facada, aqui em Ponta Grossa, eu apanhei de homens, e fui estuprada aqui, foi 4 tipos de violência, foi aqui em Ponta Grossa o estupro e a agressão física, e lá no Rio Grande do Sul, levei facada e tiro (Entrevista Realizada com Iris em Abril de 2014 no Grupo Renascer)

A a violência psicológica, segundo a OMS (2002) é caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros. O grupo experiência esta violência, através da negação de sua identidade femininas, da exclusão em vida aos direitos, e através do preconceito e da discriminação baseada na identidade de gênero da vítima. Iris e Margarida expõem a realidade do grupo frente à violência psicológica.

eu sofri preconceito aonde que eu trabalhava, na ultima firma que eu trabalhei, eu sofri preconceito pela minha chefe, que eu trabalhava na área da cozinha, porque eu entrei como auxiliar de cozinheira, e eu fazia todo o serviço, e uma outra funcionária pegou e disse que era pra me botar em todos os serviços porque eu era travesti e eu tinha força de homem, então eu achei errado e não era aquilo que o meu contrato, não era por aquilo, e eu pedi as contas... e como os outros também, por não ter oportunidade de emprego, como até hoje tenho 42 anos.. isso daí é preconceito (Entrevista Realizada com Iris em Abril de 2014 no Grupo Renascer)

eu fico horrorizada, sabe porque eu me sinto vulnerável mesmo e muitas vezes eu sinto aquela impressão de que, 'eu vou morrer por ser trans', e não é bem assim, porque agente não quer mais passar essa questão de

penalização transexual travesti agente quer simplesmente ter os mesmos direitos e as mesmas qualidades de vida que qualquer outro cidadão, morrer todo mundo vai morrer, mas a dignidade desse cidadão está aonde? que que fizeram por elas? e é aí que tá minha indignação, todas elas me indignam porque eu tenho certeza que se eu for lá e pegar aqui oh... resolveu? não, tá ali em investigação... resolveu? não... e assim vai.... (Entrevista Realizada com Margarida, em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

A violência sexual, é caracterizada pela OMS (2002) quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima. A vulnerabilidade do grupo à violência sexual, abrange toda a vida do grupo e em diversas espacialidades. Para a realidade da infância na casa, a violência sexual foi executado por alguém que tinha era próximo a ela. Já, para a realidade do território da prostituição a violência sexual foi executada tanto por indivíduos como por grupos que se desfaçam como clientes para se aproximarem do grupo, e executam a violência. Os depoimentos de Rosa e Violeta rememoram casos em que elas já sofreram violência sexual.

sim, de ser violentada, de ser agredida pra mim transar com esse rapaz, não de ter sido esfaqueada, mas levei um risco de faca nas minha bunda, ou nádegas, um risco de faca e ter medo de acontecer mais coisa, graças a deus não aconteceu coisa pior, mas agressão agente vive, agente convive com ela ser travesti é quase ser casado com a violência (Entrevista realizada com Rosa em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

Olha eu sofri quando eu tinha, 8 anos que meu tio abusou sexualmente de mim, foi uma coisa que traumatizou bastante porque como eu não tive pai, e eu tinha ele como pai, e de repente ele fazer tudo aquilo, eu fiquei bem chocada, e tal daí... uma coisa que foi um trauma muito grande, graças a deus hoje eu posso falar sobre isso, antes eu nem podia falar isso... eu fazia análise com psicólogo, então hoje eu o perdoei, eu até conversei com ele, mas antes eu nem olha pra ele, foi uma coisa que machucou bastante, mexeu muito comigo (Entrevista realizada com Violeta em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

Por fim, a negligência é compreendida pela OMS (2002) enquanto sendo a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente. Ao contexto das entrevistadas, a negligência pode ser observada em algumas esferas, como na infância, quando as família biológica expulsa as travestis e transexuais, omitindo assim suas responsabilidades atribuídas pelo Estado. A negligência também é observada pelo grupo em instituições governamentais como hospitais e delegacias. Violeta e Jasmim expõem respectivamente estas realidades em que as instituições governamentais omitem

os cuidados necessários atribuídos a elas.

eu sofri um atropelamento em Ponta Grossa no qual eu fui pro hospital, devido ao acidente na BR, e o médico não fez a cirurgia que era pra ser feita, o médico deu alta no dia seguinte, ele engessou minha perna com fratura exposta, que foi além do preconceito negligência dele, daí quando chegou no ... no hospital que ele viu que era travesti, ele engessou com fratura exposta e mandou embora, isso eu fiquei sabendo através dos enfermeiros depois de um tempo, daí eu fui pra casa, voltei pro hospital, e lá eu fiquei por um ano e oito meses, um pronto socorro, que não é um lugar pra se ficar internado, e sim um lugar de passagem, né aí minhas amigas foram na ouvidoria, na promotoria, daí ele teve que manter lá pra entregar com a perna boa, porque foi um erro, uma negligência, eu sofri muito preconceito com os enfermeiros, o médico não ia ver, não ia no quarto me ver, ele não passava, passava em todos os quartos ver os pacientes, mas eu não, e isso foi acumulando, quando ele viu já tava um ano e oito meses lá, daí pegou mudança de diretora, daí a diretora do hospital, do pronto socorro, que é um pronto atendimento, não é um hospital, "o que que você tá fazendo aqui já a um ano e oito meses" o médico não veio me ver, "você poderia ter pego uma infecção generalizada e morrer e ninguém ia saber" e ele não ia nem medicar, nem avaliar [...] lá em ponta grossa, (Entrevista realizada com Violeta em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

eu tive muito preconceito institucional voltado a violências que eu sofri quando fui pra denunciar essas violências e eles simplesmente me ignoraram, ignoraram a minha fala, ignoraram a minha condição, e disseram simplesmente para mim "arruma um trabalho, vai trabalhar, você sofreu essa violência porque você estava no lugar errado, na hora errada" então eu disse pra ele "pois é, né agora eu queria que você me dissesse como que eu faço pra sair desse lugar?" daí ele disse "isso não é problema meu" (Entrevista realizada com Jasmim em Outubro de 2013 na casa da Margarida)

A seção evidenciou os processos de homofobia e transfobia, que desumanizam as travestis e transexuais femininas, fazendo que seus corpos não dotem de significância em meio a sociedade heteronormativa. Desta forma elas acabam ficando expostas à todo este cenário de vulnerabilidade, frente a todos os tipos de violência e conseqüentemente à morte.

3 - A visibilidade da morte de travestis/transexuais femininas no Brasil e Paraná

Na seção anterior, foi evidenciada vulnerabilidade de travestis e transexuais femininas a serem objeto de transfobia que se exterioriza na forma de discriminação, violência e em casos extremos, a morte. A complexa relação na vivência das travestis e transexuais femininas dos processos de interdição espacial, e prostituição as tornam vulneráveis à violência e a morte. Esta seção tem por objetivo denunciar a morte de travestis e transexuais femininas no Brasil e no Estado do Paraná.

Observamos na seção anterior, o processo de abjeção explorado por Butler²² que entende alguns corpos como desprovidos de importância, bem como as políticas da morte (necropolíticas) de Mbembe (2003) que defendem a idéia de que o Estado moderno pode definir quem deve ou não viver. Nas palavras do autor (2003),

[...] A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Consequentemente matar ou permitir viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Para exercer a soberania deve exercer o controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. MBEMBE, 2003, p.11-12)²³

[...] Soberania significa a capacidade de definir quem importa e quem não é, que é descartável e quem não é. (MBEMBE, 2003, p.27)²⁴

A apropriação do conceito de necropolítica de Mbembe (2003) foi incorporado por Aizura (2014) em sua análise sobre a violência e morte de 'mulheres trans'²⁵. Este autor alerta que a necropolítica expressa marcas de um processo deliberado de negligência e descartabilidade das pessoas que apresentam dissonância entre sexo e gênero. Argumenta ele que a invisibilidade de pessoas que têm desconformidade entre corpo e gênero do espaço público contribui para a sua desumanização, diminuição e exclusão que pode ser configurada como '*queer* ou trans necropolítica'.

Estes conceitos se aproximam muito e podem produzir uma relação que os corpos desprovidos de importância, se assassinados por civis trarão alívio ao Estado,

²² Em entrevista concedida à Prins e Meijer (1998).

²³ Tradução do autor, no original consta [...] the ultimate expression of sovereignty resides, to a large degree, in the power and the capacity to dictate who may live and who must die. Hence, to kill or to allow to live constitute the limits of sovereignty, its fundamental attributes. To exercise sovereignty is to exercise control over mortality and to define life as the deployment and manifestation of power.

²⁴ Tradução do autor, no original consta[...] sovereignty means the capacity to define who matters and who does not, who is *disposable* and who is not.

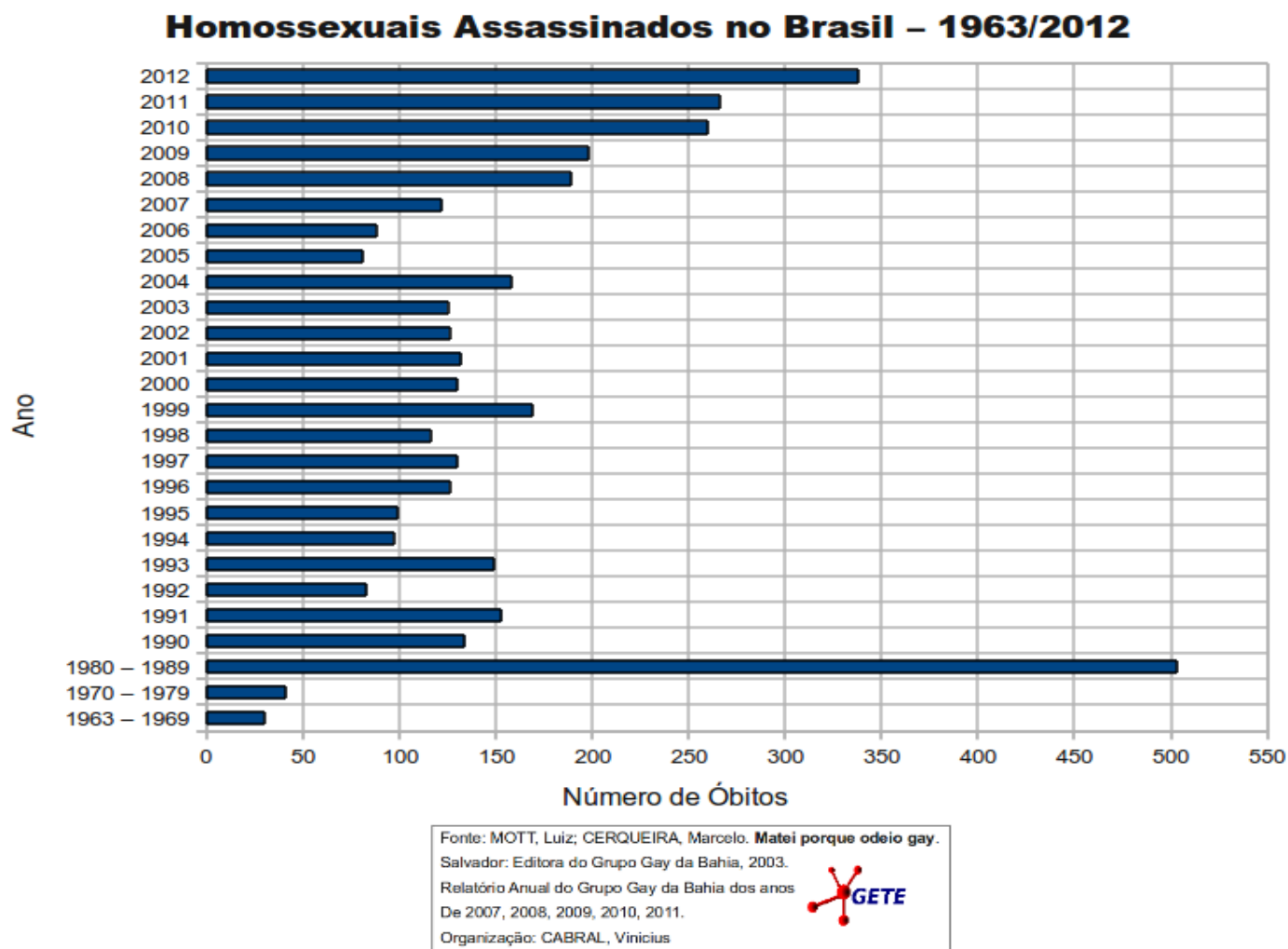
²⁵ Nomenclatura utilizada pelo autor.

fazendo com que este continue a olhar pelos civis cujos corpos detêm importância. Esta relação, é experienciada cotidianamente pelos grupos que não se adequam a heterossexualidade compulsória.

O Brasil é apontado por Mott e Cerqueira (2003) como sendo um dos principais países, onde homossexuais são assassinados, chegando ao ponto de uma morte de homossexual ser registrada por dia. O que corrobora com a proposta de Valentine (1993) de que a heterossexualidade é algo forte, expresso no espaço. Neste sentido o heterossexismo produz diversas vítimas todos os anos e esta violência vem crescendo como podemos ver no gráfico 1. Embora estes números sejam reais, eles não são representam a população real de homossexuais assassinados entre 1963 até 2009, pois mais homossexuais foram assassinados do que se é apresentado aqui. Isto pois os dados produzidos pelo Grupo Gay da Bahia se baseiam em notícias publicadas em diversas mídias, ao longo do Brasil, contudo as vezes alguns homossexuais são assassinados devido a sua sexualidade, e a família e os amigos acabam não divulgando a imprensa que o indivíduo era homossexual, e o mesmo acaba morrendo como heterossexual, e isto reduz o número real de homossexuais assassinados no Brasil, aos dados aqui presentes²⁶. Para os autores, estes assassinatos podem ser entendido como crime de ódio, pois estão baseada na homossexualidade da vítima, o que portanto motiva a agressão e conseqüentemente a morte de gays, lésbicas e travestis.

²⁶ Isto também se aplica a não vinculação por parte das mídias de determinadas informações como a profissão, espacialidade do crime e *causa mortis* das vítimas.

Gráfico 1 – Homossexuais Assassinados no Brasil entre 1963 à 2012



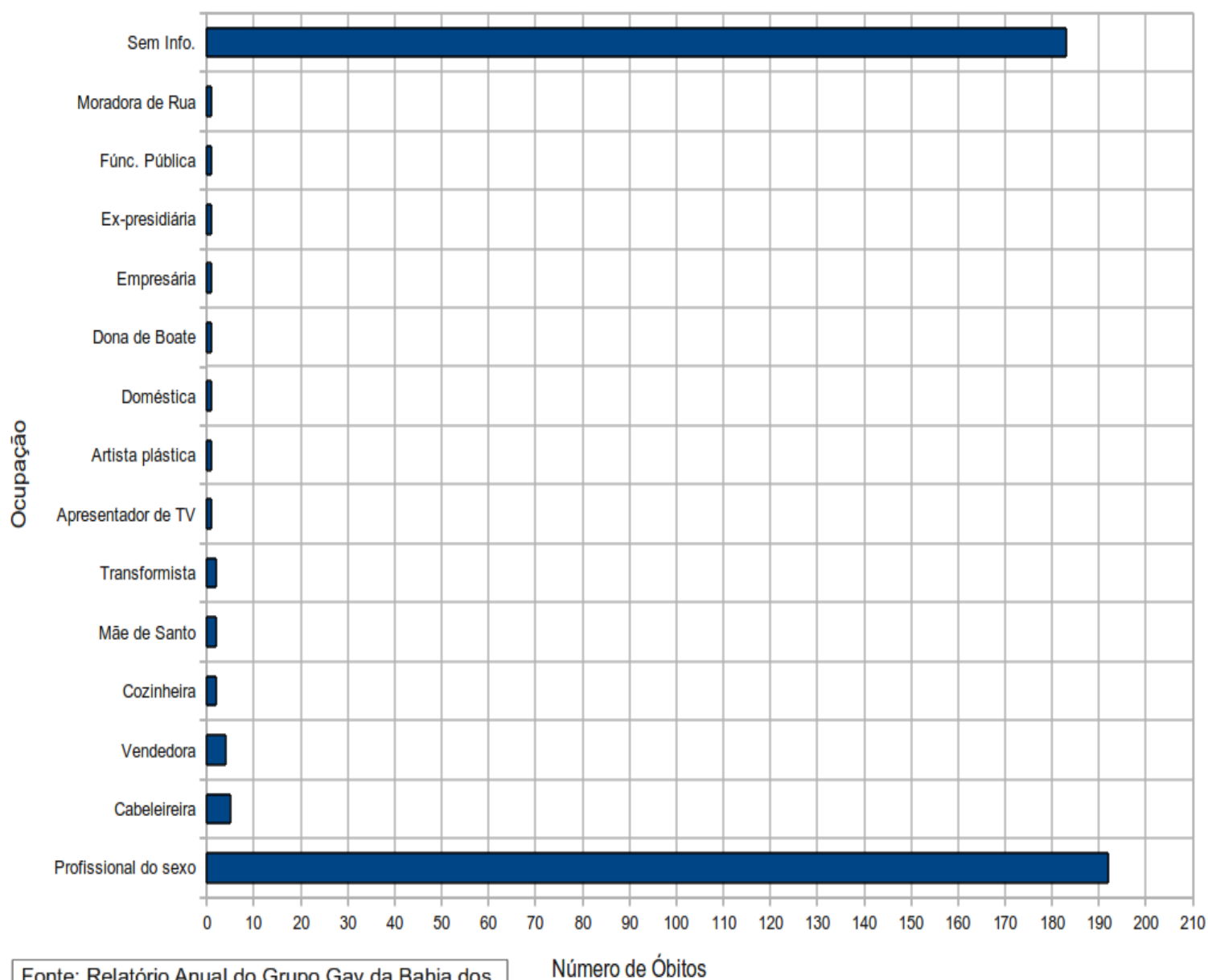
Como evidenciado na seção anterior, o contexto de vulnerabilidade das travestis e transexuais femininas é maior, uma vez que conforme Silva (2009), a marca da transgressão é nítida e visual. Desta forma, elas acabam sofrendo um longo processo de interdição espacial, como visto Silva e Ornat (2010), desde a infância até suas vidas adultas. Consequentemente, a prostituição acaba sendo uma das poucas maneiras que elas encontram para poder obter uma renda. É na atividade da prostituição que o grupo se encontra numa posição de grande vulnerabilidade frente à violência e à morte no Brasil. O gráfico 2 permite a visualização de que, entre o período de 2007 até 2011²⁷, a

²⁷ Houve uma mudança na metodologia de divulgação dos dados dos Relatórios anuais do Grupo Gay da Bahia de 2012, 2013 e 2014. Inicialmente o dados eram em forma de quadro que possibilitavam diversas análises devido a descrição completa das informações, fossem grandes quantidades ou não. Porém após 2012 os relatórios se tornaram textos descritivos que apresentam apenas as principais informações, ou seja aquelas que possuem as maiores quantidades, deixando de contemplar os dados que contem poucas quantidades.

maior parte das travestis assassinadas eram profissionais do sexo, e com isto necessitavam estar no território da prostituição, conforme o gráfico 3 nos demonstra que a maioria dos assassinatos das travestis ocorreram no território da prostituição/rua.

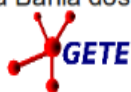
Gráfico 2 – Ocupação das Travestis Assassinadas entre 2007 e 2011 no Brasil

Ocupação das Travestis Assassinadas entre 2007 e 2011 no Brasil



Fonte: Relatório Anual do Grupo Gay da Bahia dos anos de 2007, 2008, 2009, 2010, 2011.

Organização: CABRAL, Vinicius



Número de Óbitos

Além das estatísticas de assassinatos, a própria fala das entrevistas revela o sentimento de vulnerabilidade frente ao território da prostituição:

eu acho que é o momento de trabalho, dessas, nossas quando precisamos estar nas ruas, correndo atrás do nosso ganha pão, da nossa sobrevivência é o momento mais crítico, e mais vulnerável para sermos violentadas e assassinadas (Entrevista realizada com Azaleia em Agosto de 2013 no Transgrupo Marcela Prado.)

O fenômeno espacial da morte das travestis está relacionado com ao *modus operandi* do homicida, pois isto é que irá definir a *causa mortis* da vítima. Ao observamos o gráfico 3, o território da prostituição/rua se constitui como a principal espacialidade da morte das travestis. Como existem fluxos de pessoas, os homicidas utilizam armas de fogo (conforme o gráfico 4) para a execução rápida da vítima e manutenção do anonimato por parte do autor dos disparos de arma de fogo. Desta forma, o fluxo de pessoas torna-se o principal vetor no *modus operandi* do homicida.

No entanto, nas espacialidades em que não há fluxo de pessoas e o homicida está sozinho com a vítima, o *modus operandi* do assassino faz com que a *causa mortis* seja com um requinte de crueldade, repleta de tortura física e psicológica. Como nos mostra o gráfico 4 sobre a *causa mortis* associado ao gráfico 3 sobre as espacialidades dos assassinatos, torna-se possível esta reflexão. Desta forma, os dados sobre as *causas mortis* e o *modus operandi* do autor da morte das travestis tornam claro que a espacialidade era componente dos tipos de morte que as vítimas sofreram. As mortes associadas à tortura estavam atreladas aos espaços privados ou de menor circulação; já as mortes rápidas estavam vinculadas ao espaço público como ruas e praças.

Gráfico 3 – Espacialidade das Mortes das Travestis no Brasil entre 2007 e 2011

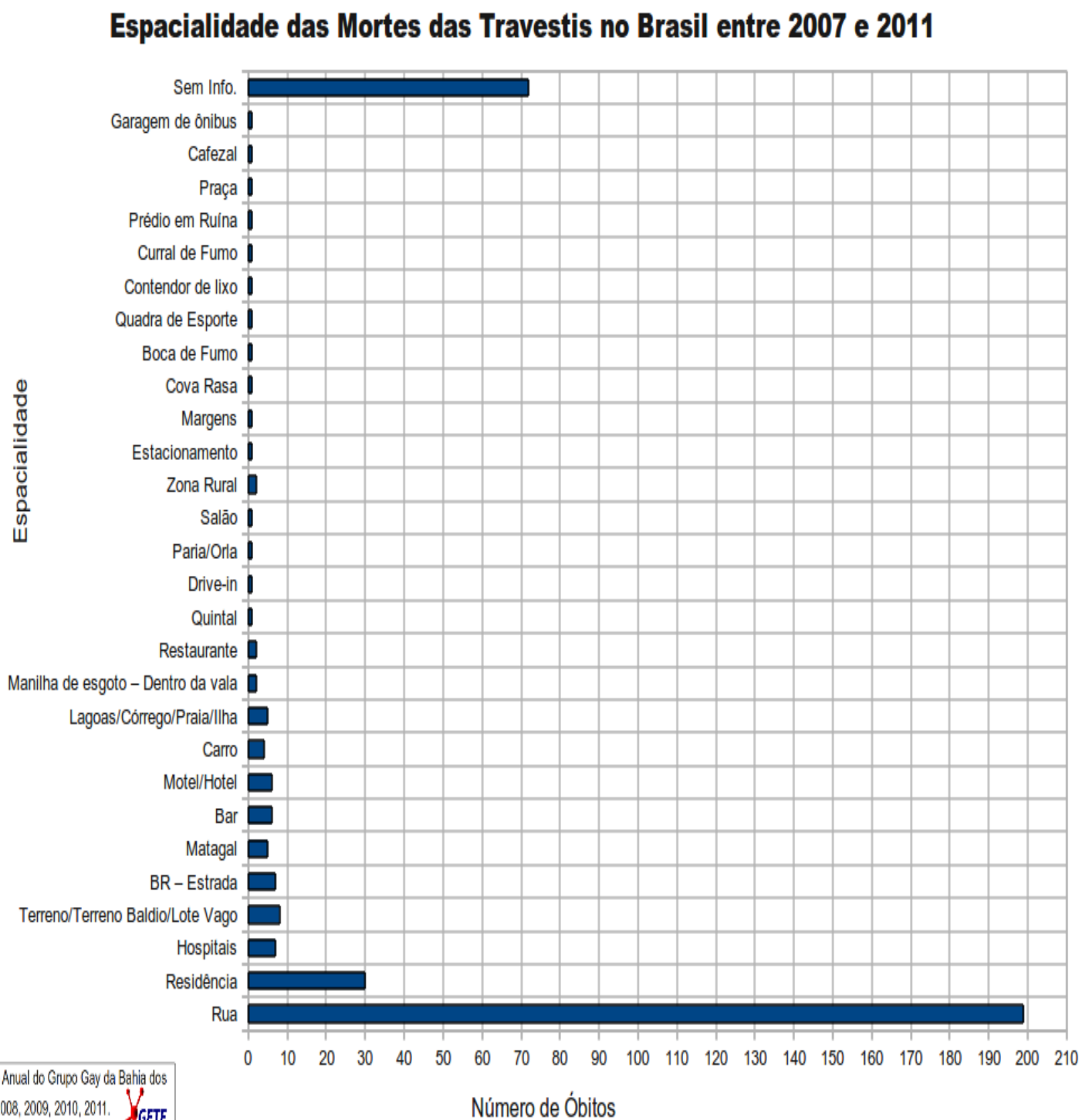
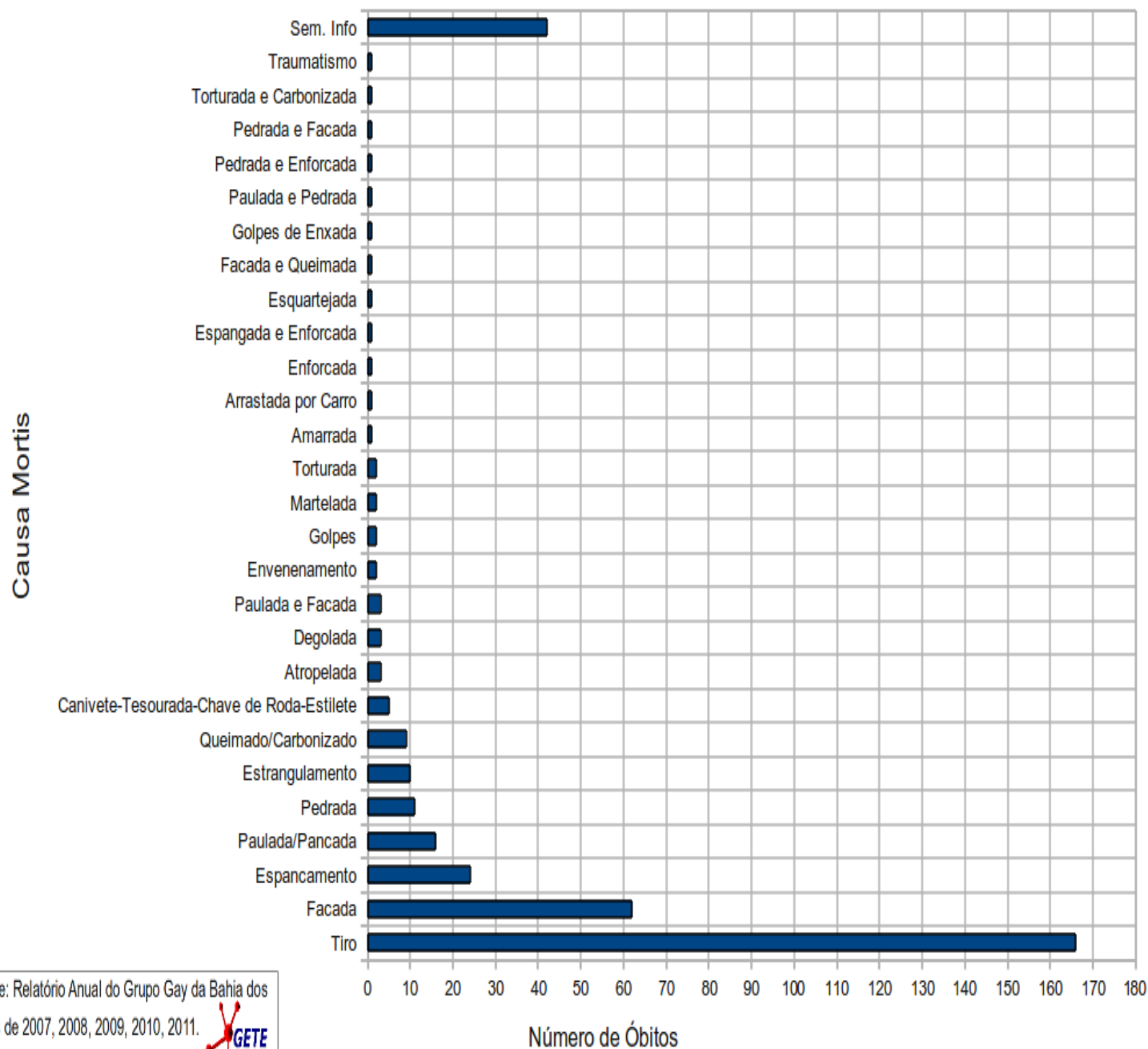


Gráfico 4 – Causa Mortis dos Assassinatos das Travestis entre 2007 e 2011 no Brasil

Causa Mortis dos Assassinatos das Travestis entre 2007 e 2011 no Brasil



O padrão evidenciado através dos dados coletados pelo Grupo Gay da Bahia, retrata a escala nacional. Contudo, em uma outra escala de análise, podemos visualizar que dentre os estados que compõem o Sul do Brasil, o Paraná é onde mais homossexuais foram assassinados entre 2008 e 2013, conforme o quadro 1. Do total de 78 travestis assassinadas no Sul do Brasil neste período, 64,1% destas mortes

aconteceram no estado do Paraná, enquanto Santa Catarina e Rio Grande do Sul somados chegaram a apenas 35,9% do total destas mortes. Esta realidade exposta aqui é a mesma realidade que as travestis participantes desta pesquisa estão expostas.

Quadro 1 – Quadro Comparativo do Assassinatos de Homossexuais no Sul do Brasil entre 2008 e 2013

Estado da Região Sul do Brasil	Travestis e Transexuais		Gays		Lésbicas		Total de homossexuais	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Paraná	50	64,1 %	35	55,56 %	3	50%	88	59,86 %
Santa Catarina	10	12,82 %	14	22,22 %	2	33,33%	26	17,69 %
Rio Grande do Sul	18	23,08 %	14	22,22 %	1	16,67%	33	22,45 %
Total	78	100%	63	100%	6	100%	147	100%

Fonte: Relatórios Anuais do Grupo Gay da Bahia de 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013. Organização do autor.

Demonstramos, assim, um panorama acerca dos assassinatos das travestis e transexuais no Brasil, na Região Sul e no estado do Paraná e damos enfoque a este que corresponde ao referencial empírico desta pesquisa. Evidenciamos que as travestis que necessitam se prostituir estão em uma posição de maior vulnerabilidade, ao mesmo tempo que nos foi possível compreender a maneira que o homicida age nos crimes de requinte de crueldade.

Por fim, o capítulo evidenciou que o espaço é constituído por uma norma heterossexual, a qual é estruturada a partir da linearidade entre sexo – gênero – desejo – prática sexual. Desta forma, aqueles que não correspondem a esta norma sofrem diversas punições ao longo de suas vidas. A partir do capítulo, foi possível também demonstrar o processo e interdição espacial que travestis e transexuais femininas sofrem desde a infância e que constrange o grupo a ter como única possibilidade de renda a prostituição. Neste aspecto, é no território da prostituição que o grupo aparece frente às estatísticas e aos relatos de violência e morte.

CAPÍTULO 2 – VIDA COTIDIANA E PERCEPÇÃO DA VULNERABILIDADE À VIOLÊNCIA DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS FEMININAS

Neste capítulo, abordamos as representações sociais construídas pelo grupo de travestis e transexuais femininas entrevistadas no que diz respeito à vulnerabilidade à morte. Moscovici (2003) entende as representações sociais como o processo que transforma o 'não familiar' em 'familiar'. Este processo é atravessado por dois mecanismos, a ancoragem e a objetivação. O primeiro busca ancorar o novo através de comparações e interpretações à contextos já existentes. Já a objetivação reproduz o novo a algo já existente no mundo físico.

Desta forma, o grupo entrevistado transforma a morte de travestis e transexuais femininas distantes (não-familiar) em algo recorrente aos seus próprios cotidianos (familiar). Através da 'ancoragem' que as notícias de assassinatos de pessoas que transgridam a norma heterossexual (como as travestis e transexuais femininas) são interpretadas aos contextos das entrevistadas, passa-se a 'objetivar' que suas vidas correm grande perigo em meio a heteronormatividade compulsória.

O texto está estruturado em duas seções complementares. Na primeira seção, discutimos as representações sociais que travestis/transexuais femininas constituem em relação à vulnerabilidade à morte. Evidenciamos a forma como a vulnerabilidade à morte está fundamentada nas experiências das travestis/transexuais com a interdição, bem como na compreensão de como a sociedade brasileira as significa, constituindo as representações que elas produzem sobre o que os 'outros' pensam sobre elas. Na segunda seção, as representações sociais são exploradas a partir do cotidiano do grupo ligado à presença da morte de pessoas de seu grupo social e o temor de que o mesmo fato possa acontecer com elas próprias.

4 - A percepção da vulnerabilidade social de travestis/transexuais femininas à morte

A vulnerabilidade social do grupo de travestis e transexuais femininas frente à violência e, conseqüentemente, à morte, é resultado de um processo crescente de exclusão. Assim, esta seção explora os elementos que constituem sua percepção da vulnerabilidade.

O grupo entrevistado, ao transgredir a linearidade entre sexo, gênero e desejo,

elementos estruturadores da heteronormatividade compulsória, passa a vivenciar uma posição de vulnerabilidade social, pois a sociedade heteronormativa utiliza mecanismos de opressão para se legitimar com a falsa impressão de constituir uma verdade imutável e, por isso, usa de vários mecanismos de poder para instituir a pretensa ordem. Louro (2008) argumenta que

As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. Para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pelas mídias ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar as normas que regulam os gênero e as sexualidades. As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos. (LOURO, 2008, p.82)

Assim, os corpos transgressores da heteronormatividade são marcados como ilegítimos, imorais ou patológicos. Judith Butler, em entrevista concedida a Prins e Meijer (1998), afirma que a sociedade cria corpos abjetos entendendo estes sujeitos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade corporal é entendida como não importante. Desta forma, os corpos travestis e transexuais, classificados como ilegítimos e não importantes perante a sociedade heteronormativa, acabam sofrendo diversas punições ao longo de suas vidas, com intensas interdições à vivência espacial plena. Valentine (1993) diz que o espaço geográfico expressa a heterossexualidade compulsória e é organizando de tal forma fisicamente e socialmente. Assim, o processo de interdição espacial surge enquanto uma consequência da estrutura heterossexual refletida através das espacialidades. O processo de interdição espacial se constitui de “práticas regulatórias que são desempenhadas por aqueles que se julgam dentro da ordem e possuem o poder de exercê-la, bem como o de estabelecer as formas com que determinados sujeitos devem ser excluídos”. (SILVA, 2013, p.158-159).

A exclusão e a interdição constituem processos, criando uma teia de situações que coloca as travestis e as transexuais femininas em situação de vulnerabilidade à violência e à morte. A violência contra o grupo surge como consequência de sua posição de vulnerabilidade. A violência pode ser entendida por Abramovay (2000) enquanto,

um fenômeno multifacetado, que não atinge somente a integridade física, mas também a integridade psíquica, emocional e simbólica de indivíduos ou grupos, nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado (ABRAMOVAY, 2000, p.22)

Todo o processo de violência ao qual as travestis e transexuais são submetidas desde a tenra idade bem como o contexto de agressões e mortalidade de pessoas de seu grupo social potencializam o sentimento de sua vulnerabilidade à morte.

As representações sobre os espaços que as travestis e transexuais femininas constituem estão estreitamente associadas com as suas experiências urbanas e de compartilhamento de identidades do grupo social. Nesse sentido, as experiências de interdição e o cotidiano associado à violência e ao risco de morte são elementos que marcam suas representações do espaço.

James Duncan (1990) discute sobre as diferentes possibilidades de compreensão do espaço a partir de experiências de diferentes grupos. O espaço urbano, segundo ele, não é lido e interpretado da mesma forma por todas as pessoas, as interpretações estão estreitamente ligadas aos sujeitos. Para o autor, o espaço da cidade é um sistema social que é comunicado, reproduzido, experienciado e explorado pelos diversos grupos sociais.

No entanto, cada grupo social irá produzir discursos próprios a partir de si e de seu grupo de pertencimento. É neste sentido que o grupo de travestis/transexuais femininas entrevistadas possui especificidades que estão ligadas a sua trajetória de vida, constituindo uma interpretação própria.

As representações instituídas pelo grupo de travestis/transexuais femininas em torno da morte foram compreendidas a partir dos discursos produzidos por elas por meio da utilização de imagens veiculadas na imprensa escrita sobre morte de pessoas de seu grupo social. Ao falar sobre as notícias veiculadas, as pessoas puderam expressar suas opiniões sobre os fatos apresentados a partir das notícias tomadas como base²⁸. O discurso produzido foi analisado e conformou eixos de sentido das representações das travestis/transexuais femininas sobre a morte.

A utilização de imagens das vítimas de violência homofóbica em notícias é um tema já estudado por Diniz (2014), que alerta que este é “um gesto ambíguo, pois as imagens autenticam o sujeito como alguém marginal à norma, mas são também tecnologias de resistência pela exibição do que o marco hegemônico desrealiza”. (DINIZ,

²⁸ Ver o detalhamento metodológico na introdução da dissertação.

2014, p. 16). As reações das pessoas entrevistadas às imagens mesclaram vários tipos de emoção que vão muito além das palavras que são impossíveis de serem comunicadas neste texto de dissertação. O possível é a interpretação discursiva que pode trazer o conteúdo representacional através da fala. O total de 622 evocações do discurso foi agrupado em categorias que formam os eixos de representação que serão explorados a seguir (Quadro 2).

Quadro 2 – Distribuição geral das categorias discursivas que compõem as representações sociais do grupo.

Categoria Discursiva	% sobre o total de evocações
Opinião ao ler a notícia do jornal que lhes foi apresentada sobre morte de travestis e transexuais femininas.	23,65 %
Os relatos de experiências limites, nas quais elas reconhecem que estiveram próximas da morte.	7,23 %
Experiências pessoais de preconceito e discriminação sofridas por travestis e transexuais femininas.	6,75 %
Casos de grave violência e risco de morte rememoradas pelas entrevistadas.	5,30 %
Elemento das notícias que menos agradam às travestis e transexuais femininas.	5,14 %
Experiências diretas de travestis e transexuais femininas com casos de morte.	5,14 %
Projeção do envelhecimento por parte de travestis e transexuais femininas.	4,34 %
Avaliação sobre a violência na vida das travestis e transexuais femininas.	4,01 %
A morte como elemento presente na vivência de travestis e transexuais	3,86 %
As representações das razões da existência de crimes contra travestis e transexuais femininas.	3,54 %
Concepções que a sociedade tem à respeito das notícias de morte de pessoas do grupo de travestis e transexuais femininas.	3,22 %
Espacialidades de maior preconceito.	2,90 %
Formas de violência retratadas por travestis e transexuais femininas.	2,90 %
Relação entre cotidiano e morte de travestis e transexuais femininas.	2,90 %
Imagem da sociedade sobre morte de travestis e transexuais femininas.	2,73 %
Desejo de uma velhice tranquila por parte de travestis e transexuais femininas	2,41 %
Espaços de vulnerabilidade à morte na interpretação de travestis e transexuais femininas.	2,41 %
Temor de formas de violência por parte de travestis e transexuais femininas.	2,41 %
As notícias como algo trágico na vivência das entrevistadas.	2,25 %
Tipos de experiências de atendimento em instituições de saúde.	2,25 %
Expectativas de futuro relatadas por travestis e transexuais femininas.	1,92 %
Ideia de morte de si	1,44 %
Percepção sobre as imagens que elas observavam.	1,30 %

As entrevistadas foram provocadas²⁹ a falar sobre qual seria a palavra que poderia resumir sua percepção sobre as imagens que elas observavam. Este universo constituiu 1,30% do total das evocações.

Deste universo, as representações sociais constituídas foram de 'vulnerabilidade' em 37,5% e de 62,5% de qualificação da imagem como 'barbárie, horror, impotência e indignação'. Rosa diz emocionada: *“acho que é um barbaridade, não tem outra palavra que dizer sobre o que podem fazer a um ser humano”* (Entrevista realizada com Rosa em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS). Azaléia apresenta um discurso de reprovação social:

Impotente! Eu acho que as pessoas hoje, principalmente eu, como presidente de uma Ong, que preza em trabalhar pela segurança e integridade das travestis e transexuais, a impotência é o sentimento que eu tenho! A cada notícia de uma travesti assassinada ou violentada nos seus direitos (Entrevista realizada com Azaleia em Curitiba, em Agosto de 2013, no Transgrupo Marcela Prado.)

Ao lado da indignação e horror, aparece imediatamente conectado o reconhecimento de sua vulnerabilidade ao risco de morte, trazendo para seu discurso a compreensão que sua existência transgressora à heteronormatividade provoca a ira e intolerância de sua orientação de gênero e sexualidade por parte da maioria da sociedade. Além disso, é importante deixar claro que a vulnerabilidade das travestis e transexuais se institui pelo não reconhecimento de seu direito, ao não se adequar à invenção da heteronormatividade que se sustenta pela nomeação daquilo que está dentro ou fora da 'normalidade'. Em seu estudo, Diniz (2014) argumenta que

Os fora da heteronorma são sujeitos vulnerabilizados pela violência epistêmica que os subalterniza. Se essa é uma experiência compartilhada por todos nós, há uma diferença entre sofrer subjugação moral e vivenciar a atualização da norma pela força física. A violência é uma forma brutal de subjugar os indivíduos à ordem moral hegemônica. Vítimas e sobreviventes são personagens que experienciaram a inscrição normalizadora pela violência ou, nos termos de Veena Das (2008³⁰), que passaram de vulneráveis a vítimas. Ser vulnerável não é o mesmo que ter experimentado a violência normalizadora no corpo: os fora da heteronorma são vulneráveis à moral hegemônica que lhes precariza a existência, mas alguns são ainda disciplinados com a força física ou com a sentença de

²⁹ Ver o roteiro de entrevista no apêndice 1.

³⁰ DAS, Veena. El acto de presenciar. In: Ortega, Francisco A. (Ed.). **Sujetos del dolor, agentes de dignidad**. Tradução de Magdalena Holguín. Bogotá: Universidade Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2008. p. 217-250.

morte. A violência física é, talvez, o instante mais cruel de atualização da heteronorma, e a imagem é o testemunho material de como ela se inscreve nos corpos. As imagens nos sensibilizam para a passagem do vulnerável à vítima. (DINIZ, 2014, p.10)

O trecho da entrevista concedida por Iris evidencia o reconhecimento de sua vulnerabilidade à morte violenta e os mecanismos que a sociedade cria para reforçar esta condição:

[...] a maioria das travestis, a nossa população, vive à margem da sociedade, na vulnerabilidade. Então vivê correndo risco 24 horas. A gente chega ali e tem hora pra chegar, mas você não tem hora pra sair, e não sabe se vai voltar pra casa! Nossa parcela de culpa é essa, nós nos acostumamos com isso, em ver isso e nos acostumamos com a exclusão da sociedade, sem oportunidade de trabalho. A sociedade pensa que tá fazendo grande coisa nisso, mas não! Ela tá nos jogando pra margem da sociedade, sem oportunidade de nada. E assim vai continuando a acontecer os crimes, os assassinatos, tudo que acontece ainda hoje (Entrevista realizada com Iris em Ponta Grossa em Abril de 2014 no Grupo Renascer)

O discurso sobre o que as travestis e transexuais pensam sobre as concepções que a sociedade tem a respeito das notícias de morte de pessoas de seu grupo social constituiu 3,22% das evocações. Deste total, houve a organização de dois eixos representacionais. Em um deles, com 45%, se constituiu a ideia de que a sociedade pensa que as travestis e transexuais femininas são responsáveis pela própria morte, já que vivem em locais de prostituição que são perigosos e estão envolvidas no tráfico de drogas, seja como usuárias ou como traficantes. O outro eixo, com 55% das evocações, constitui a representação pejorativa que a sociedade faz delas e de que a morte de uma travesti/transexual feminina é algo com que a sociedade não precisa se preocupar, pois sua morte pode representar a higienização da sociedade de sujeitos indesejados.

Em sua entrevista, Jasmim relata que os comentários que as pessoas da sociedade fazem ao tomar conhecimento da morte de uma travesti ou transexual feminina sempre coloca a própria travesti como causadora de sua morte, como pode ser visto no trecho que se segue:

[] Que ela [referindo-se à uma travesti ou transexual feminina] roubou, que ela quis mais do cara, que ela surtou e o cara bateu nela. Nunca é o motivo real! Sempre ela teve culpa! Ela que tirou o cara do sério! Eles procuram camuflar isso [os motivos reais] de todas as formas para esconder a verdade. É mais fácil acreditar que ela é uma drogada, que ela é uma ladrona, que ela já não presta porque é transexual! (Entrevista realizada com Jasmim em Londrina em Outubro de 2013, na casa da Margarida)

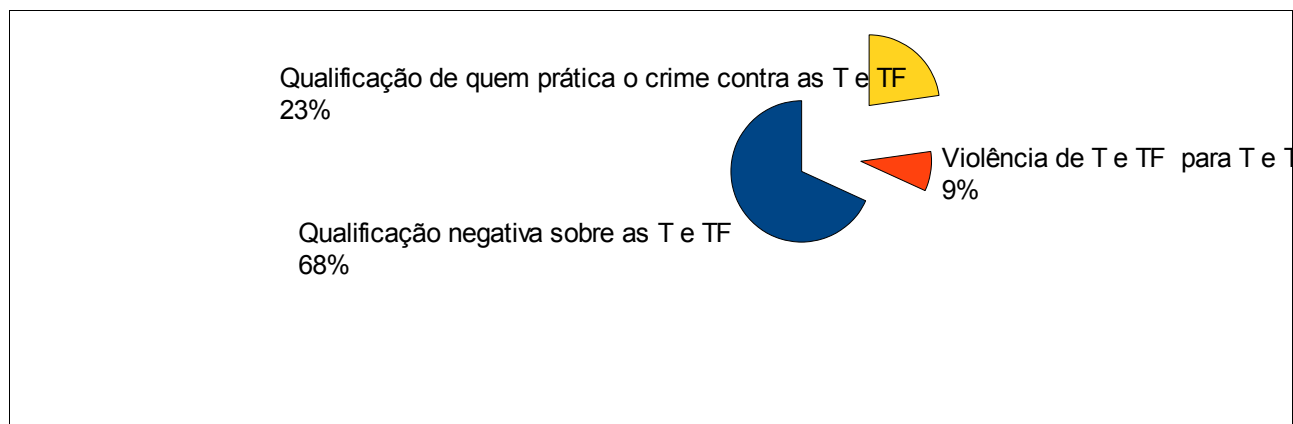
Estas duas categorias discursivas podem ser entendidas quando Louro (2008, p. 83) argumenta que “os corpos são marcados socialmente, simbólica e materialmente – pelos próprios sujeitos e pelos outros”. Desta forma, os corpos das travestis e transexuais são marcados também pela sociedade. Estas marcas para a autora ainda podem

[...] permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégio; que seja em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (LOURO, 2008, p.83-84)

O conjunto de ideias que as travestis e transexuais fazem da opinião da sociedade sobre suas mortes, em que se culpabiliza os sujeitos por sofrer uma violência extrema, evidencia sua compreensão da heteronormatividade e de como ela se efetiva no seu processo de exclusão que vai desde interditá-las ao posto de trabalho e até mesmo sua eliminação física.

As representações das razões da existência de crimes contra travestis (T) e transexuais femininas (TF) constituíram um universo de 3,54% do total das evocações que conformaram o discurso das pessoas entrevistadas. No gráfico 5 é possível observar a distribuição das categorias discursivas utilizadas para constituir as representações sociais elaboradas por elas.

Gráfico 05 – Evocações sobre a razão de haver assassinatos de travestis³¹ (T) e transexuais femininas³² (TF) na sociedade brasileira.



A constituição da imagem negativa das travestis e transexuais femininas conformam 68% das evocações que sustentam o eixo da categoria “qualificação negativa sobre as T e TF”. A existência das travestis/transexuais femininas em situação de marginalidade social é concebida socialmente como algo inerente a sua identidade de forma naturalizada e não como resultado de um longo processo de exclusão provocado pela força excludente para manutenção da ordem heteronormativa. Violeta argumenta que as pessoas

trazem a palavra Travesti, como marginalidade! Então, todos seres humanos vêem a gente como marginal! A sociedade, em geral, vê a gente como marginal. As pessoas visibilizam isso. Eles não vêem um ser humano que trabalha, que tem um vida e eles taxam a gente como marginal. É isso o que atrai essas agressão! (Entrevista realizada com Violeta, em Curitiba, em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS.)

Para Azaleia, a imagem pejorativa das travestis e transexuais também aumenta sua vulnerabilidade ao risco de morte, trazendo para seu discurso a necessidade de humanização de sua existência:

as pessoas não saberem das nossas histórias. Imaginam que somos seres que num piscar de olhos nos procriamos e que não temos família, não temos sentimentos, que somos objeto sexual! Como eu falei, somos o lixo da sociedade! A sociedade nos vê assim. Pela maneira e nos tratar e querem exterminar, porque é muito mais fácil do que se aprofundar, saber quem somos e de onde viemos, o que queremos. É muito mais fácil eliminar do que agregar a sociedade de maneira igualitária. (Entrevista realizada com Azaleia, em Curitiba, em Agosto de 2013 no Transgrupo Marcela

³¹ Nos gráficos que se seguem a palavra Travesti foi abreviada por T.

³² Nos gráficos que se seguem a palavra Transexual feminina foi abreviada por TF.

Prado.)

Outro eixo de argumentação das travestis e transexuais femininas para a existência dos crimes de homicídios contra elas é construir uma 'qualificação sobre quem pratica o crime', concentrando 23% do conjunto de categorias discursivas. É importante deixar claro que a totalidade das expressões utilizadas por elas, quando se referiam à pessoa que comete crimes contra travestis/transexuais femininas, traziam em pauta a figura masculina. Este conjunto de falas pode ser compreendido em duas direções. Na primeira direção, estão concentradas as evocações como bandido e pessoas sem coração. Na segunda direção, elas constroem a imagem do autor do crime como uma pessoa reprimida em sua sexualidade homossexual que acaba matando por odiar o desejo que sente por elas.

A entrevista de Jasmin realiza uma análise do perfil dos autores de crimes contra elas. Ela justifica sua qualificação do criminoso da seguinte forma:

Acho que por insatisfação da pessoa consigo mesma. Pelo fato de ela ver outra exposta, vivendo, batalhando, sobrevivendo, mostrando o que ela é, expressamente, sem ligar pra qualquer outra coisa e ele reprimindo, sem poder mostrar, sem poder fazer o que quer, sem poder viver do jeito que ele quer. Então ele acha que ela não tem direito de viver, porque ele não tem. Então é errado viver assim pelo menos pra mim, entendeu? Mas é isso, porque não tem outra coisa! Às vezes as pessoas nem se conhecem. No meu caso, eu nem cheguei a conversar com as pessoas que me atacaram. É por isso, é a insatisfação consigo mesmo. (Entrevista realizada com Jasmim, em Londrina, em Outubro de 2013 na Casa da Margarida.)

O restante dos 9% das evocações constituíram a categoria 'Violência de T e TF para T e TF' com relatos sobre brigas e desavenças entre travestis e transexual femininas que estão em disputa por espaço e poder nos diversos territórios de prostituição, como já estudado por Ornat (2008, 2011, 2013). Margarida faz um relato expressivo:

[...] porque teve um desentendimento, porque a amiga mandou o doce³³ para a amiga. Muitas violências vem direto de outras travestis. As mortes, por exemplo. Na minha cidade, todas vieram à mando de uma outra travesti que queria impor o respeito através da violência e conquistar o espaço da prostituição dentro de Londrina. Então, ela deu o recado dela. Disse olha, estou aqui e se mexer comigo vou passar por cima igual à um trator. É isso. Mas e aí? O que é que a segurança faz com tudo isso? Ela enriquece igualzinha, juntinha. [referindo-se às alianças entre policiais e travestis/cafetinas] (Entrevista realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS.)

Este conjunto de representações sociais produzidas pelo grupo das travestis e

³³ "Mandar um doce" é um jargão próprio do grupo que significa encomendar uma surra.

transexuais femininas entrevistadas sobre sua vulnerabilidade evidencia que há uma ligação entre vulnerabilidade como um produto da sociedade heteronormativa, notadamente pela constituição de uma imagem negativa do grupo social associada à marginalidade. Por sua vez, a imagem negativa das travestis e transexuais femininas produz a ideia de que sua morte é algo banal, havendo um dispositivo social de livrar-se da responsabilidade por elas, que é culpabilizá-las pela própria vulnerabilidade e morte.

Nesta seção, foram exploradas as representações de vulnerabilidade à morte que são também constituídas pelas experiências concretas cotidianas de lidar com a morte de pessoas de seu grupo social e envolvimento afetivo com as vítimas de assassinato.

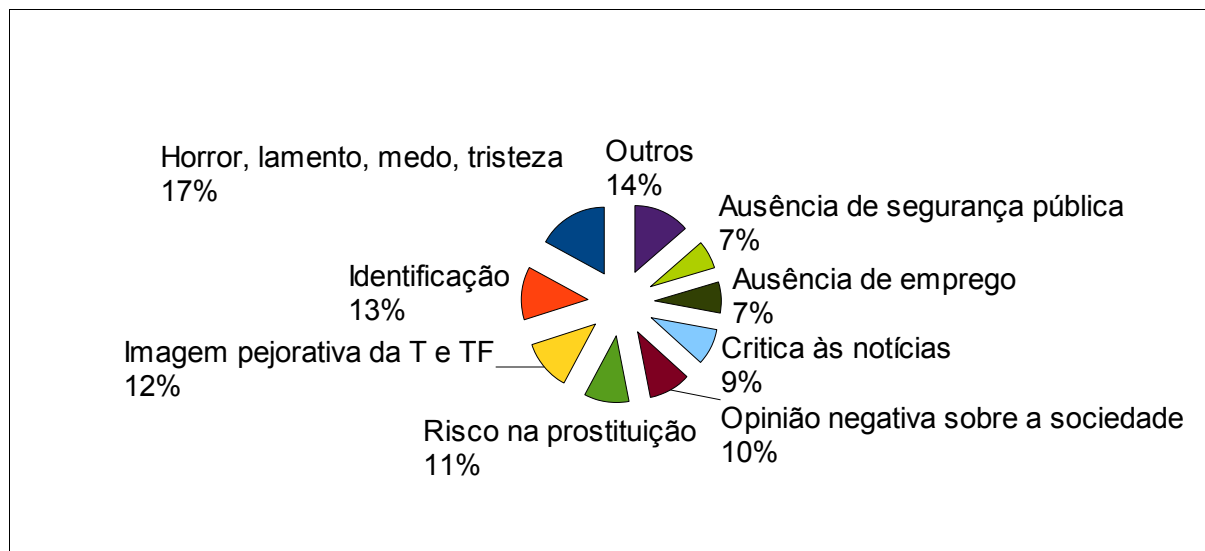
5 - A morte como elemento cotidiano da vida das travestis/transexuais femininas

A constituição de um quadro de vulnerabilidade do grupo de travestis e transexuais femininas ao sofrimento da violência e ao risco de morte é plenamente reconhecido pelas pessoas entrevistadas, como visto na seção anterior. Essa percepção se faz além das experiências indiretas relacionadas com a leitura de notícias de jornais em que as vítimas são desconhecidas. Pelo contrário, suas vidas estão repletas de exemplos de experiências diretas, da perda de pessoas que fazem parte de seu cotidiano que foram assassinadas. Esta cotidianidade da morte de pessoas próximas provoca uma projeção de seu próprio futuro, já que as trajetórias de vida das travestis e transexuais possuem elementos de exclusão e de interdição que são comuns e compartilhados pelo grupo.

Ao serem questionadas sobre a sua opinião ao ler a notícia do jornal que lhe foi apresentada sobre morte de travestis e transexuais femininas foram agrupadas 23,65% das evocações que constituíram as categorias discursivas que podem ser observadas no gráfico 06, que segue³⁴.

³⁴ A categoria discursiva 'outros' não será analisada em detalhe porque constitui evocações muito dispersas que não puderam ser agrupadas.

Gráfico 06 – Percepção das notícias de morte de travestis/transexuais femininas veiculadas nos jornais.



As representações criadas pelas travestis e transexuais, ao se aprofundarem no texto das notícias por elas observadas, reforça a noção de vulnerabilidade ao risco de morte, como já explorada na seção anterior. Mas também apresenta outras categorias, como a identificação com a vítima e surgem críticas sobre o conteúdo da notícia, bem como a revolta com a sociedade que lhes despreza.

Depois de expressar uma primeira reação sobre a notícia que mistura 'horror/lamento/medo/tristeza', concentrando 17% das evocações, as pessoas entrevistadas iniciam um discurso de forte identificação com a morte de si, nas mesmas condições que as notícias veiculam. Essa categoria representa 13% das evocações. Lírio fala sobre essa sensação, refletindo da seguinte forma: “*Eu tô aqui, eu tô tremendo, por ver, assim como aconteceu com elas. Eu não sei se pode acontecer isso comigo também.*” (Entrevista realizada com Lírio, em Londrina, em Outubro de 2013, na casa da Margarida). Jasmim também expressa sua identificação imediata: “*Essa é a pura verdade do que agente está exposta a passar. Essa daqui se baseia um pouco no que aconteceu comigo*” (Entrevista realizada com Jasmim, em Londrina em Outubro de 2013, na casa da Margarida).

A entrevista de Rosa traz um trecho exemplar desse processo. Diz ela:

olha eu fico horrorizada! Porque como diz assim, essa população que está morta, que mataram, seria a mesma coisa que me matarem. Porque eles matam com tanto ódio, com tanto descaso, que acabam chocando a população LGBT ou as travestis. Isso eu acho horrível, porque com uma facada se mata o ser humano. Eles matam,

esquartejam, tocam fogo, violenta. Isso aterroriza qualquer pessoa (Entrevista realizada com Rosa, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS)

A identificação de si mesmas com a pessoa assassinada está ligada também a uma identificação da imagem da travesti e transexual feminina de forma negativa em 12% das evocações sobre sua opinião com a leitura das notícias. A constituição da imagem negativa na notícia veiculada é realizada por elas em forma de protesto e crítica social, como pode ser visto no trecho da entrevista concedida por Margarida:

Sou transexual e automaticamente, sendo transexual, eu sou prostituta. Automaticamente sou promiscua, automaticamente não tenho valor algum. Nós já somos mortas, como você está vendo nas fotos. Nós somos largadas, deixadas e os policiais, as autoridades chegam e atribuem toda essa violência ao fato de nós estarmos ali [referindo-se ao território da prostituição], disponíveis e vulnerável a toda essa violência. É óbvio que à isso eu dou o nome e se chama criminalização de uma vítima. (Entrevista realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS.)

O território de prostituição é um forte componente das representações de risco de morte e representa 11% das evocações. O estudo realizado por Cabral, Ornat e Silva (2013) aponta que o território da prostituição é um paradoxo que reúne de forma simultânea a possibilidade de vida e o risco de morte. Vida porque a prostituição é uma das poucas oportunidades de ganho econômico e morte pela exposição excessiva à violência. Como argumenta Margarida, cada saída para o trabalho de prostituição pode significar ser a última vez. Ela conta o seguinte trecho ilustrativo:

Eu morei em casas com muitas prostitutas, travestis. Todas elas tinham uma reza. Elas rezavam e diziam assim: Deus me proteja, porque eu vou, mas eu não sei se eu volto. Então, nós temos fé, mas sabemos que nós estamos em perigo. (Entrevista realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS.)

A reflexão em torno de sua identificação com as vítimas de assassinato e as condições em que elas morrem possibilitou um eixo discursivo de crítica social e de reivindicações por melhores condições de vida. A categoria 'Opinião Negativa Sobre a Sociedade' com 10% das evocações evidencia sua sensação de pouco acolhimento de sua identidade de gênero e sexual, embora elas saibam do desejo sexual que seus corpos 'considerados estranhos' podem provocar. Violeta diz que “a sociedade é injusta, cruel. Porque como minhas amigas sempre dizem muito isso 'o homem que fecha as portas durante o dia, durante a noite abre as pernas para nos' e isso é muito triste

(Entrevista realizada com Violeta, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS)

Margarida fala sobre seus direitos cidadãos não respeitados

a sociedade mascara essa violência, essa homofobia, essa violência institucional, porque o fato de uma travesti estar ali vulnerável àquela violência mostra o descaso da sociedade em estar trabalhado esse cidadão ou esta cidadã para essa pessoa estar fazendo parte de uma sociedade. Ninguém disse para essa travesti que tá aqui, ou essa daqui que ela poderia estar em outro lugar ou ter outras oportunidades. É muito triste ver que o preconceito institucional é que dá início a toda essa violência. Então eu combato a invisibilidade através da visibilidade. Exatamente para que pessoas não achem normal que travestis morram. Porque a sociedade acha normal. (Entrevista realizada com Margarida em Curitiba, em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS.)

Ao ler as notícias, as pessoas entrevistadas também realizaram um discurso crítico sobre a falta de respeito a sua orientação de gênero e sexual, sendo este também um elemento do não reconhecimento de seus direitos sociais. Uma das maiores dificuldades das travestis e transexuais femininas é ser chamada pelo nome masculino, que consta em seus documentos civis, como visto em Riquelme³⁵ (2013). E elas chamam a atenção para isso quando evidenciam o texto da notícia veiculada com nomes que não identificam as pessoas assassinadas, como pode ser visto na entrevista concedida por Rosa que diz “*Você veja como o preconceito começa com os formadores de opinião. Um travesti foi assassinado, por quê não uma travesti foi assassinada?*” (Entrevista realizada com Rosa, em Curitiba, em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

O discurso das travestis e transexuais femininas entrevistadas expressa sentimento de revolta pela forma com que os jornais se referem a elas e ao evento de morte. Elas imediatamente mobilizam o fato de que há ausência de oportunidades econômicas e sociais, o que gera prostituição e morte violenta. 7% das evocações foram reunidas na categoria 'ausência de emprego'. Silva e Ornat (2010) abordam esta estrita relação entre a interdição ao ensino e ao trabalho que travestis e transexuais sofrem ao longo de suas vidas, sendo, então, a prostituição uma alternativa rentável. Na fala de Margarida, há esta clara vinculação:

Ninguém questiona quem está na rua fazendo o que quer com o seu corpo. Porque a autonomia do corpo nos garante essa liberdade. Mas eu quero entender, porque que quando você opta por uma transição [referindo-se à sexualidade] as pessoas te fecham as portas e você é obrigada a ter que vivenciar a prostituição. (Entrevista realizada com Margarida em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS.)

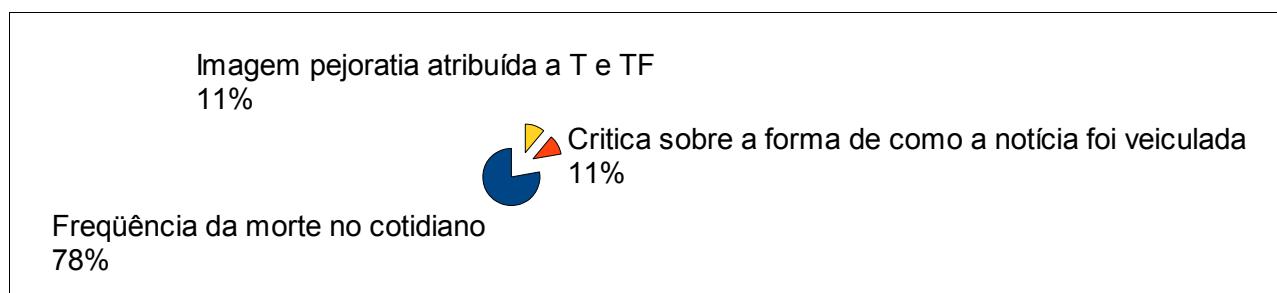
³⁵ RIQUELME, Fernanda. A Vida da Travesti é Glamour, mas Também é Violência em Todo Lugar. In: SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose e CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2013, p.55-67.

A categoria 'Ausência de segurança pública' com 7% das evocações também é um aspecto de uma representação de descaso com as vítimas. Iris relata que é comum observar as atitudes de descaso da polícia em relação ao que ocorre com o grupo social de travestis e transexuais femininas. Ela diz que situações de desrespeito

continuam acontecendo e muitas vezes não temos números e nem estatísticas e até mesmo a segurança pública. Nossos dirigentes, muitas vezes, não dão bola para isso e continua acontecendo esses assassinatos de cunho homofóbico. (Entrevista realizada com Iris em Ponta Grossa, em Abril de 2014 no Grupo Renascer)

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre o conhecimento de acontecimentos de morte, ficou claro que isso faz parte de seu difícil cotidiano e constituiu 2,90% das evocações. Quando elas relatavam os casos de morte de travestis que conheceram, ligavam frases sobre a imagem pejorativa das travestis e transexuais femininas que acabou constituindo 11% das evocações, confirmando, assim, a banalização de sua morte. Além disso, estabeleciam críticas de como a notícia era veiculada evidenciando a falta de respeito pela sua identidade de gênero em 11% das evocações, como pode ser visualizado no gráfico 07.

Gráfico 07 – Relação entre cotidiano e morte de travestis e transexuais femininas.



As evocações sobre a imagem pejorativa das travestis e transexuais cujas evocações se confirmaram em 11% criam um contexto social de que sua morte é algo que não vale a pena ser motivo de preocupação social. As críticas da notícia (11%) são evocações que já foram detalhadas anteriormente. Mas nesse contexto discursivo, há algo muito importante para elas que é o fato do anonimato e das dificuldades de saber quem foi a pessoa falecida, já que o nome masculino adotado nos jornais não é reconhecido pelo grupo social. O fato de que os jornais não respeitam o nome feminino adotado pelas travestis e transexuais impossibilita que elas reconheçam as amigas que

adotado pelas travestis e transexuais impossibilita que elas reconheçam as amigas que faleceram ou foram mortas de maneira imediata, apenas posteriormente, através das conversas dentro do grupo social. Ainda há uma crítica bastante politizada que é o mascaramento de estatísticas denunciado por Rosa, que relata essa situação da seguinte forma:

a gente escuta em rádio, televisão [referindo-se às notícias de morte de pessoas de seu grupo social]. Só que eles dão como se eles fossem pessoas do sexo masculino, pelo nome de nascimento. Mas como diz a população de travestis não se reconhece pelo nome de nascimento. Se a notícia falasse Bianca Stars, Penelope Rios, nomes que são usados, você acaba conhecendo elas. Mas pelo nome de batismo é outra pessoa. (...) Não aparece [referindo-se ao nome social]³⁶. É por isso que não temos dados de quantas amigas nossas são mortas, porque em qualquer notícia de jornal, eles não põe o nome delas. Seja qual for o nome da travesti eles colocam ali Eduardo, Paulo, Pedro e ali vai. Usam 'O Travesti Morto'. Então você acaba não prestando a atenção de quem é esta pessoa. Como temos muitas amigas que se prostituem, que trabalham em boate, sabemos que isso acontece quase que diariamente. Só que não temos dados de quantas são assassinadas, agredidas, porque não colocam o nome delas nas manchetes do jornal, rádio, ou TV. (Entrevista realizada com Rosa, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENTLAIDS.)

A categoria 'Frequência da Morte' com 78% das evocações foi a mais expressiva e evidencia que a morte de travestis e transexuais é algo corriqueiro na vivência das entrevistadas. O alto índice de violência exposto pelas entrevistadas e as representações que elas constituem é fruto de um mecanismo geral de exclusão do grupo que elas reconhecem perfeitamente e por isso lutam, embora sintam que tais mecanismos são estruturais na sociedade heteronormativa. Mbembe (2003) argumenta que há sociedades que criam estruturas que condenam determinados grupos sociais à morte. A negligência por parte do Estado em torno das necessidades de travestis e transexuais femininas está ligado ao seu processo de abjeção. Suas vidas não são dotadas de importância para a sociedade heteronormativa. Consequentemente, políticas públicas básicas na área de segurança pública deixam de ser realizadas e sua vulnerabilidade é ampliada. Violeta lembra de vários episódios de morte que fizeram parte de sua vida e da negligência do Estado:

³⁶ Nome social é o nome feminino que as travestis/transexuais femininas adotam para não utilizar o nome masculino que é expresso em sua certidão de nascimento. Para que seus documentos sejam adequados ao nome adotado, há necessidade do enfrentamento de uma série de batalhas judiciais que nem todas elas podem arcar com custos financeiros. A utilização do nome social nas escolas por parte do grupo é um direito adquirido no Paraná, através da Orientação Pedagógica nº 01/2010 - DEDI/SEED que "Orienta que os estabelecimentos de Ensino da Rede Pública Estadual de Educação Básica, devem incluir, no ato da matrícula, o nome social de travestis e transexuais no campo destinado para esse registro no cadastro do aluno" (**Orientação Pedagógica nº 01/2010** - DEDI/SEED disponível em <<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/orientacoes/orientacaopedagogica0012010.pdf>> acesso em 12 de fevereiro de 2014.

eu tava a esquina de baixo e ela foi assassinada na outra esquina em cima. Aí, saiu todo mundo correndo. Você chega lá e se depara com uma amiga sua. Outra amiga minha que morreu do meu lado, a gente morava juntas. Saímos juntas pra trabalhar. A gente tinha um convívio muito bom junto com a família dela. De repente, a gente tava num ponto de prostituição, era início da noite. Passou um cara atirando e saiu todo mundo correndo. Quando eu voltei pra trás, pra procurar ela, ela tava caída no chão. Muito triste você saber que poderia ser você. Graças à Deus. (...) A palavra travesti traz marginalidade. Então, morreu, a polícia não busca. Ninguém foi buscar, ninguém sabia de nada. Foi trágico. Eu sofri muito na época. (Entrevista realizada com Violeta, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENLAIDS)

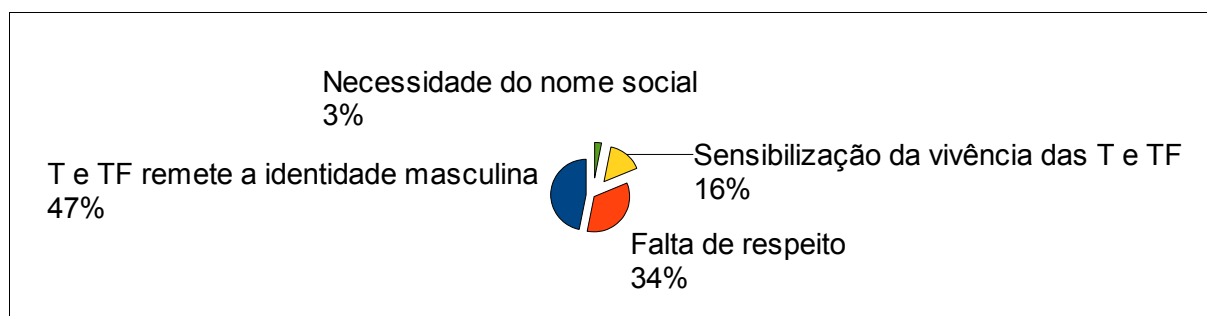
Quando elas foram solicitadas a escolher a notícia que menos agradava, as evocações constituíram 2,25% das suas falas. Contudo, podemos afirmar que elas não quiseram fazer escolhas, referindo-se à totalidade das notícias como sendo algo trágico em suas vidas.

A investigação de Diniz (2014) sobre notícias de homossexuais assassinadas lhe permitiu argumentar algo que pode ser também associado às notícias de morte de travestis e transexuais femininas. Segundo ele,

A homofobia é retratada nas notícias com diferentes enquadramentos, para os quais importa o estatuto do testemunho da imagem como prova. Para as vítimas, suas imagens precisam mostrar o horror da homofobia, mas também atestar o que a morte emudeceu – a vítima era um sujeito fora da heteronorma. É preciso, portanto, exibir a performance transgressora, o que acaba por movimentar uma estética rude de classificação e representação de outras sexualidades que não a heterossexual. A rudeza não está apenas na representação do corpo transgressor masculino por clichês visuais, mas na composição da imagem sobre o horror (DINIZ, 2014, p.16)

As vítimas travestis e transexuais são retratadas de forma a constituir uma imagem de alguém que não fará falta socialmente. O desrespeito ao nome feminino volta ao discurso das travestis quando elas apontaram 'o elemento da notícia que lhes desagradava'. Esta categoria discursiva reuniu 5,14% do total de evocações e podem ser compreendidas de forma detalhada no gráfico 08.

Gráfico 08 – Elemento das notícias que menos agradam às travestis e transexuais femininas.



As categorias 'travesti remete a identidade masculina' com 47% das evocações deste universo e 'falta de respeito' com 34%, embora distintas, são complementares. Elas se referem ao fato de que a mídia não respeita sua identidade de gênero. Elas detectaram que toda a redação da notícia se referia à vítima (travesti/transsexual feminina) no masculino, tanto como a utilização de artigos, adjetivos e outros elementos linguísticos. Por isso, associam a idéia de falta de respeito pelas pessoas que lutaram a vida toda para ser reconhecidas como femininas, como pode ser visto no trecho de entrevista de Margarida:

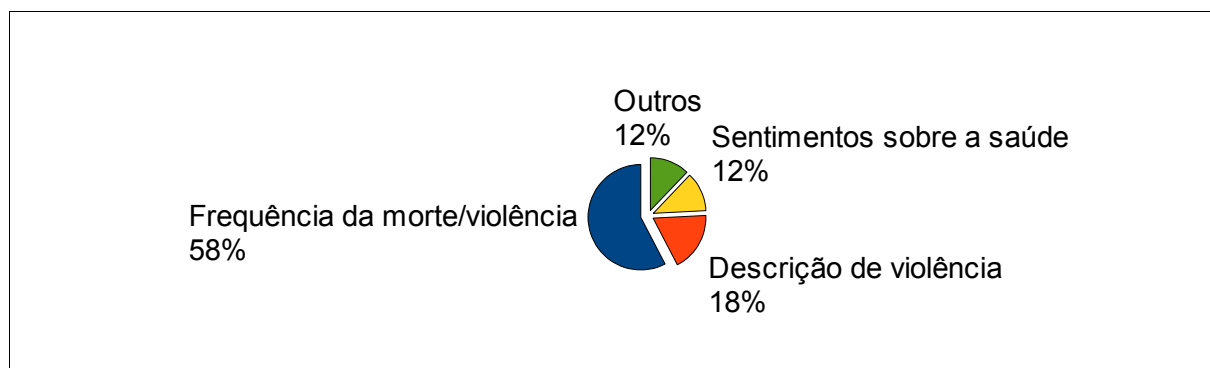
o desrespeito da sociedade, dos órgãos de segurança, do machismo, do sexismo que existe na notícia. Tudo isso é amparado, toda a agressão à nós é amparado pela mídia. Ela é amparada por essas pessoas que fazem esse laudo, que fazem essa divulgação. Porque que a travesti não aparece como vítima de violência? Porque eles não denunciam isso? Porque eles não contam como realmente foi a situação da morte? Eles querem sempre jogar na lama aquilo que já está lameado, para que nunca saia da lama. Eles fazem questão de fazer essa comparação como homem. Nas estatísticas de violência você não vai encontrar 'travesti'. Você vai encontrar o fulano de tal, com nome de homem. Ou seja, você nunca vai saber que este fulano de tal, era uma travesti de 40 anos, encontrada morta. É invisibilidade institucional, a necessidade do nome social reconhecido e dos direitos de estar fazendo parte de uma sociedade protegida pelos seus órgão de segurança. Nas estatísticas a travesti aparece como homem que faz sexo com outro homem. Por quê? Porque a condição da transformação e da transição dela não é respeitada. Minha condição social não é respeitada quando me chamam de "ele" de "o" ou de "um" ou de "coisa". Porque eu já cansei de ouvir "ah essa coisa aí" (Entrevista realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro de 2013 no XX ENTLAIDS)

Em contrapartida, o próprio grupo das entrevistadas conhece algumas ferramentas na luta contra este cenário, trazendo para o discurso em 3% das evocações a categoria 'necessidade do nome social'. Para elas, este aspecto é uma necessidade básica que pode ajudar na sua vulnerabilidade à morte. Outra categoria que evidencia sua força e esperança de luta é a 'sensibilização da vivência trans', com 16%. Para muitas delas, as notícias podem gerar a visibilidade de sua existência e ajudar nas suas relações

sociais que, por sua vez, podem possibilitar a transposição dos espaços interditados a elas, como estudado por Silva (2009).

A morte veiculada pelos meios de comunicação revelam o ápice da violência física sofrida pelo grupo de travestis e transexuais que sofre de uma escalada de violências graves para chegar à morte. Várias delas relatam casos de pessoas com cicatrizes e outras mazelas que são adquiridas por conta de violências físicas graves. Quando as entrevistadas foram questionadas sobre a ocorrência de violências graves e as formas de violência que colocaram as pessoas em risco de morte, elas trouxeram 5,3% de evocações do total. Tais evocações foram organizadas em categorias que podem ser visualizadas no gráfico 09.

Gráfico 09 – Casos de grave violência e risco de morte rememoradas pelas entrevistadas.



O discurso das entrevistadas quando constituíam suas representações sobre a violência de pessoas de seu grupo estabeleceu uma relação interessante entre as categorias discursivas. A violência é frequente e a descrição das formas de violência evidencia que os métodos utilizados pelos autores das violências são de extrema agressividade e elas só procuram o sistema de saúde se não conseguem resolver os ferimentos sozinhas ou com as pessoas de sua própria convivência. Azaleia e Iris em suas entrevistas deixam o processo claro:

não tem uma que não sofreu [referindo-se à violências graves com risco de morte]. Infelizmente, nosso sistema de saúde é muito falho nesse sentido. Principalmente quando se trata de travestis. Apesar das polícias públicas que já existem e prol dessa população, que resguarda o respeito a essas pessoas, elas ainda são muito mal atendidas. Eu torno a repetir. A sociedade, inclusive dentro dos hospitais, prefere exterminar as travestis do que tratar elas de forma preservar a vida dessas pessoas. (Entrevista realizada com Azaleia, em Curitiba, em Agosto de 2013, no Transgrupo Marcela Prado.)

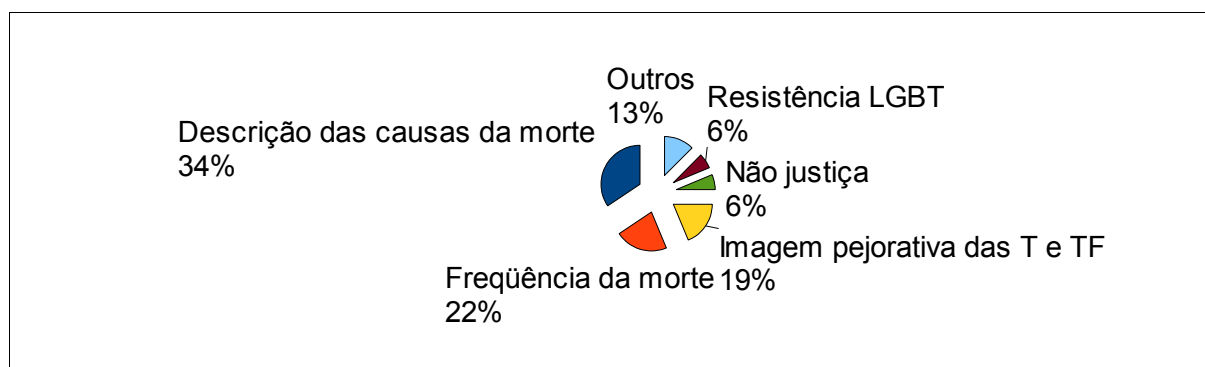
Segundo Iris, mesmo com lesões graves, as travestis e transexuais femininas

evitam ir aos hospitais por medo de sofrer preconceitos. Ela diz:

ah inúmeros! [referindo-se aos casos de graves lesões e morte]. Se for contar assim, eu não tenho nem ideia, porque eu tô nessa lista. Nesses 28 anos eu vi barbaridades, não só risco de mortes, mas assassinatos na minha frente. Teve aqui o caso da (nome omitido), da (nome omitido). Temos várias outras travestis daqui do centro que já sofreram agressão. Tem a (nome omitido). Eu já sofri agressão, já levei tiro, facada, já fui estuprada, como as outras também. Tem a (nome omitido) e muitas outras que também passaram por isso. Mas ir ao hospital, a maioria só vai quando é uma agressão grave mesmo. A maioria não vai. Não procura por medo, medo do atendimento. Até mesmo na polícia, também não vai fazer o boletim de ocorrência. Isso porque não adianta fazer o boletim de ocorrência. No outro dia ela tá ali na esquina, correndo os mesmos riscos, porque não tem uma segurança. Depois, a única opção de vida, sobrevivência, é aquela esquina. Então, a insegurança é total, 24 horas por dia. (Entrevista Realizada com Iris, em Ponta Grossa, em Abril de 2014, no Grupo Renascer.)

Quando elas foram provocadas para refletir em torno dos casos concretos que elas haviam vivido em torno da morte de pessoas próximas, o discurso das travestis e transexuais femininas concentrou 5,14% do total de evocações agrupadas em categorias que podem ser visualizadas no gráfico 10³⁷.

Gráfico 10 – Experiências diretas de Travestis e Transexuais Femininas com casos de morte.



A categoria 'Descrição das causas da morte' concentrou 34% das evocações. O que se pode afirmar é que, a partir de seus relatos, tiros e facadas são as formas mais comuns de morte de travestis e transexuais femininas. E a vulnerabilidade a estas mortes está intimamente relacionada ao fluxo de pessoas nas espacialidades do crime. Desta forma, as espacialidades de maior fluxo de pessoas, fazem com que o assassino se utilize de armas de fogo para uma execução rápida da vítima e assim mantenha uma manutenção do anonimato por parte do autor dos disparos de arma de fogo. No entanto,

³⁷ A categoria "outros" não foi analisada por não constituírem um eixo que pudesse reunir evocações discrepantes.

quando não há fluxo de pessoas e o homicida está sozinho com a vítima, o *modus operandi* do assassino faz com que a causa da morte da travesti/transsexual feminina seja com requinte de crueldade, repleta de tortura física e psicológica.

Os relatos de mortes de amigas reúnem 22% das evocações e foram reunidas na categoria 'Frequência da morte'. Lembrar de amigas que morreram é sempre uma situação de forte emoção do discurso do grupo. Margarida argumenta desta forma:

Eu tenho um texto que eu sempre digo 'para você pode ser uma estatística, para mim é uma amiga que eu perco' [referindo-se à morte de pessoas de seu grupo]. Eu disse isso ao secretário de segurança e ao delegado, na época das mortes em 2008 em Londrina. Foi necessário que o Elitytrans surgisse para que esse pessoal soubesse que Londrina não estava abandonada, que Londrina estava organizada, que nós, da diversidade sexual, tínhamos influência política prestígio e amigos influentes que estão ali, conosco, lutando pelo mesmo ideal. (...) Eu sempre digo que as estatísticas são injustas, porque elas não mostram que estas pessoas são amigas, pessoas conhecidas. (Entrevista Realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro de 2013, no XX ENLAIDS)

A categoria da 'Imagem pejorativa das T e TF' concentrou 19% do total das evocações sobre os casos concretos de morte que havia experienciado em suas vidas. É importante destacar que a categoria 'Imagem pejorativa das T e TF' aparece relacionada com outra categoria que é a 'Não Justiça' com 6%. Segundo elas, a imagem de ladras, bandidas, marginais, faz com que a polícia não dê importância sobre sua morte e nem mesmo se interesse por investigá-la. Iris traz um trecho exemplar em sua entrevista:

Teve a última aqui [referindo-se à vítima de assassinato], foi a (nome omitido) que levou um tiro na cabeça, de um cliente. O cliente não ficou preso. Foi a última que foi assassinada aqui com um tiro na cabeça no centro de Ponta Grossa. Ele deu um tiro e ela morreu ali, na hora. Ele ficou uma semana preso e foi liberado. Como sempre, a gente é taxada como assaltante, bandida, isso e aquilo. Ele alegou que ela quis assaltar ele! Isso aí já é velho [referindo-se às habituais justificativas que os autores de assassinatos utilizam]. Claro que existe problemas. Eu não vou dizer que isso não existe. Mas tem muitas exceções. A sociedade e até a segurança pública generaliza todas as travestis como bandidas, drogadas e prostitutas e eu acho que é errado isso. (Entrevista realizada com Iris, em Ponta Grossa, em Abril de 2014, no Grupo Renascer)

A forma de lutar contra a falta de punição dos crimes de morte cometidos contra travestis e transexuais congregam 6% das evocações da categoria 'A Resistência LGBT'. Elas argumentam que o papel das ONGs tem sido importante para sensibilizar a sociedade sobre a compreensão da orientação de gênero e sexualidades de travestis e transexuais. Além disso, a representação institucional pressiona as autoridades públicas a

agir a partir dos marcos de conquistas legais já alcançadas pelo movimento LGBT no Brasil.

Nesse sentido, podemos finalizar esta seção afirmando que as representações sociais das travestis e transexuais femininas em torno da morte como uma experiência cotidiana retrata um quadro de violência que atinge pessoas com as quais elas possuem fortes vínculos afetivos, de forma violenta, em geral, cuja autoria do crime é de uma pessoa do sexo masculino. Segundo elas, a imagem negativa de si, constituída pela sociedade, contribui para a impunidade e o não à justiça, mas acreditam ainda na organização política do grupo como alternativa de luta.

O presente capítulo abordou os significados construídos pelo grupo de travestis/transexuais femininas entrevistado, no que diz respeito à vulnerabilidade à morte. Em um primeiro momento, captamos as experiências indiretas das pessoas entrevistadas através de jornais. Em um segundo momento, exploramos a experiência direta a partir da perda de pessoas próximas das entrevistadas, pertencente ao seu grupo social. As representações sociais criadas por travestis e transexuais femininas em relação a sua vulnerabilidade à morte estão ligadas ao intenso processo de exclusão e interdição espacial que elas sofrem, pois a sociedade heteronormativa lhes reconhece como transgressora da ordem. As ações de opressão são crescentes e podem culminar na morte. Elas têm total consciência deste processo, alegando o constituição de sua imagem como negativa e o desejo da sociedade em eliminá-las. Contudo, seus discursos não são de passividade. A revolta contra as injustiças e impunidades aparece em seus discursos, bem como a esperança de organização para minimizar seu quadro de vulnerabilidade. Sua percepção em torno da vulnerabilidade à morte traz, certamente, uma leitura particular do espaço urbano como temeroso e agressivo, em geral, no período da noite. Estes aspectos serão tema do capítulo que se segue.

CAPÍTULO 3 - ESPACIALIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS SOBRE O RISCO DE MORTE

No capítulo anterior realizamos a análise das representações sociais em torno da vulnerabilidade de travestis e transexuais femininas sobre o risco de morte. Exploramos tais representações a partir de suas experiências indiretas, como a frequência de notícias de morte de pessoas com as quais o grupo se identifica, bem como através da morte de pessoas ou amigas próximas de seu cotidiano.

Neste capítulo, a análise das representações sociais em torno da morte de travestis e transexuais femininas está baseada nas experiências que seu próprio corpo sofreu, levamos as pessoas entrevistadas a perceber a morte como um fenômeno muito próximo de si mesmas e como tal percepção constitui seus discursos sobre a morte e suas formas de viver o espaço urbano.

O texto está dividido em duas partes. Na primeira seção, examinamos a relação direta e crescente entre o sofrimento do preconceito, discriminação, violência e morte. O argumento central é de que as travestis e transexuais femininas vivenciam situações-limite de risco de morte que são anunciadas após um longo processo de violência sistemática cometido contra elas. Estas experiências são espaciais, mas cada fragmento de espaço evoca diferentes percepções de risco de violência e morte. Na segunda seção, analisamos as representações sociais que se instituem também pela resistência e perspectiva de um futuro em que o envelhecimento seja possível para o grupo social de travestis e transexuais femininas na sociedade brasileira.

Este capítulo está fundamentado na análise das entrevistas que produziram 622 evocações. Tais evocações constituem eixos de significados que instituem a representações sociais sobre as experiências espaciais de morte³⁸.

6 - A morte de travestis e transexuais femininas: o ponto final da trajetória de preconceito, discriminação e violência em suas experiências espaciais concretas

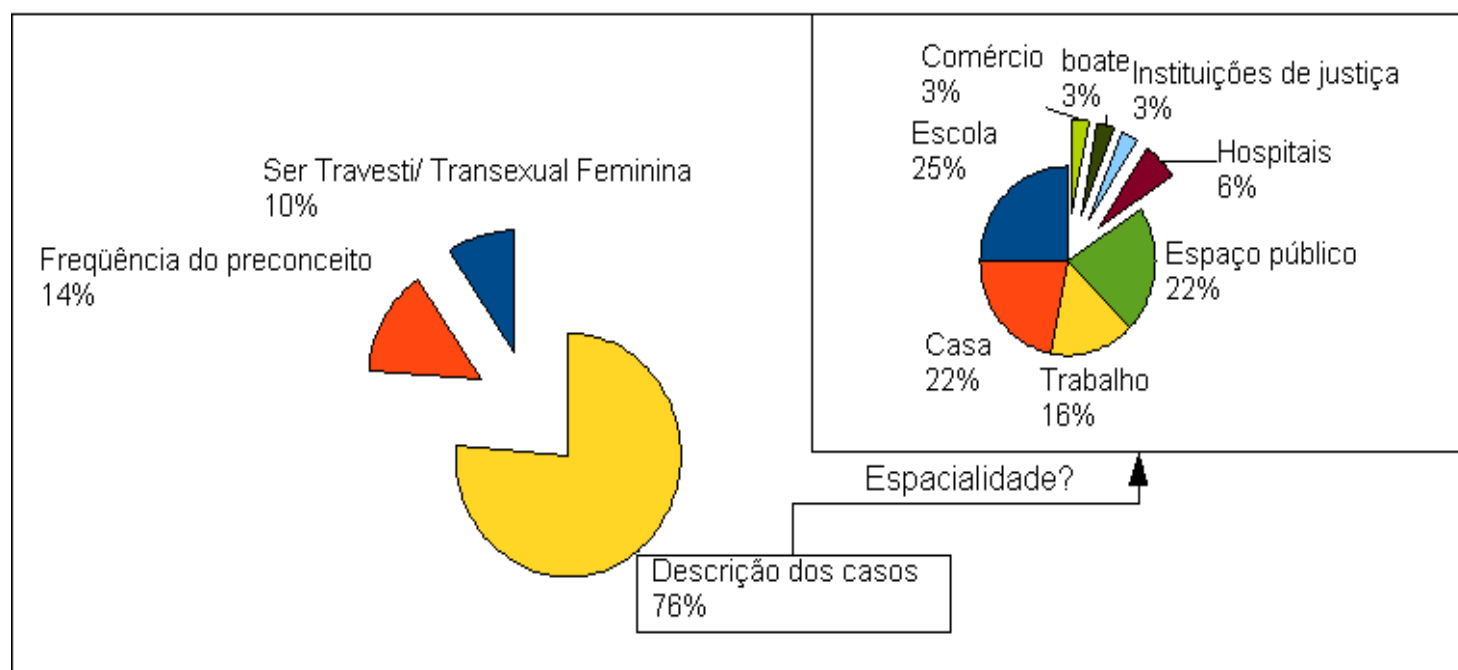
O discurso das pessoas entrevistadas traz com clareza que as notícias de morte de pessoas com as quais elas possuem identificação, bem como de amigas com as quais elas partilharam a vida no grupo de travestis e transexuais, instituem

³⁸ Ver com mais detalhe a Quadro 2 que mostra a distribuição geral das categorias discursivas que compõem as representações sociais do grupo.

representações sociais de uma imagem negativa que a sociedade em geral produz sobre elas, tornando suas vidas abjetas, no sentido atribuído por Butler³⁹. Além disso, elas compreendem que a sociedade as culpabiliza pela própria situação de vulnerabilidade. Tal condição também é percebida em suas próprias experiências corporais. Durante as entrevistas, elas mostram várias cicatrizes e apontam certas marcas no corpo, fruto de episódios de violência. Ao sentir no próprio corpo o risco de morte, elas relatam que a morte é o fim de uma trajetória mais ampla de várias outras experiências de violência.

Assim, para elas, o cerne do risco de morte é o preconceito e a discriminação em relação à sua transgressão de gênero e sexualidade. Elas relatam que o preconceito e a discriminação fazem parte de toda a sua existência e apontam que há locais de maior opressão como é o caso da escola, do espaço público e da sua própria casa, quando ainda viviam na casa dos pais. O gráfico 11 evidencia a estrutura de categorias que fazem parte das representações sociais que elas instituem sobre o preconceito e a discriminação associadas ao espaço.

Gráfico 11 – Experiências pessoais de preconceito e discriminação sofridas por travestis e transexuais femininas.



³⁹ Em entrevista concedida a Prins e Meijer (1998).

Quando as travestis/transexuais relataram suas próprias experiências de preconceito e discriminação suas falas concentraram 6,75% do total das 622 evocações. Elas se detiveram em descrever os casos em que foram vítimas de preconceito e discriminação em 76% das evocações. Os casos eram vividos concretamente por meio de espaços. A 'escola' representou 25% das evocações de descrição dos casos relatados. A 'casa' com 22% estava sempre se referindo ao período em que viviam com os pais e irmãos. Os 'Espaços Públicos' também com 22% das evocações refere-se às ruas da cidade. O 'Trabalho', com 16% das evocações são relatos de tentativa de não exercer a prostituição como atividade financeira. 'Hospital', com 6% das evocações estava atrelado ao fato de não acessibilidade, bem como 'Instituições de Justiça' com 3% e 'Comércio', também com 3%.

Estes espaços não são apenas 'locais' onde as experiências de preconceito e discriminação acontecem. Para este trabalho, estes são espaços que se conformam na lógica heteronormativa que acabam por constituir o que Silva (2013, p.158-159) chama de espaço interdito. Para ela o espaço se faz de “práticas regulatórias [que] são desempenhadas por aqueles que se julgam dentro da ordem e possuem o poder de exercê-la bem como o de estabelecer as formas com que determinados sujeitos devem ser excluídos”. Assim, o espaço não tem um sentido absoluto, mas como James Duncan (1990) argumenta, é um texto lido por determinados sujeitos.

O espaço urbano vivido pelas travestis e transexuais femininas são espaços marcados pelo preconceito e pela discriminação, já que, constantemente, elas são lembradas que estão fora da ordem heteronormativa. Esta lembrança é cotidiana e sistemática, como evidenciam 14% das evocações. Isso fica claro na fala de Rosa⁴⁰ que afirma o seguinte: “*Preconceito para travesti é 24 horas, que você sofre!*”. Quando Rosa foi provocada a falar de suas experiências de preconceito, imediatamente falou: “*Escola, o meio familiar, porque eu apanhei muito da minha mãe e do meu irmão, porque eles queriam que eu fosse homem e homem eu nunca fui*”. O preconceito, para elas, está ligado ao fato de assumirem sua transgressão de gênero e sexual, sendo que 10% das evocações estão relacionadas ao ser travesti ou transexual feminina.

A entrevista de Margarida é exemplar e relata experiências espaciais de casa e da escola já durante a infância e a adolescência. O trecho abaixo sobre estes espaços é uma evidência da tendência discursiva encontrada, trazendo a ideia de que nem a escola e, tampouco a casa, foram lembrados como espaços de proteção e acolhimento.

⁴⁰ Entrevista realizada em Setembro de 2013 em Curitiba no XX ENTLAIDS.

O preconceito começa no momento que eu comecei a me descobrir [referindo-se à sua sexualidade] pelo meu pai. Porque meu pai, se ele visse uma transsexual do outro lado da rua, ele atravessava. O preconceito começou muito cedo, por causa daquela questão de homem brincar de carrinho e menina de boneca. Eu brincava de show da Xuxa, com uma blusa na cabeça. Você imagine como ficava meu pai quando via eu daquele jeito. Então, o preconceito começou muito cedo, antes de eu transformar em transexual. (...) A gente, transexual, começa a sofrer o preconceito dentro da própria casa, antes mesmo de entrar no próprio meio social, que é a escola. No começo, isso não acontece, todo mundo é igual. Todo mundo é igual até os 6 anos. Depois dos 10, começa adolescência o desenvolvimento da sexualidade. Daí a gente começa a ver que as pessoas vão percebendo. (...) Eu comecei sofrendo preconceito e discriminação quando meu professor queria que eu jogasse futebol. Eu não conseguia jogar futebol, porque eu era delicada, tinha aparência feminina e eu não gostava de jogar futebol. Os meninos aproveitavam naquele tempo para me bater, para me espancar, pra me dar murros, pra me dar chutes e eu não gostava mesmo de futebol. Dai ele [referindo-se ao professor de educação física] olhou na minha cara e disse: vai jogar vôlei porque você é uma menininha mesmo. E daí eu fui jogar vôlei mesmo. Nesse momento, toda a escola começou a me chamar de viadinho, de menininha, de não sei o que, disso e daquilo. Nós não somos respeitadas dentro das escolas. (Entrevista realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro, no XX ENTLAIDS)

Margarida continua seu relato, trazendo suas experiências já em fase adulta, onde aparece o sofrimento no trabalho e em instituições de justiça:

(...) Depois eu tive preconceito dentro do ambiente de trabalho. Eu sempre tive que trabalhar o dobro porque eu era transexual. O que uma pessoa fazia, eu tinha que fazer o dobro. Se uma pessoa corria 1km, eu tinha que correr 2km. Então, isso aí mostra o reflexo do tratamento de você ser o que você é. Depois eu tive muito preconceito institucional quando fui pra denunciar essas violências que sofri e eles simplesmente me ignoraram. Ignoraram a minha fala, ignoraram a minha condição. Disseram simplesmente para mim [referindo-se aos policiais]: arruma um trabalho, vai trabalhar, você sofreu essa violência porque você estava no lugar errado, na hora errada! Então eu disse pra ele: pois é, agora eu queria que você me dissesse como que eu faço pra sair desse lugar? [referindo-se ao local de prostituição]. Dai ele disse: isso não é problema meu. (...) Como eu te disse, a vida é uma só e você tem que viver intensamente dia após dia, porque o futuro só Deus sabe. Com relação à nós que somos travestis, transexuais, se tiver um futuro. (...) A exclusão social parte de todos os segmentos, de todos os lugares e viver na exclusão é a violência que está em todos os lugares (Entrevista realizada com Margarida, em Curitiba, em Setembro, no XX ENTLAIDS)

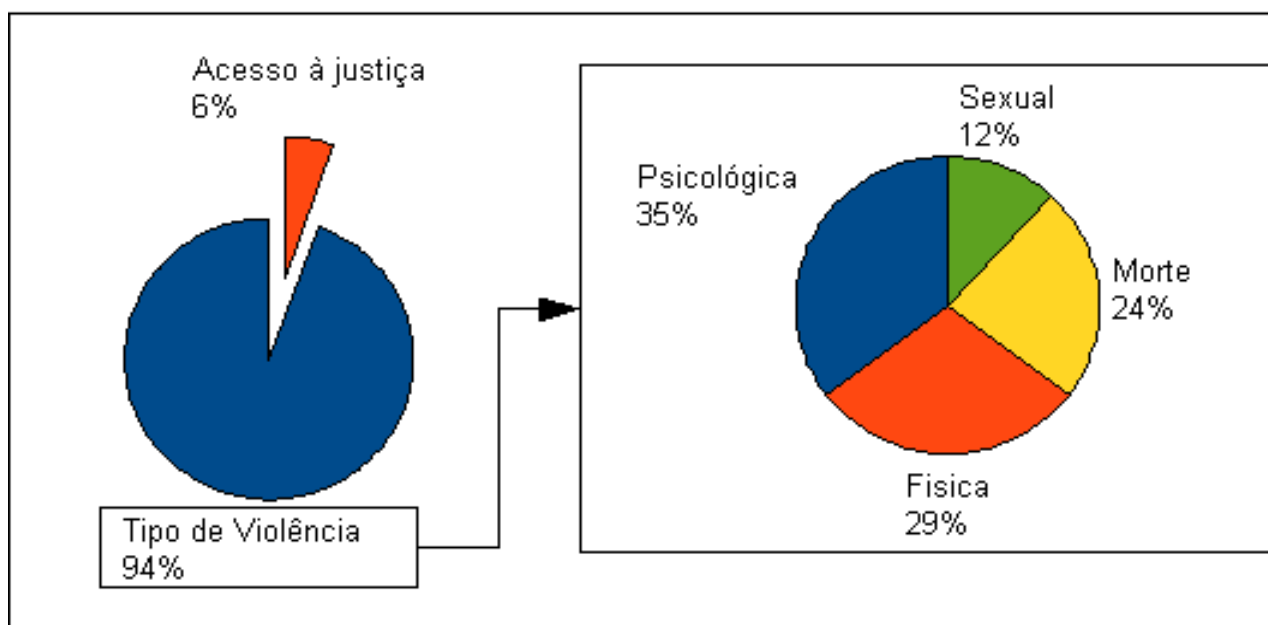
Os espaços que compõem a cidade são evocados nas experiências de preconceito e da discriminação. Assim, a cidade vai paulatinamente sendo lida e interpretada como composta de espaços multiescalares de interdição.

Quando elas foram provocadas a pensar em espaços de maior preconceito, suas evocações constituíram 2,90% do total das evocações. Podemos afirmar que, novamente, a escola se destaca em um primeiro plano, sendo depois lembradas as ruas

da cidade como espaços públicos e a casa.

A estrutura discursiva que o grupo de entrevistadas apresenta é a de que o próprio preconceito e a discriminação são tipos de violência psicológica que iniciam um processo que se agrava. Elas evocam vários tipos de violência pelas quais elas passam. Do total de evocações produzidas pelo discurso das pessoas entrevistadas, 2,90% fala sobre as formas de violência sofridas pelo grupo. O gráfico 12 evidencia a ligação entre os tipos de violência que elas enumeram e as dificuldades de obter canais de queixa sobre a violência sofrida.

Gráfico 12 - Formas de violência retratadas por travestis e transexuais femininas



Quando elas se referem à violência psicológica, seus relatos estão em torno da negação de sua identidade de gênero e sexual. Margarida diz que

a pior de todas as violências é te negar o direito de ser quem você é. Eu acho que as pessoas dizerem o que eu tenho que fazer com o meu sexo ou a roupa que eu tenho que vestir, ou ser aprovada ou reprovada por que eu sou quem eu sou, eu acho que essa é a pior de todas as violências. Eu suporto um murro, eu suporto um tapa, eu suporto um palavrão. O que eu não suporto é simplesmente eu não ser reconhecida e respeitada por ser quem eu sou. Eu quero ser reconhecida. Eu acho que a maior de todas as violências é essa negação da minha pessoa como ser humano (Entrevista realizada com Margarida, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS)

A violência física e a morte estão diretamente conectadas com o reconhecimento de sua vulnerabilidade social e econômica em torno da atividade de

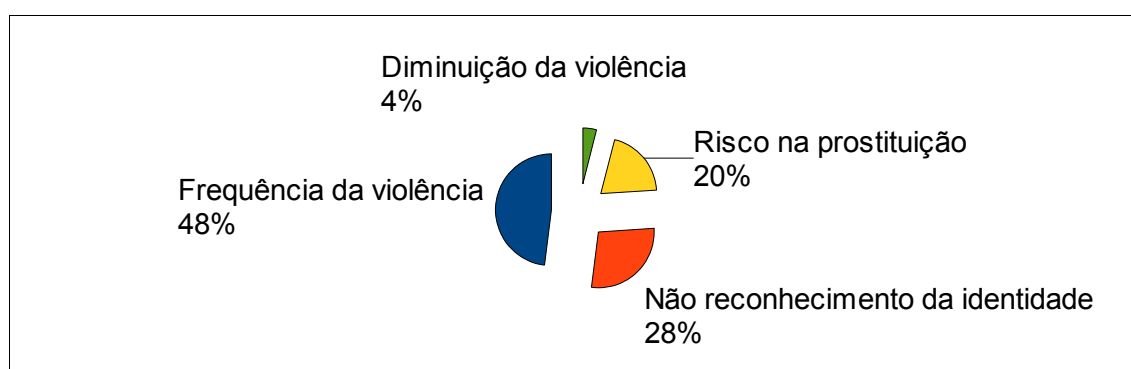
prostituição. Elas sentem que estão desprotegidas e são alvos fáceis de vários tipos de pessoas. O trecho que segue é um modelo da articulação entre violência física e morte, relatado por Iris:

[o grupo sofre] odo tipo de violência. Porque a gente que precisa da rua [referindo-se à atividade de prostituição], a gente tá ali à mercê. A gente não sabe se vai voltar pra casa, se a pessoa que a gente tá entrando dentro do carro, se vai trazer a gente de volta viva, ou vai largar lá já morta. Então, a gente não tem segurança nenhuma. (Entrevista realizada com Iris, em Abril de 2014, em Ponta Grossa, no Grupo Renascer.)

A falta de acesso à justiça é parte da estrutura discursiva que institui as representações sociais das travestis e transexuais femininas em relação à violência e morte. Para Tulipa “a pior violência é a injustiça, o descaso, a falta de conhecimento de quem toma a frente dessa situação”. (Entrevista realizada com Tulipa, em Outubro de 2013, em Londrina, na casa da Margarida.)

Quando solicitadas a realizar uma avaliação sobre suas vidas relacionadas a sua situação de violência, suas falas aglutinaram 4,01 % do total de evocações. No gráfico 13 é possível observar que elas constituem uma relação lógica entre as categorias discursivas instituindo uma clara representação social de sua vulnerabilidade à violência e à morte.

Gráfico 13 – Avaliação sobre a violência na vida das travestis e transexuais femininas



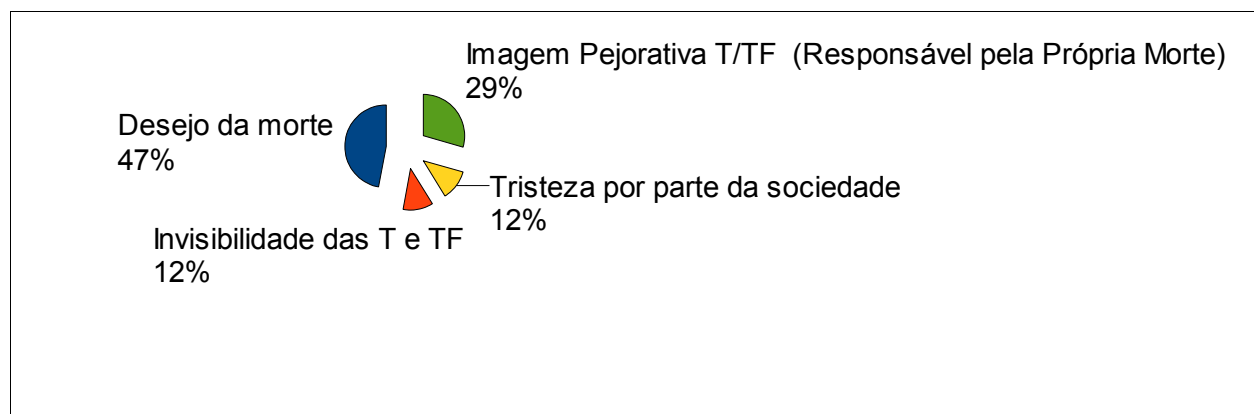
A estrutura discursiva observa que a não aceitação de sua identidade de gênero e sexual cria uma situação de exclusão que as coloca em risco de exercício da prostituição como alternativa de sobrevivência e isso faz com que a violência se coloque em suas vidas como algo frequente. Contudo, as entrevistadas mais velhas argumentam

que, se comparado à duas décadas atrás, há diminuição da violência por parte de policiais. Louro (2008) deixa claro que as normas regulatórias da sociedade imprimem as marcas nos corpos. Para as travestis e transexuais femininas as marcas de violência são nítidas, bem como o reconhecimento de uma trajetória comum do grupo que articula a negação de sua existência dentro dos parâmetros estabelecidos socialmente como normais. Jasmim traz um trecho de entrevista que ilustra esta representação:

Diário, as violências. Tem a psicológica que nego passa no ônibus gritando, xingando a gente. É gente que taca as coisas em você. É gente que para o carro, chama você só pra te dar uma extintorzada na cara. Um monte de gente que eu já vi voltar com a cara branca, parecendo um fantasma. Eu acho que a transexual tá exposta à todo tipo de violência, desde a psicológica, moral e física. Porque ela tá ali. Do mesmo jeito que pode chegar uma pessoa boa, levar ela, fazer tudo com ela e pagar ela bonitinha, pode chegar uma pessoa má, obrigar ela, levar ela pro meio do mato e fazer tudo porque ela não tem nem o direito de morrer dignamente. Ela é um lixo. Nem um lixo ela é, porque um lixo é definido e ela não é. Eu morro de medo, depois de tudo que eu passei, eu tive que voltar né [referindo-se à atividade de prostituição]. Então, a gente tem medo porque eu sei que tudo que eu passei pode se tornar verdadeiro de novo. Me dá medo pensar que eu não vou aguentar dessa vez. Porque mesmo se eu sofrer uma agressão dessa e sobreviver, eu não sei se eu vou conseguir viver depois, porque com isso que me aconteceu já é difícil. (Entrevista realizada com Jasmim, em Outubro de 2013, em Londrina, na casa da Margarida.)

Esta avaliação da violência em sua vida está associada à imagem que a sociedade em geral cria sobre a morte de pessoas do seu grupo. Nas suas experiências concretas relatadas, a ideia que a sociedade faz das travestis e transexuais femininas concentrou 2,73 % do total de evocações. O gráfico 14 apresenta as categorias que foram geradas pelo agrupamento das evocações.

Gráfico 14 – Imagem da sociedade sobre morte de travestis e transexuais femininas



A análise evidencia que na maioria das falas há uma situação de oposição

entre o grupo de pessoas entrevistadas e a sociedade. Suas experiências concretas levam a considerar apenas 12% de evocações que trariam a ideia de que a sociedade poderia sentir algum pesar pela morte de uma travesti ou transexual feminina. Ao contrário, todas as outras evocações estruturaram categorias discursivas que coloca em lados opostos a sociedade e o grupo. Ao considerar as categorias 'Desejo da Morte' (47%), 'Imagem Pejorativa T/TF' (29%) e 'Invisibilidade da Travesti' (12%) podemos afirmar que 88% das evocações expressam sérios conflitos.

As travestis e transexuais femininas entrevistadas consideram que a imagem pejorativa que a sociedade faz delas impulsiona o desejo de que elas não existam, e assim, sua morte passa despercebida. Margarida, em um trecho de sua entrevista, traz uma fala exemplar do grupo:

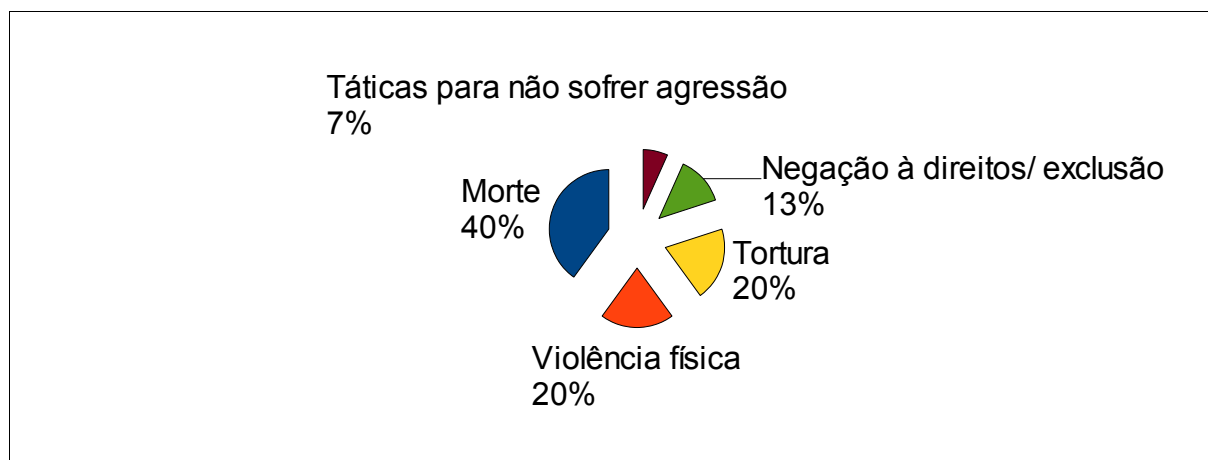
Existe uma higienização pessoal, que pra sociedade é extremamente normal, ver uma travesti morta. Eu acho que é uma imagem que sempre vai ser normal. A morte vai estar sempre ligada ao estigma da prostituição, da promiscuidade. Eu acho que é isso que justifica toda essa violência. É o fato de as pessoas não entenderem o porquê que essas pessoas estão ali à mercê de tudo isso. Não se tem interesse dos órgãos de segurança de estar esclarecendo o real motivo daquela morte. Então, eu acredito que a sociedade aplaude quando morre. A sociedade aplaude violência contra travestis e transexuais. Quero que dê ênfase à isso, porque é a realidade. É a realidade e você vai ver isso. (...) A sociedade aplaude sim que outras pessoas façam o serviço sujo que elas gostariam que fosse realizado, que é a exterminação de nós travestis e transexuais (Entrevista realizada com Margarida, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

Os relatos de experiências limites, nas quais elas reconhecem que estiveram próximas da morte, concentrou 7,23 % do total de evocações. Estas evocações constituíram duas categorias complementares. Uma delas que relata o tipo de violência sofrida e o outro que congrega os locais de ocorrência desta experiência em que a fronteira entre a morte e a vida era tênue. De forma contundente, aparece o território da prostituição e a rua⁴¹ como sendo constituídos do fenômeno de morte.

Quando questionadas sobre suas maiores preocupações em sua avaliação sobre a violência em suas vidas, as travestis e transexuais femininas entrevistadas conformaram 2,41% do total das evocações. O gráfico 15 evidencia que suas experiências concretas as levam a temer a morte, associada com a tortura e com a violência física.

⁴¹ Do total de 15 evocações (100%) sobre a espacialidade em que a fronteira entre a morte e a vida era tênue, 11 evocações (73%) se relacionavam ao território da prostituição/rua, as outras 4 categorias (23%) aos bares, a casa, a escola e o bairro.

Gráfico 15 – Temor de formas de violência por parte de travestis e transexuais femininas.



A frequência da violência com que o grupo é tratado faz com que elas tenham uma morte que ocorre embebida pelo ódio que se materializa pela tortura. Mott e Cerqueira (2003) argumenta que o assassinato de pessoas LGBT ocorrem de maneira diferenciada de uma pessoa heterossexual, tendo em vista a veemência do requinte de crueldade sofrido por pessoas LGBT no momento de suas mortes. O autor nomeia enquanto crimes de ódio, estes assassinatos que a identidade sexual da vítima foi o motivo.

Ao contexto das travestis e transexuais femininas, Cabral, Silva e Ornat (2013) apontam que os crimes com requinte fazem parte das estatísticas da mortes do grupo. Os autores ainda apontam que a espacialidade em que ocorre o crime é de fundamental importância para o assassino executar a vítima de uma maneira ou outra. Em espacialidades onde há um maior fluxo de pessoas a execução da vítima é rápida, com a utilização de arma de fogo. No entanto, quando o assassino tem o privilégio de estar em uma espacialidade de menor fluxo ou ausência de pessoas, a vítima é executada com um requinte de crueldade, o qual é fortemente embebido de violência psicológica e tortura física.

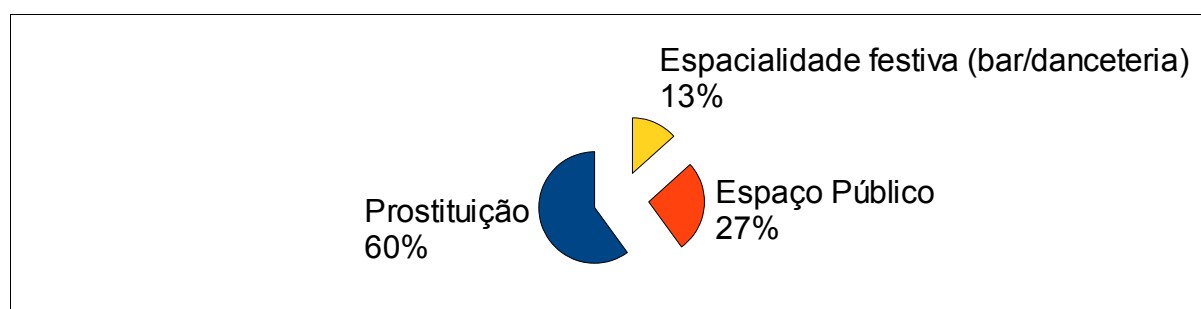
Iris cria o desejo de se livrar da morte associada à tortura dizendo: *“eu já preferia o tiro que a gente não sente. Prefiro isso do que faca, estrangulamento ou tirar uma parte do corpo, tirando devagarinho, cortando, braço, perna né”*. (Entrevista realizada com Iris, em Abril de 2014, em Ponta Grossa, no Grupo Renascer).

O temor de crimes violentos associados à transfobia é comum entre elas.

Apesar de todo o temor da morte associada à tortura, há ainda que se considerar que elas lutam, criam estratégias para não serem alvos fáceis aos criminosos e também apontam para a necessidade de superar a negação de suas vidas. Margarida lembra que morrer, para ela, significa mais do que a morte física, dizendo que a “*exclusão em vida eu acho que é a pior de todas as coisas*” (Entrevista realizada com Margarida, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS).

O discurso das pessoas entrevistadas quando elas foram provocadas a relacionar espaços de maior vulnerabilidade à morte, concentrou 2,41 % do total de evocações. O gráfico 16 ilustra a associação entre espaço de prostituição e espaço público.

Gráfico 16 – Espaços de vulnerabilidade à morte na interpretação de travestis e transexuais femininas.



A área de prostituição, em geral, um território urbano na concepção de Ornat (2008), é o espaço de maior associação com a morte, notadamente a morte violenta. Azaleia diz que “*o momento de trabalho, quando precisamos estar nas ruas, correndo atrás do nosso ganha pão, da nossa sobrevivência. Esse é o local mais crítico para sermos violentadas e assassinadas*”. (Entrevista realizada com Azaleia, em Agosto de 2013, em Curitiba, no Transgrupo Marcela Prado.). As outras entrevistadas fizeram o mesmo tipo de associação. Isso traz mais um elemento que se soma à definição do território paradoxal⁴² já proposto por Ornat (2013).

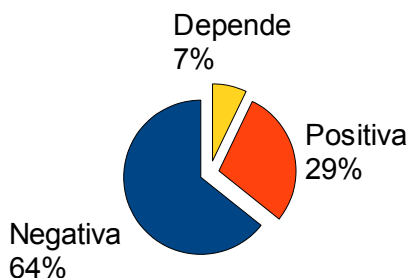
⁴² A partir da proposta de Ornat (2013) sobre o território paradoxal da prostituição travesti ainda é possível concluir que quando o cliente contata a travesti, no território, em busca de serviços sexuais, ela está no centro das relações de poder, podendo estipular o preço, e as condições do programa. Já o cliente, se encontra numa posição de margem, podendo apenas aceitar caso realmente deseje os serviços sexuais daquela travesti. No entanto, quando ocorre um acordo na contratação do programa, e a travesti vai a outra espacialidade para realizar o programa com o cliente, a situação é inversa, e a travesti fica a margem das relações de poder, enquanto o cliente assume o papel de centralidade. Assim, a travesti fica suscetível ao não pagamento do programa, a realização forçada das condições além das contratadas no território da prostituição travesti, bem como fica vulnerável à violência e a morte.

O território paradoxal é constituído por múltiplas e variadas dimensões e espacialidades da vivência travesti, posicionando sujeitos ora no centro, ora na margem de relações de poder, dependendo das marcas que esses corpos carreguem e das relações sociais realizadas. (ORNAT, 2013, p.203-204)

Segundo o autor (2013), o território da prostituição não é apenas um local de conquista de condições financeiras de sobrevivência, mas um espaço que viabiliza a manutenção identitária do grupo de travestis. É também ali que elas se sentem aceitas pela sociedade, podendo expressar sua feminilidade e despertando o desejo. Contudo, paradoxalmente o mesmo espaço que lhes permite viver, é também o espaço que se faz de suas representações sociais de vulnerabilidade à morte.

Por fim, as experiências concretas do grupo de entrevistadas sobre a vivência de agressões graves que as colocaram em um limite tênue entre a vida e a morte trouxe evocações sobre o atendimento da saúde, com 2,25 % do total de evocações.

Gráfico 17 – Tipos de experiências de atendimento em instituições de saúde.



O acesso à saúde, como visto no capítulo anterior desta dissertação, é bastante dificultado às travestis e transexuais femininas. Quando elas sofrem algum tipo de ato de violência que as coloca em uma situação limite, é inevitável que as pessoas possam prescindir deste tipo de atendimento. Das evocações do grupo, 64% apresentam experiências negativas quando necessitaram de atendimento, 29% das evocações constituíram uma categoria positiva e 7% alega que teve situações positivas devido a postura de funcionários bem treinados para receber pessoas como elas.

A ideia do atendimento positivo (29%) refere-se às conquistas do nome social e o respeito que elas obtiveram em instituições de saúde pela sua identidade como travesti

ou transexual feminina. O treinamento de pessoas que recebem as pessoas que necessitam de atendimento é fundamental para que as instituições de saúde passem a ser mais acessíveis ao grupo.

No entanto, Carneiro e Ornat (2014, p.217) argumentam que

“Em muitas situações vivenciadas esta determinação⁴³ não é cumprida, gerando constrangimento a estas pessoas. Outro aspecto levantado nos relatos sobre as vivências nas Espacialidades da Saúde são as recordações de morte, considerando-se a presente negligência de atendimento para com as travestis.”.

Esta realidade exposta pelos autores corrobora as experiências negativas quando as travestis e transexuais necessitaram de atendimento em instituições de saúde (64%). Azaleia, alega que:

nos casos que eu sei de meninas que sofreram violência, elas são levadas para o pronto atendimento dos hospitais. Elas entregues lá, são desrespeitadas, são colocadas nas alas masculinas. Muitas meninas que eu conheço que estão vivendo com HIV/AIDS precisam de hospitais de referência para esse atendimento e elas são colocadas lá, como qualquer outra pessoa. (...) Por mais que algumas delas tenham se recuperado no atendimento hospitalar, elas sempre saem descontentes do atendimento que tiveram. O que pega mesmo é a questão do desrespeito à identidade dessas pessoas [referindo-se à identidade de gênero e sexual]. Isso agrava muitos problemas de saúde. Eu costumo dizer em todos os setores que a partir do momento que você, é desrespeitada, tudo piora. Ao invés de você ajudar a tratar aquela pessoa, você está prejudicando muito mais, porque você vai estar afetando o lado emocional dela. A chance de recuperação de qualquer violência física é diminuída, pode levar pessoas à morte. (Entrevista realizada com Azaleia, em Agosto de 2013, em Curitiba, no Transgrupo Marcela Prado.)

Nesta seção evidenciamos, por meio das experiências espaciais concretas do espaço urbano, que as travestis e transexuais femininas vivem uma cidade excludente. Tais experiências urbanas, por serem vivenciadas nas situações preconceito e discriminação, passam pelos mais variados tipos de violência até chegar à morte. Os espaços urbanos na infância e adolescência, como a escola e a casa, tradicionalmente ligados à ideia de proteção e auxílio, para o grupo entrevistado é representado como sendo de desconforto, opressão e violência. Além disso, o mesmo território da prostituição que garante a possibilidade de existir como travesti e transexual é o mesmo que o grupo

⁴³ Esta nota de rodapé não consta no original. A determinação que os autores se referem é esta “A identificação pelo nome e sobrenome, devendo existir em todo documento de identificação do usuário um campo para se registrar o nome pelo qual prefere ser chamado, independentemente do registro civil, não podendo ser tratado por número, nome da doença, códigos, de modo genérico, desrespeitoso ou preconceituoso”. (BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.820 de 13 de agosto de 2009**)

teme morrer. Assim, o espaço é sempre relativo às possibilidades de experiências e passível de ser reinventado.

7 - A morte como elemento da vida cotidiana e as representações sociais sobre futuro: a luta pelo direito de envelhecer

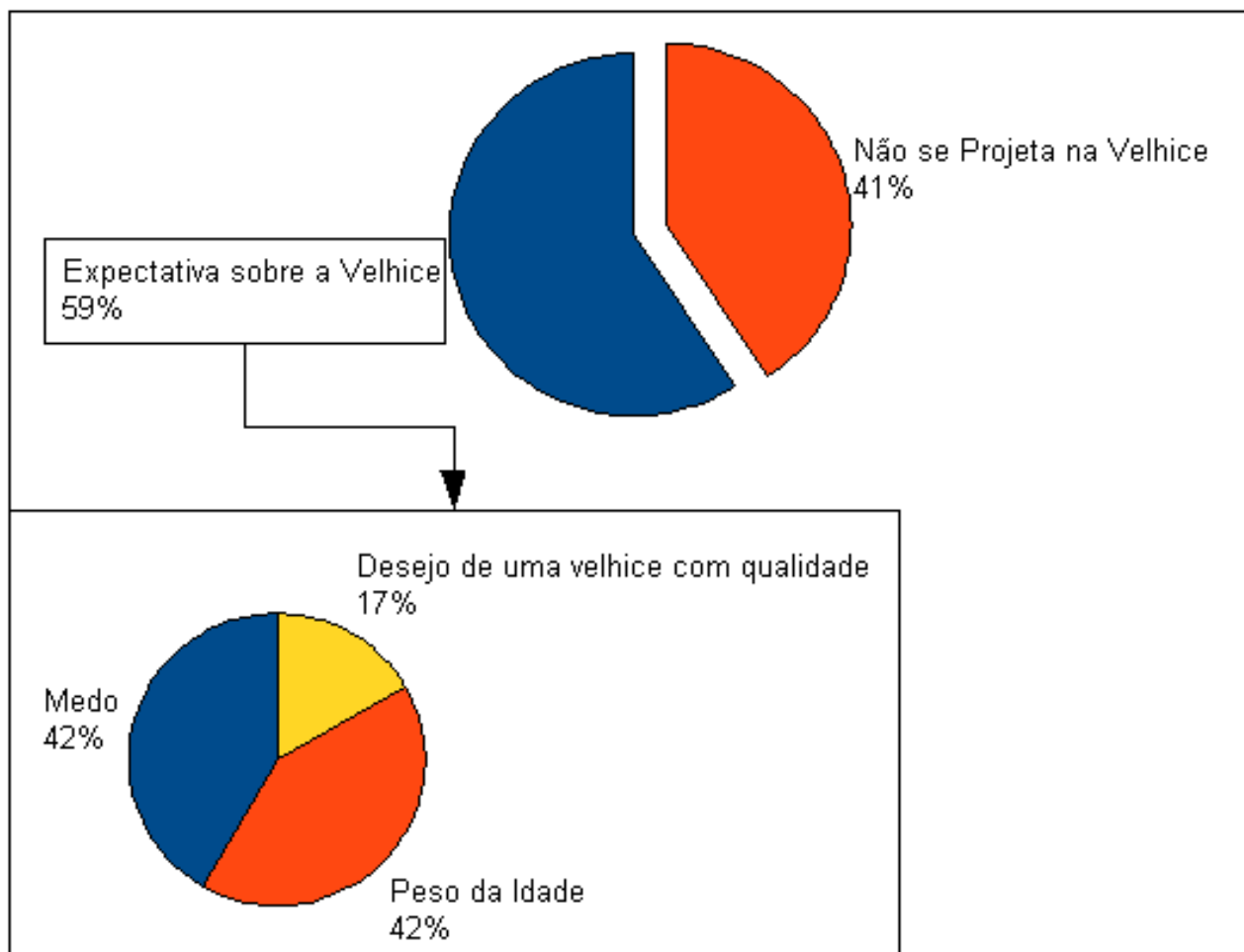
Na seção anterior, foi possível trazermos para este estudo as representações sociais sobre a morte que travestis e transexuais femininas a partir de suas experiências concretas ao vivenciar a cidade. Mas as representações sociais não são totais e muito menos fixas. Há um movimento interessante detectado no discurso das pessoas entrevistadas que será explorado nesta seção. Um deles segue a tendência de que a morte, enquanto elemento do cotidiano de travestis e transexuais, implique no fato de que elas não realizam projetos de vida de longo prazo. O outro é o da resistência e da luta que pode tencionar a organização das experiências urbanas vivenciadas pelas travestis e transexuais femininas e constituir, quem sabe, uma cidade mais promissora de oportunidades para o grupo.

Valentine (1993) elabora sua teoria da relação entre espaço e heteronormatividade, argumentando que o espaço é componente da norma, mas também pode ser um elemento de subversão. Se na seção anterior inferimos que a morte de travestis e transexuais está vinculada à cidade heteronormativa, precisamos ainda explorar as fissuras dessa ordem e o crescimento da resistência ao destino fatídico que se desenha no seu cotidiano.

O envelhecimento é uma fase da vida que é pouco preparada para ser uma realidade concreta pelas pessoas entrevistadas. Quando elas foram questionadas sobre como elas projetavam seu envelhecimento, elas produziram 4,34% do total das evocações. Tais evocações foram organizadas em dois eixos de categorias bem definidas. 41% das evocações constituíram a categoria de 'Não projeta a velhice' e 59% das evocações evidenciam que elas criam expectativas só para o processo de envelhecimento.

O gráfico 18 evidencia que, mesmo entre aquelas que criam expectativas sobre o envelhecimento, as representações de medo e peso da idade são marcantes.

Gráfico 18 – Projeção do envelhecimento por parte de travestis e transexuais femininas.



Como a vulnerabilidade à morte precoce é algo comum ao grupo, muitas delas não projetam em si mesmas um processo de envelhecimento, como pode ser visto no trecho de relato de Azaleia:

Não [referindo-se ao fato de não projetar seu envelhecimento]. Primeiro, porque eu tenho medo da velhice. Não trabalhei isso na minha cabeça. Talvez pelo medo da morte e do grande número de violência que a nossa população sofre. Até pelas questões naturais, porque eu costumo dizer hoje eu com 40 anos eu me sinto com 60. Isso porque a carga de vida que eu tive me faz sentir esse peso da vida. Isso me causa muitos danos a minha saúde e claro, tenho o medo da violência, de sair e ser assassinada ou, até mesmo dentro de sua própria casa. Mas claro que tenho medo da velhice. Porque eu nunca pensei em envelhecer. (Entrevista realizada com Azaleia, em Agosto de 2013, em Curitiba, no Transgrupo Marcela Prado.)

Mesmo aquelas que dizem ter expectativas sobre o processo de envelhecimento, esta fase da vida é vista como temerosa. São comuns os relatos de

casos de amigas que tiveram uma velhice desamparada. Um aspecto importante é perceber que a velhice não é um dado apenas cronológico. Os discursos da travestis e transexuais evidenciam que a fase de entrada dos 40 anos já mostra aquilo que elas chamam de 'peso da idade'. As travestis e transexuais vivem a vida transformando o corpo e muito atentas à estética como visto em Pelúcio (2005⁴⁴), Benedetti (2005⁴⁵). Portanto, ser velha nas representações sociais das travestis e transexuais femininas, não é o mesmo que para outros grupos. Violeta fala sobre o peso de envelhecer associada ao fato de ser uma travesti, referindo-se à um limite de idade de sessenta anos.

Olha não gostaria de chegar aos 60, mas se for a permissão de Deus, fazer o que. Imagina, já é travesti e ainda velha? É pra acabá! Eu acho que já deu. Já vivi aquilo que tinha de viver. Acho que a idade tem um limite como todas. Acho que a idade pesa mais para uma travesti do que para um hetero, bem mais. (Entrevista realizada com Violeta, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

Mesmo assim, há entre elas o 'desejo de uma velhice com qualidade'. Este desejo se relaciona as lutas que às entrevistadas realizam hoje, bem como as questões estéticas de seus corpos no futuro. O trecho de entrevista de Margarida revela este desejo.

Eu vou estar idosa, eu acho envelhecer com saúde. Dignidade te faz você melhor, e eu acho que tantas pessoas nesse encontro, que são pessoas já com sua maturidade, com a sua vivência, isso só dignifica, dignifica o ser humano, dignifica tudo aquilo que acredita, os nossos ideais que as coisas melhoram dia a após dia, nos dá força de envelhecer eu quero um dia assim tá velhinha, bonita cheia de botox (risos) viver da melhor forma possível minha vida que eu acho que é mais importante, eu quero tá bonita, gostosa que eu acho que isso é um direito de qualquer uma, mas assim dentro das minhas condições, das minhas possibilidades, o que vai me dignificar a minha velhice, é a minha qualidade de vida hoje, no agora, então se eu lutar agora eu posso ter paz amanhã, então eu acho que a luta, começa hoje pra que amanhã eu posso tá vivenciando o que eu desejo, que é uma velhice (Entrevista realizada com Margarida, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

O desejo de uma velhice tranquila pode se realizar, na medida em que ações concretas são realizadas e as falas sobre como elas se preparam concretamente para uma velhice tranquila gerou 2,41% do total das evocações. Duas categorias puderam ser constituídas. A primeira, com 67%, reúne aquelas que afirmam que não estão realizando

⁴⁴ PELÚCIO, Larissa. Na Noite nem Todos os Gatos são Pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **cadernos pagu** v.25, 2005, p.217-248.

⁴⁵ BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ações concretas para viver o período da velhice e 33% relatam suas estratégias para enfrentar o envelhecimento.

O trecho da entrevista de Azaleia evidencia que a falta de perspectiva de futuro faz com que as travestis e transexuais femininas vivam apenas o tempo presente.

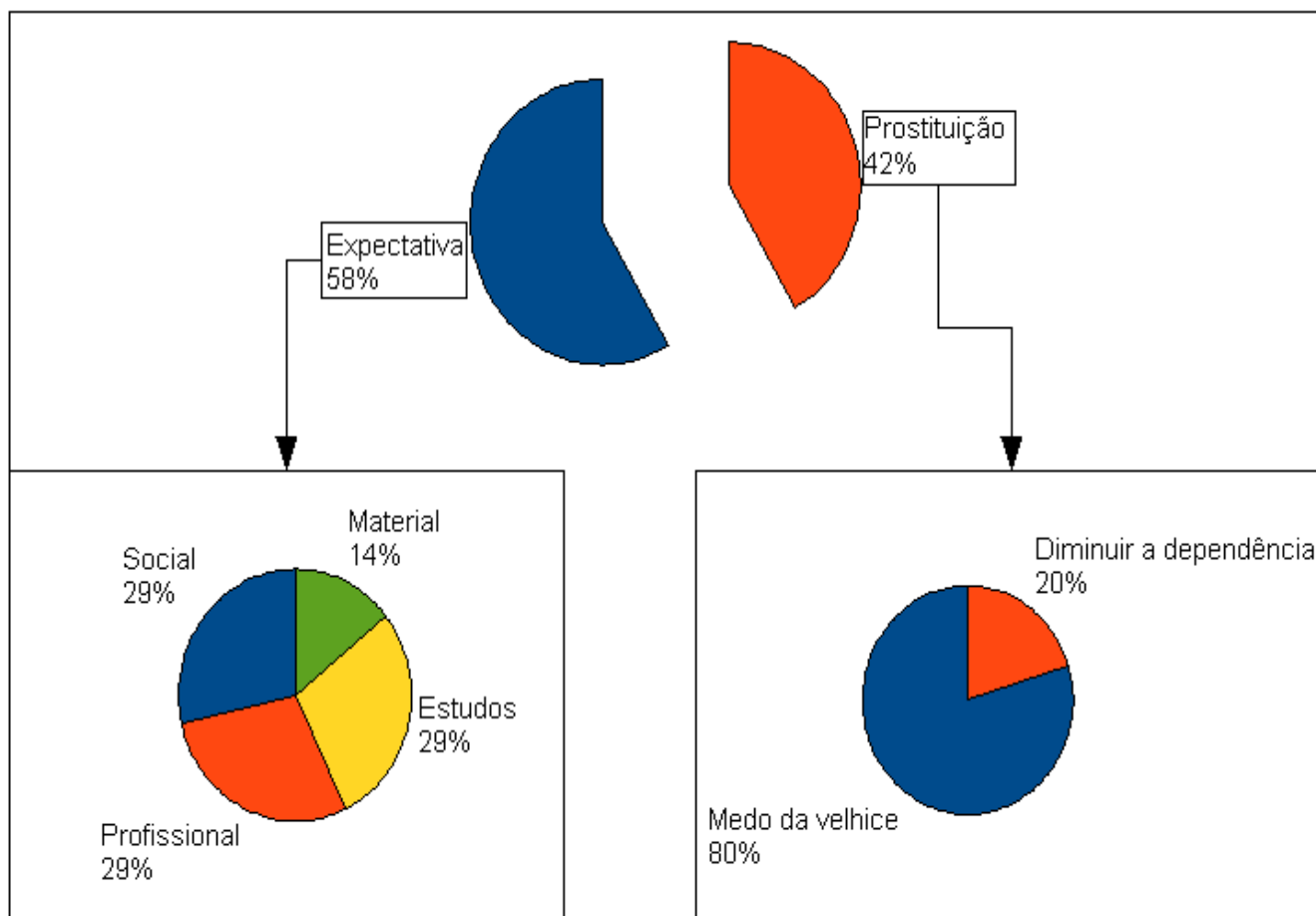
O que eu ganhei hoje, eu tenho que gastar hoje! Justamente por essa falta de perspectiva de envelhecer. Eu acho que eu não posso me privar de ter uma cama boa, de ter um carro bom, de ter um casa boa, de comer bem hoje. Isso porque talvez essa velhice talvez possa não chegar. Nunca guardei dinheiro na minha vida. Nunca consegui guardar. Até porque eu nunca ganhei tanto dinheiro assim, nem com a prostituição, nem com os trabalhos que eu tive. Todo o dinheiro que eu ganhei foi para me manter, sempre dentro do conforto que eu sempre quis. Então, para mim era isso que importava e ainda hoje importa. Eu ter o conforto hoje e viver bem. Porque como eu falei, a perspectiva e envelhecer e como vai ser isso depois eu não parei para pensar. (Entrevista realizada com Azaleia, em Agosto de 2013, em Curitiba, no Transgrupo Marcela Prado.)

A categoria que reuniu evocações sobre o preparo para a velhice trouxe a preocupação com bens materiais como casa própria e cuidados preventivos com a saúde, como é o relato de Violeta.

Eu guardo dinheiro no banco. Hoje eu tenho uma qualidade de vida a mais, então sempre quando sobra um dinheiro a mais eu guardo. Eu me procuro em me preparar para quando chegar um certo tempo, para não precisar mais trabalhar, não fazer nada, ter meu carro, minha casa e não precisar mais fazer isso [referindo-se à atividade de prostituição]. Eu sempre faço exame de rotina, de cuidados. Estou sempre atenta à minha saúde. Hoje eu viso a saúde né, coisa que eu não via antes. Não me importava, mas hoje eu viso bastante. (Entrevista realizada com Violeta, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

Quando elas foram questionadas sobre suas expectativas de futuro, as pessoas do grupo realizaram falas que representam 1,92 % do total de 622 evocações que compuseram a totalidade das falas do grupo entrevistado. Estas evocações foram agrupadas em duas categorias que, por sua vez, apresentam eixos internos. O gráfico 19 evidencia o esquema representacional.

Gráfico 19 – Expectativas de futuro relatadas por travestis e transexuais femininas.



O imaginar o futuro está associado à sonhos e expectativas e à realidade de não poder mais sobreviver da atividade de prostituição. Elas alegam que a atividade de prostituição é competitiva e necessita ser alimentada pela sedução da juventude e pela beleza do corpo perfeito. Desta forma, as travestis e transexuais femininas tem muito medo de envelhecer na prostituição, na medida em que seus corpos envelhecem e as novas travestis e transexuais surgem. Azaleia aponta o cenário competitivo, movido pela novidade e beleza dos corpos mais jovens.

o medo das travestis, justamente de envelhecer talvez seja isso também, por quê como que eu vou me prostituir? até porque dia a dia, principalmente hoje em dia que essas novas safras que estão vindo muito precocemente, você envelhece muito mais cedo dentro da prostituição, antigamente as travestis né ... existiam as meninas que eram menores de idade se prostituindo mas a maioria era maior de idade, de 18, 20, 25.... 30 anos você já era velha na prostituição, antigamente hoje, com 25 você já é velha na prostituição, é igual carreira de modelo, ela é meteórica, então hoje as meninas estão se assumindo mais cedo, aos 13, 14 anos já virando travesti, transformando seus corpos, caindo na prostituição precocemente, saindo de casa, para se prostituir, e aos 18, 20 anos já estão envelhecidas para a prostituição, porque

já vai vir outra safra de 15, 16 e é mais ou menos isso. ((Entrevista realizada com Azaleia, em Agosto de 2013, em Curitiba, no Transgrupo Marcela Prado.))

A partir deste cenário, o grupo reconhece o limite da dependência da prostituição como possibilidade de sustento financeiro no futuro e, por isso, sentem medo de não constituir outras alternativas fora do universo da prostituição que foi vivido intensamente durante a fase jovem. A decadência física faz parte da ideia de envelhecer e não ter mais como sobreviver na atividade de prostituição, como nos diz Iris.

Eu tenho 42 anos. Tô estudando e não dependo muito da rua [a rua nesse contexto é sinônimo de atividade de prostituição]. Espero quanto menos depender dela, vai ser melhor. Até mesmo porque, nós travestis, temos prazo de validade. A minha validade já se esgotou e por isso que eu tô me dedicando ao estudo. Eu quero me formar, eu quero ter o meu trabalho estável e ficar quitenha, e curtir a minha velhice. (Entrevista realizada com Iris, em Abril de 2014, em Ponta Grossa, no Grupo Renascer.)

As expectativas em relação ao futuro somam 58% das evocações e evidenciam que, apesar das dificuldades, as travestis e transexuais ainda sonham com a possibilidade de uma vida confortável e com dignidade. Elas relatam ter expectativa em poder vivenciar uma sociedade mais acolhedora com relação à orientação de gênero e sexualidade, pois isso traria mais chances de estudos e oportunidades de trabalho o que, consequentemente, lhes traria uma vida material mais confortável e segura. Margarida em sua fala traz um relato significativo desta tendência.

Eu acredito num Brasil igualitário, em um país que ainda venha respeitar o ser humano pelos seus valores, não pela roupa que se veste. Eu acredito que um ser humano não pode ser julgado pela cor, pela estatura do corpo, pelo padrão de beleza. Eu acredito que a gente tem que ser valorizada pelo que a gente é. Eu acho que é essa expectativa que eu quero. Eu quero poder dizer que eu estava certa, que eu vivi a minha vida da melhor maneira possível e envelheci dignamente. Não estou aqui dependendo do serviço social e sou amada, tenho aquilo que eu busquei. Seja pouco ou muitos milhões ou um salário que me dignifique no final do mês. Mas que eu não dependa de ninguém, não dependa de um marido, de uma assistência social, de uma cesta básica ou de uma doação. Eu morro de medo. O meu maior medo é de terminar como muitas amigas minhas terminaram, precisando das outras [referindo-se às outras travestis mais jovens]. Eu acho que isso é injusto, sabe. Você viver uma vida toda, você acreditar, você desejar e você não ser atendido, não ter esse desejo realizado. (...) É isso, eu quero é uma expectativa de vida e que seja longa. (Entrevista realizada com Margarida, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

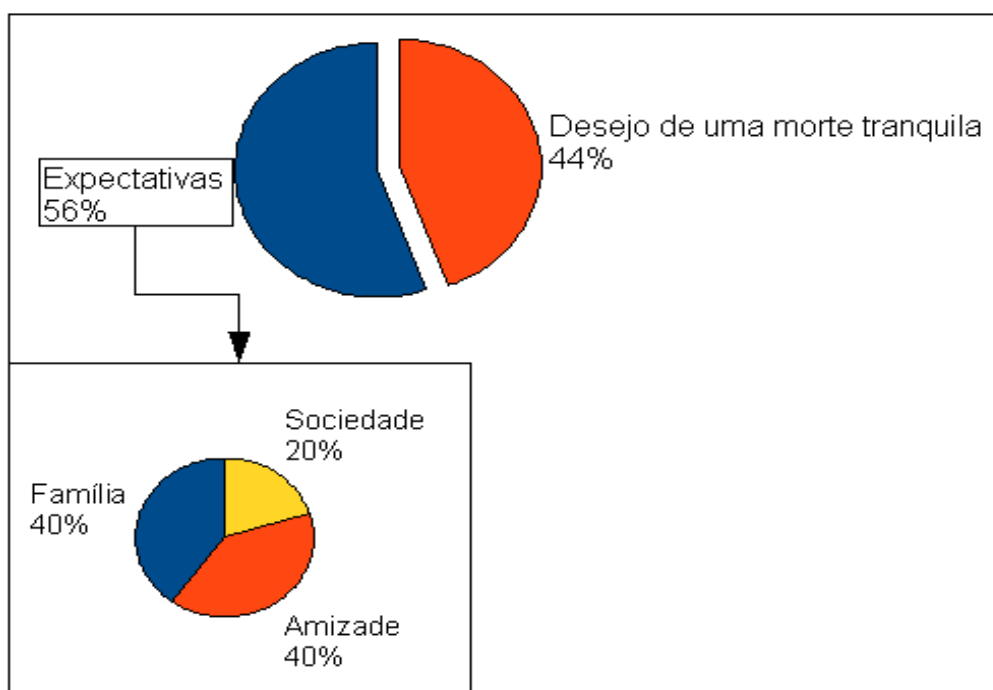
Quando elas foram provocadas a falar sobre o pensamento sobre sua própria morte, as falas obtiveram 3,86% do total das evocações. 83% destas evocações revelam que a morte é um tema que permeia a existência do grupo e que influencia no modo de

sua existência imediata. Azaleia argumenta que

dentro dessa falta de perspectiva, de não pensar na velhice, de se utilizar de todo recurso que você ganha hoje para viver o hoje. Eu acho que isso, inconscientemente, a gente não fala muito sobre isso dentro do nosso meio. Não fala da possibilidade da morte amanhã ou precoce. Da velhice é um assunto que não é falado e até pelas próprias infecções que agente tem hoje, de doenças e tal. A gente não comenta muito sobre isso. Mas eu acredito que inconscientemente é assim mesmo que as pessoas se norteiam em suas vidas, que elas têm pavor e sabem que vão morrer mais jovens que as demais pessoas. Até porque se você fizer um levantamento, você vai encontrar muito poucas travestis na terceira idade. Então, isso tudo é um reflexo para vida das meninas. Não tem tantas travestis na terceira idade que elas conheçam e que contem as suas histórias. Parece que as travestis e transexuais são determinadas a não chegar a terceira idade (Entrevista realizada com Azaleia, em Agosto de 2013, em Curitiba, no Transgrupo Marcela Prado.)

A ideia que elas fazem de sua morte gerou 1,44 % do total de evocações. As evocações foram organizadas em duas importantes categorias discursivas. Uma delas girou em torno das expectativas que elas nutriam sobre o que as pessoas pensariam quando soubessem de sua morte. A outra categoria reuniu o desejo de que sua morte seja tranquila, sem violência, de forma diferente das notícias de morte de travestis e transexuais femininas conhecidas.

Gráfico 20 – Ideia de morte de si



A presença constante da morte em seu cotidiano e a consciência que elas são vulneráveis à morte violenta faz com que o 'Desejo de uma morte tranqüila' esteja ligado em oposição às suas experiências concretas, como fala Violeta: “Eu quero dormir e não acordar mais. Minha morte eu desejaria assim, deitar numa cama para dormir e não acordar mais. Não quero sofrer em hospitais, nem sofrer na rua, ser encontrada morta, espancada, esfaqueada em uma rua qualquer”. (Entrevista realizada com Violeta, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

Os discursos das travestis e transexuais entrevistadas trouxeram evocações sobre as expectativas do sentimento de pessoas que viriam a saber de sua morte. Os amigos são pessoas com quem elas mantêm identificação e o sentimento seria de perda de alguém importante. A família é lembrada com ambiguidade, já que as travestis e transexuais vivem vários conflitos ao longo da vida com o núcleo familiar. A sociedade em geral, para elas, teria a interpretação de higienização de alguém que não faria falta para ninguém. O trecho de entrevista de Violeta expressa a tendência discursiva do grupo:

Eu acho que eles ficariam muito tristes [referindo-se aos familiares]. Hoje eles ficariam tristes. Se fosse outro tempo, não. Já passei por morta várias vezes para eles. A minha mãe já foi no cemitério ascender vela pra mim, achando que eu tava morta. Então eu acho o que eles sofreriam muito, mesmo que eu não convivi muito tempo com eles, mas eles sofreriam muito. Mas deixar os amigos é lamentável. Você veja, eu perdi um amigo agora, que era gay, que era como se fosse um filho pra mim. Você veja, ele tinha 21 anos, era de dentro da minha casa e eu cuidava dele. A família dele é homofóbica devido a religião deles. Ele se matou. Foi muito triste assim, saber que eu pedi um amigo. Da mesma forma eles ficariam tristes se soubessem que iam me perder. A gente discutia muito sobre isso, de quem ia primeira. Se eu ia primeiro ou ele. De repente, ele tirou a própria vida. Ele era lindo. Mas para a sociedade [referindo-se à morte de uma travesti ou transexual femininas] eles pensam que é menos uma. Graças à Deus foi pro inferno aquela infeliz. É o que ela fala, a sociedade. (Entrevista realizada com Violeta, em Setembro de 2013, em Curitiba, no XX ENTLAIDS.)

O presente capítulo, com base no discurso de travestis e transexuais femininas, analisou as representações sociais da morte elaboradas pelo grupo a partir de suas experiências concretas, tanto de preconceito, discriminação, violência e risco de morte. Elas argumentam sobre uma trajetória de experiências espaciais urbanas em que os espaços interditados (casa, escola, trabalho) culminam no estabelecimento de outra possibilidade de existência. O espaço mais comum é o território da prostituição. Contudo, podemos afirmar que o mesmo território que possibilita a vida, também é aquele que mais representa sua morte, aprofundando, assim, a noção paradoxal já elaborada por Ornat

(2008).

Além disso, foi possível evidenciar que mesmo que as representações hegemônicas da morte para travestis e transexuais femininas estejam relacionadas à violência, abandono social e abjeção, dificultando assim a possibilidade de vivenciar a velhice, há ainda vários elementos de luta contra tal processo.

Embora o grupo de travestis e transexuais femininas interpreta a cidade por meio de preconceito, violência, exclusão e morte. O grupo, através da mobilização por meio de Organizações não governamentais (Ongs) de apoio, desenvolvem ações de resistência e táticas para reduzir a vulnerabilidade social do grupo. Através da organização de eventos para a sensibilização da população a respeito da vivência de travestis e transexuais, bem como através de orientações para redução do risco ao grupo, e acessória jurídica, o grupo passa a produzir a visibilidade de sua versão do espaço urbano. É através de ações como estas que o grupo luta por uma sociedade mais humana e justa, capaz de conviver com a pluralidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada analisou como os espaços de morte são representados pelas travestis e transexuais femininas. A linearidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual estrutura a heterossexualidade compulsória em nossa sociedade ocidental, conforme argumenta Butler (2003). Os corpos que fogem a esta norma sofrem diversas interdições ao longo de suas vidas por meio do espaço, como argumenta Valentine (1993). Silva (2009) e Namaste (2000) afirmam em suas pesquisas que travestis e transexuais femininas constituem o grupo de maior vulnerabilidade da população LGBT.

Assim, o grupo entrevistado por transgredir a heterossexualidade compulsória acaba ao longo de toda sua vida sofrendo diversas punições, como interdições, violências e a interdição à própria vida. Silva e Ornat (2010) observam a relação entre a interdição espacial, onde a escola, casa, lazer e a possibilidade de um trabalho formal são retiradas das travestis e transexuais e desta forma o grupo acaba tendo como uma das poucas possibilidades para obter renda a prostituição. O território da prostituição, surge como uma das principais espacialidades para o grupo no tocante à vulnerabilidade, é através dele que as experiências de vulnerabilidade frente a violência e a morte são compartilhadas pelo grupo, e passam a resignificar as representações sociais do grupo.

No Brasil, o Grupo Gay da Bahia, através de seus relatórios anuais aponta que as travestis e transexuais que atuam na atividade da prostituição estão em uma posição de maior vulnerabilidade, pois é neste momento que seus corpos estão expostos à violência e a morte. A violência que culmina em morte, sofrida pelo grupo de travestis e transexuais no Brasil, está relacionada ao fluxo de pessoas na espacialidade do crime. Assim, espacialidade com muito fluxo de pessoas, fazem com que o assassino se utilize de armas de fogo, para que a morte seja rápida e que sua identidade se mantenha anônima. No entanto, em espacialidades de baixo fluxo ou nem um fluxo de pessoas, o assassino executa a travesti/transexual feminina com requinte de crueldade, embebido de muita violência física e psicológica. Estas notícias de travestis e transexuais assassinadas através das mídias e de conhecidas/amigas passam a compor as representações sociais das entrevistadas.

As representações sociais do grupo entrevistado ocorrem quando estas notícias de travestis e transexuais femininas distantes (não familiar) em algo recorrente ao seus próprios cotidianos (familiar). Através da 'ancoragem', que as notícias de

assassinatos de pessoas que transgridam a norma heterossexual (como as travestis e transexuais femininas) são interpretadas aos contextos das entrevistadas, passando a 'objetivar' que suas vidas correm grande perigo em meio a heteronormatividade compulsória.

A pesquisa evidenciou que o conjunto de representação sociais produzidas pelo grupo entrevistado sobre sua vulnerabilidade, está intimamente relacionado pela constituição de uma imagem negativa do grupo social por parte da sociedade heteronormativa que associa o grupo à marginalidade. Este conjunto de representações sociais produzidas pelo grupo das travestis e transexuais femininas entrevistadas sobre sua vulnerabilidade evidencia que há uma ligação entre vulnerabilidade como um produto da sociedade heteronormativa, notadamente pela constituição de uma imagem negativa do grupo social associada à marginalidade. Desta forma, a imagem negativa atribuída as travestis e transexuais femininas produz a ideia de que a sua morte é algo banal, desprovida de valor algum, fazendo disso um dispositivo social para se livrar da responsabilidade da sociedade heteronormativa, sendo ele culpar o grupo pela sua própria vulnerabilidade e morte.

As representações sociais das entrevistadas em torno da morte como uma experiência cotidiana, retrata um quadro de violência que atinge pessoas com as quais elas possuem fortes vínculos afetivos, de forma violenta, em geral, cuja autoria do crime é uma pessoa do sexo masculino. Segundo elas, a imagem negativa de si, constituída pela sociedade contribui para a impunidade e o acesso à justiça, mas acreditam ainda na organização política do grupo como alternativa de luta.

A pesquisa, ainda evidencia que as representações sociais das entrevistadas a respeito da própria vulnerabilidade à morte está intimamente relacionada as punições que o grupo sofre em diversas espacialidades, isto se deve ao fato de que a norma heterossexual está inscrita nestas espacialidades, e assim reflete os anseios da heterossexualidade em punir os corpos transgressores da heteronormatividade. Desta forma, as interdições que o grupo sofre, aliadas as representações sociais compartilhadas pelo mesmo apontam que entre as diversas espacialidades de sofrimento estão a casa, as escolas, os hospitais e os espaços públicos, no entanto o sentimento de maior vulnerabilidade à morte para o grupo é majoritariamente no território da prostituição, pois elemento como violência, tortura e morte assombram em vida o grupo.

Este cenário atual de interdições, violências e morte à vivência travesti e transexual faz com o grupo resinifique suas vidas futuras constantemente. Desta forma as

representações sociais do grupo entrevistado a respeito de suas perspectivas futuras demonstram grande preocupação por parte do grupo, pois temem não chegar a velhice devido a uma morte prematura, resultante das punições que a sociedade heteronormativa possibilita. O desejo de uma morte tranquila aparece para o grupo como uma forma de romper com o destino que a sociedade heteronormativa anseia.

No entanto, o grupo entrevistado não está se preparando para a velhice através das questões financeiras e de saúde a longo prazo, portanto o grupo vive o hoje de maneira intensa, mas reconhece que a prostituição corresponde ao momento atual de suas vidas, e portanto possuem muito medo de envelhecerem e terem de atuar na prostituição, pois o grupo argumenta que além de suas cargas de vida atribuem maior peso à suas idades, fazendo que uma travesti na meia idade seja já considerada 'idosa', a perda de sua beleza através dos tempos é preocupante para o grupo.

Como forma de tentar romper com o 'destino' que a sociedade heteronormativa lhes conferem, algumas táticas são apontadas pelo grupo de travestis e transexuais como o término dos estudos, aliados a uma busca pela qualificação profissional bem como a diminuição da dependência da prostituição.

Enfim, a pesquisa evidencia que a cidade pode ser interpretada de inúmeras maneiras por diferentes grupos sociais, conforme argumenta Duncan (1990). O grupo de travestis e transexuais femininas interpreta a cidade por meio da dor, preconceito, degradação de suas imagens, violência, exclusão e morte. Porém através de suas resistências e militâncias lutam para transformar este cenário. Assim, construir a visibilidade de sua versão do espaço urbano é uma forma de lutar por uma sociedade mais humana e justa, capaz de conviver com a pluralidade social.

REFÊRENCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** / Miriam Abramovay *et al* – Brasília : UNESCO, BID, 2000.

ARIÉS, Pilippe. **Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média**. Lisboa: Teorema, 1975

AIZURA, Aren Z. “Trans feminine value, racialized others and the limits of necropolitics”. In: HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN Adi, POSOCCO, Silvia. **Queer Necropolitics**. New York: Routledge, 2014, p. 129-147.

BALZER, Carter; HUTTA, Jan Simon; ADRIÁN, Tamara; HYNDAL, Peter; STRYKER, Susan. **Transrespect Versus Transphobia Worldwide: A Comparative Review of the Human-rights Situation of Gender-variant/Trans People**. Germany: Tvt. 2012

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOULEVARD, Gláucia. “Vida de travesti é luta! Luta contra a morte, luta contra o preconceito, luta pela sobrevivência e luta por espaço”. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. p.69-81.

BROWNE, Kath. “Genderism and the bathroom problem: (Re)materializing sexed sites, (re)creating sexed bodies”. **Gender, Place and Culture** v.11, p. 331– 46. 2004

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York & London: Routledge. 1993.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. **El género em disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precaria. El poder y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CABRAL, Vinicius. **Espaços de morte e representações sociais de travestis na cidade de Ponta Grossa – Paraná**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

CABRAL, Vinicius; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. “Espaço e morte nas representações sociais de travestis”. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. p.69-81.

CARNEIRO, Marcia Tobias; ORNAT, Marcio Jose. “Espaço, atendimento de saúde e sexualidades segundo a ivência Travesti em Ponta Grossa – Paraná”. **Terr@ Plural**. v.8, n.1, p. 203-223, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. “Espaço: um conceito-chave da Geografia”. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p . 15-47.

DINIZ, Debora. “O Escândalo da Homofobia- imagens de vítimas e sobreviventes”. **Revista Ecopós**.v. 17, n.1. p.1-19. 2014.

DOAN, Petra L. “Queers in the American City: Transgendered perceptions of urban space”. **Gender, Place and Culture**. v. 14, n. 1, p. 57-74. 2007.

DOAN, Petra L. “The tyranny of gendered spaces - reflections from beyond the gender dichotomy”. **Gender, Place and Culture** v. 17 n. 5, p. 635-654. 2010.

DUNCAN, James S. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyen kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press , 1990.

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

GRUPO ESPERANÇA. **Direito Humanos: Brasil sem transfobia**. Curitiba: Grupo Esperança, s/d.

HEREK, Gregory M. Beyond “Homophobia”: Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the Twenty-First Century . **Sexuality Research & Social Policy**. v.1.n.2 p.6-24, 2004.

KOVÁCS, Maria Júia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Reume Damará, 2001

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

MASSEY, Doreen B. “Space of Politics”. In: MASSEY, Dooren B; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press; Oxford: Blackwell Publishers, 1999. p.279-294.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **Matei porque odeio gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

NAMASTE, Viviane K. “Genderbashing: sexuality, gender and the regulation of public space”. In: Namaste, Viviane K. **Invisible Lives: The Erasure of Transsexual and Transgendered people**. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p.135-156.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, **World report on violence and health: summary**. Geneva, World Health Organization, 2002. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf>. Acesso em: 29 março. 2012.

ORNAT, Marcio Jose. **Território da Prostituição e a instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

ORNAT, Marcio Jose. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro – RJ.

ORNAT, Marcio Jose. “A instituição do território paradoxal na atividade da prostituição travesti”. In: SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose e CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2013, p.183-206.

RIOS, Roger Raupp. “Homofobia na Perspectiva do Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação”. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Mec/Unesco. 2009.p.53-83.

ROOKE, Alison. “Trans youth, science and art: creating (trans) gendered space”. **Gender, Place and Culture**, 17, n. 5, p. 655-672. 2010

ROSE, Gillian. **Feminism & geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. “How Bodies Come to Matter: An interview with Judith Butler”. **Signs**, v. 23, n. 2, p. 275-286, 1998.

MBEMBE, Achille. Necropolitics. Public Culture, **Duke**, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003

SÁ, Celso Pereira. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova** – Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio. “Dos Espaços Interditos à Instituição dos Territórios Travestis: Uma Contribuição às Geografias Feministas e *Queer*”. **Terra Livre**, v.2, p. 53-68, 2010.

SILVA, Joseli Maria. “A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade”. In: Silva, SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009. p.136-149.

SILVA, Joseli Maria. “Espaço interdito e a experiência urbana travesti”. In: SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose e CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. (Orgs.). **Geografias Malditas**: corpos sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2013, p.85-142.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social”. **Revista Território**, ano II, n.3, p.13-35, 1997.

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday space. **Environment and Planning D: Society and Space**, v.11, n.4, p.395-413, 1993.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, v.11, n.4, p.387-396, 2008.

Apêndice

Apêndice 01 - Roteiro de Entrevista com as Travestis e as Transexuais Femininas

Data : Local da Entrevista:
Identificação da entrevistada 1 - Nome fictício: 2 - Idade: 3 - Auto-identificação de gênero: 4 - Atividade profissional : 5 - Atua na atividade de prostituição? Como atividade principal de renda/casual? 6 -Você participa de alguma instituição política, como Ong ou Grupo e Direitos humanos? 7 – Onde você nasceu? (cidade)
Experiências de Morte com travesti/transexual (motivação a partir das notícias) - O que você pensa ao ver estas notícias? - Você já teve conhecimento sobre algum tipo de acontecimento como este? - Qual notícia menos lhe agrada? Por quê? - Se você pudesse resumir em uma palavra a imagem que menos lhe agradou, qual seria? - Há algum elemento da notícia que não lhe agrada? - O que você acha que a sociedade pensa ao ler uma notícia como esta? - Qual é a sua opinião sobre a razão de haver crimes como este? Por quê? - Quantas pessoas travestis que você sabe que já sofreram graves violências, chegando ao risco de morrer? Quem foram? Como foi a violência? Quem foi o/a agressor/a? Como ela foi tratada? - Quantas pessoas travestis que você viu ou soube da morte? Você consegue dizer a causa morte de cada uma?
Suas expectativas sobre violência e morte - Você já sofreu algum preconceito ou discriminação? Pode falar sobre isso? - Ao longo de sua vida existiram espaços onde você sofreu por ser travesti/transexual? Quais? Por quê? - Qual é o pior tipo de violência que uma travesti/transexual pode sofrer? - Como você avalia a violência na vida de uma travesti/transexual? Fale sobre a frequência, tipos e seus maiores temores? - Em quais espaços você se acha mais vulnerável à violência e a morte? Há espaços que você evita frequentar por causa do medo de violência contra você? - Você já sofreu graves violências, chegando ao risco de morrer? Como foi a violência? Quem foi o/a agressor/a? Como foi tratada? - Qual o tipo de violência que você tem mais medo de sofrer? - Como você avalia sua vida no futuro? Quais as suas expectativas? - Você se vê no futuro como uma pessoa idosa? - Está se preparando para a sua velhice em termos financeiros, e de saúde? - Você pensa sobre sua morte? - Se sim, qual é a sua idéia de morte? Tipo de morte? Local, expectativas em relação à sua família, amigos e a sociedade? - Como você pensa que as instituições de saúde tratariam casos de violência que poderiam levar à morte? - Como você imagina que a sociedade pensa sobre a morte de travesti/transexual?
Avaliação livre: como você avalia a relação entre a vida e morte de pessoas travesti/transexual?

Anexos

Notícia 1 - Travesti de 40 anos é encontrado morto em apartamento de Curitiba

Vítima estava com as mãos e pernas amarradas no sofá da sala. Polícia suspeita que corpo em decomposição tenha ficado no local por 4 dias.

13/11/2012 14:03



Um travesti foi encontrado morto com sinais de sufocamento dentro de um apartamento no Centro de Curitiba. A vítima, de 40 anos, estava no sofá da sala com as pernas e mãos amarradas e uma camisa na cabeça, que de acordo com as investigações da Delegacia de Homicídios deve ter sido usada para sufocar a vítima. O delegado Rubens Recalcatti trabalha, entre as hipóteses, com a possibilidade de latrocínio, ou seja, roubo seguido de morte.

O corpo foi encontrado na segunda-feira (12) com sinais de decomposição. A polícia suspeita que a vítima tenha sido morta na madrugada de sexta-feira (9), já que não era vista desde quinta (8). “O pessoal começou a sentir um cheiro forte no prédio dela e começaram a fazer buscas. O porteiro subiu os andares do prédio e acabou encontrando o cheiro forte no quarto andar. Foi chamado um chaveiro, e então foi encontrado o corpo dele”, afirmou Recalcatti ao **G1**.

A suspeita de latrocínio tem origem em quatro celulares que a vítima possuía, mas que não foram encontrados no apartamento. Segundo Recalcatti, o travesti nasceu na Paraíba, mas trabalhava fazendo programas em Curitiba há algum tempo. As investigações continuam na tentativa de identificar o autor do crime.

<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/11/travesti-de-40-anos-e-encontrado-morto-em-apartamento-de-curitiba.html>

Notícia 2 - Travesti de 38 anos é encontrada morta com golpe na cabeça em Porto Alegre

13/05 10:05



O corpo de uma travesti de 38 anos foi encontrado na madrugada do último domingo, 12 de maio, pela Brigada Militar de Porto Alegre. Ele estava no Parque da Redenção, na área central de Porto Alegre. Segundo o delegado Filipe Bringhenti, a vítima foi assassinada com um golpe na cabeça.

"Não temos elementos para provar nada. Mas o histórico do bairro nos leva a crer que possa ter sido um grupo de skinheads", disse o delegado Filipe Bringhenti. Ninguém foi preso até o momento e a arma usada para matar a travesti também não foi encontrada. Ainda conforme o delegado responsável pelo caso, ninguém foi visto se aproximando ou deixando o local do crime.

<http://mixbrasil.uol.com.br/cultura/central/rs-travesti-e-morta-em-parque-de-porto-alegre-.html>

Notícia 3 - “Chacina” contra travestis aterroriza Indaial e região...

14/5/2012 08:24:01



Como já publicado anteriormente, os assassinatos contra travestis na região de Indaial vem acontecendo com frequência.

A “matança” está assustando moradores e turistas que passam pelas cidades do médio vale.

Está se tornando constantes matérias em jornais, revistas e internet revelando os acontecimentos.

O primeiro, Maicon Roux, de 20 anos, travesti conhecido em Indaial, foi baleado na madrugada do dia 26 de Janeiro deste ano.

O crime chocou moradores do bairro Encano do Norte, onde aconteceu o assassinato.

Logo depois, Jorge Luiz Feretti, de 21 anos, encontrado morto próximo ao trevo de acesso ao bairro Carijós, em Indaial, o motivo da morte não foi identificado, mas haviam fortes sinais de violência pelo corpo do rapaz. Jorge, que era travesti, costumava ficar próximo ao local de onde foi encontrado morto.

O terceiro e mais recente caso é de um travesti, ainda não identificado, mas que era conhecido como Stefanny, foi encontrado enforcado no viaduto da Mafisa, em Blumenau.

O corpo foi encontrado pendurado pelo lado de fora do viaduto na manhã desse dia 09, o trabalho das equipes para retirada do corpo chegou a deixar a BR 470 parada durante alguns minutos. Até o momento, o homem travestido ainda não foi identificado.

Houve apenas algumas manifestações de em redes sociais.

<http://www.adjorisc.com.br/jornais/alternativo/geral/chacina-contra-travestis-ateroriza-indaial-e-regio-o-1.1090332#.UbDQzIK024o>

Notícia 4 - Três travestis mortos em dez dias em Curitiba

Marcelo Vellinho 07/05/2009 às 00:00:00 - Atualizado em 19/01/2013 às 23:36:09



“Jenifer” teria dívidas com traficantes, segundo a polícia.

Mais um travesti foi assassinado, ontem, desta vez no centro, tornando-se o terceiro caso em dez dias na capital. Conhecida pelo nome de “Jenifer”, e identificada apenas como Rodrigo, a vítima levou um tiro nas costas, pouco antes da 1h, e morreu na calçada da Rua Visconde de Nácar, quase esquina com a Rua Saldanha Marinho.

Apesar do clima de apreensão entre os colegas das vítimas, a polícia acredita que não há vínculo entre os crimes que possa indicar algum tipo de perseguição a travestis.

Investigadores da Delegacia de Homicídios (DH) apuraram que “Jenifer” fazia ponto na região onde foi morta. O travesti era usuário de drogas e, ao que tudo indica, uma dívida com traficantes teria motivado o assassinato. Também surgiram comentários de que “Jenifer” costumava praticar furtos e roubos na região.

Testemunhas contaram à polícia que viram “Jenifer” descer a rua e, logo em seguida, escutaram três disparos. Um dos tiros acertou as costas da vítima, que tombou na calçada.

Dois veículos foram vistos deixando o local em alta velocidade - um Gol bola branco com película nos vidros e um Palio preto. Porém, até o momento, nenhum suspeito foi identificado pela polícia.

Onda

Dois travestis foram assassinados nos últimos dias, ambos próximo ao trevo do Atuba. Na segunda-feira da semana passada, Douglas Martins, a “Juliana”, 28, levou um tiro à queima-roupa na barriga, na Rua Javert Manfredini. Na última segunda-feira, Alexsander Botelho, a “Fernanda”, foi assassinada a poucas quadras dali, na margem da BR-476 (antiga BR-116).

O delegado Hamilton da Paz, da DH, afirmou que os três casos são investigados isoladamente e, até o momento, não há indícios de que possam estar relacionados. “Já temos suspeitas do que pode ter motivado cada um dos crimes.”

De acordo com o delegado, “Juliana” foi apontada, por outros travestis, como assaltante. “Ela costumava roubar até de seus clientes”, ressaltou. Por conta disso, a suspeita é que o assassinato de “Juliana” tenha relação com esses roubos. “Os outros travestis teriam envolvimento com drogas e as primeiras notícias são que ‘Jenifer’ devia para traficantes”, acrescentou Hamilton.

O delegado lembrou ainda que, pela vida que levam, os travestis ficam expostos à violência e tornam-se vítimas em potencial, já que se envolvem com pessoas, muitas vezes drogadas e bêbadas. Embora as autoridades policiais não acreditem em “extermínio de travestis”, Hamilton lembrou que nada está descartado.

<http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/371110/>

Notícia 5 - Segundo travesti é encontrado morto em Indaial em menos de um mês

sábado, 1 de junho de 2013



Segundo travesti é encontrado morto em Indaial em menos de um mês

A causa da morte e nome da vítima não foram informadas, pois a polícia aguarda a família para reconhecimento do corpo.

Um homem foi encontrado morto às margens da BR 470, em Indaial, próximo a Igreja Mundi, por volta das 8h deste sábado.

De acordo com as primeiras informações repassadas pela PM de Indaial, o homem estado vestido de mulher, e se prostituía na região.

A causa da morte e nome da vítima não foram informadas, pois a polícia aguarda a família para reconhecimento do corpo.

Vale lembrar, que este é o segundo travesti encontrado morto pela PM em Indaial é menos de um mês.

Em breve novas informações.

Plantão Policial SC / Folha de Indaial

<http://jaimebatistadasilva.blogspot.com.br/2013/06/travesti-morre-no-centro-de-blumenau.html>

Notícia 6 - Outro travesti é assassinado em Curitiba

Fernanda Deslandes 26/01/2011 às 00:00:00 - Atualizado em 20/01/2013 às 00:01:22



Corpo está no IML, onde aguarda reconhecimento.

Mais um travesti foi brutalmente assassinado em Curitiba. Desta vez, a vítima foi morta a tiros no Boqueirão, limite com São José dos Pinhais. O corpo foi encontrado por volta das 11h de ontem, caído em meio a um amontoado de entulho e lixo próximo à entrada do Parque Náutico e à ponte do Rio Iguaçu.

A vítima estava com a calcinha na altura dos joelhos e foi atingida por três tiros. O rosto foi desfigurado. Ao lado do corpo, peritos do Instituto de Criminalística recolheram alguns cartuchos de pistola calibre 380.

O travesti não portava documentos, aparentava ter entre 25 e 30 anos e vestia bota bege, saia jeans e jaqueta de moletom cinza, com touca. O corpo aguarda identificação no Instituto Médico-Legal.

Outro

No dia anterior, outro travesti foi morto violentamente. O corpo de João Leandro Rosário dos Santos, 26 anos, conhecido como "Natasha", foi encontrado no canteiro da Avenida Juscelino Kubitschek, Vila Santa Helena, na Cidade Industrial. Ele foi assassinado com pedradas na cabeça.

O presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Toni Reis, acredita que a violência contra os travestis está relacionada à falta de oportunidade de estudo, ocasionada pela homofobia nas escolas.

"Essas pessoas muitas vezes estão em um contexto de vulnerabilidade, com relação à prostituição e uso de drogas, por não terem oportunidade de ficar nas escolas devido ao preconceito".

<http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/507414/?noticia=OUTRO+TRAVESTI+E+ASSASSINADO+EM+CURITIBA>